

Bits de Mudança

Retratos de SL/A em Portugal
- de 2005 a 2007

Paulo Trezentos

II Retratos de SL/A em Portugal

À Luísa e ao Francisco.

Este documento foi escrito em \LaTeX .

IV Retratos de SL/A em Portugal

Agradecimentos

O primeiro agradecimento é merecidamente e inevitavelmente para o Marco Santos, editor do suplemento “Bits e Bytes” do jornal 24 Horas. O Marco apoiou-me desde a primeira hora e não podendo obviamente o “Bits e Bytes” alhear-se do sistema operativo mais utilizado pelos seus leitores - o Windows - tem apoiado a divulgação de alternativas. Recordo-me especificamente do episódio em que fui directamente visado numa carta ao Director do jornal escrita por uma personalidade pública, tanto o Marco como o Pedro Tadeu deram-me o seu total apoio. Gostando-se ou não do formato do “24”tenho testemunhado uma entrega absoluta pela missão de informar em liberdade. Liberdade face a pressões políticas. Liberdade face a interesses económicos.

Muitos destes textos foram escritos a horas tardias de 2ª feiras, dia da entrega dos textos ao Marco. À Sofia, minha mulher, que me tem apoiado no dia a dia e sido a luz dos dias escuros, um agradecimento especial. À minha família agradeço todo o incentivo a continuar. Obrigado.

Por fim, um agradecimento a todos que desenvolvem e divulgam o Software Livre / Aberto. Felizmente, não é possível referi-los individualmente.

Nos últimos anos tenho tido contacto com uma série de outros profissionais de diferentes sectores que contribuem de forma inegável para o crescimento do SL/A. São desconhecidos do público mas, na sua área, destacam-se pela qualidade do trabalho desenvolvido. Sem assumir publicamente um apoio explicito, mais por questões de eficácia de que por medo, vão desenvolvendo um trabalho de formiguinha. E fazem-no por acreditar que dessa forma estão a exercer da melhor forma a sua missão.

É o caso de F.C. no jornalismo. De A.P. nos corredores do poder. Ou J.M. na administração pública. A eles, uma eficaz minoria silenciosa, o merecido reconhecimento.

VI Retratos de SL/A em Portugal

Preâmbulo

O Software Livre / Aberto (SL/A) é hoje parte da vida de milhões de pessoas que directa ou indirectamente o utilizam em estações de trabalho e servidores.

Muitas das vezes fazem-no sem saber quando enviam um email através de um servidor, acedem à Internet através do Mozilla Firefox ou utilizam um website suportado em Linux como o Google.

A crescente penetração de SL/A não tem acontecido de forma pacífica como se poderia esperar. Interesses económicos de empresas multinacionais com valorização bolsista de milhares de milhões de dólares criaram situações de abuso de posições de mercado, desrespeito pelos standards e tentativa de atraso do inevitável crescimento deste tipo de software.

Desde Dezembro de 2004 que escrevo crónicas quinzenais sobre este tema no suplemento informático Bits & Bytes do *Jornal de Notícias* e, posteriormente, *24 Horas*. O exercício da escrita das crónicas revestiu-se para mim de uma oportunidade para descrever acontecimentos que mudaram a face da indústria informática e da sociedade de informação em Portugal.

Mas mais de que uma oportunidade tornou-se uma responsabilidade. A responsabilidade de, partindo da posição de responsável pela distribuição de Linux portuguesa, de docente universitário e investigador em projectos europeus, descrever uma realidade que não está presente nos meios de comunicação mais mediáticos. Como responsável do Linux Caixa Mágica fui convidado para dezenas de eventos espalhados pelo país e, sempre que possível, estive presente. Enquanto investigador tenho a sorte de participar em alguns dos maiores projectos de investigação europeus na área do SL/A. Essas duas visões permitiram-me escrever sobre uma determinada realidade.

A realidade de uma batalha que se trava em universidades, empresas e administração pública.

Em universidades e escolas quando, aula a aula, semestre a semestre, professores optam por utilizar o SL/A porque reconhecem-lhe o potencial de ser uma tecnologia disruptora. Em empresas por empresários que se apercebem dos novos modelos de negócio em que podemos ter uma palavra a dizer nos grandes desenvolvimentos mundiais e em que não somos meros utilizadores de funcionalidades desenvolvidas a milhares de kms. Na Administração Pública por funcionários que não são permeáveis a teias e interesses instalados, optando por standards e tecnologia abertos. Por governantes que compreendem que saltos tecnológicos implicam novas

estratégias e abordagens.

Optei desde o início por um estilo incisivo e polémico. Apesar dos dissabores pessoais que algumas das polémicas me trouxeram (cartas ao director do jornal, boicote por parte do Min. da Educação, etc..) acho ser esse o dever de quem escreve um texto opinativo. Mas também tentei ser justo com quem desempenha um bom trabalho, seja em funções governativas, seja como executante de uma estratégia. E temos em Portugal muitos e bons casos.

A reunião destes textos surgiu-me pela primeira vez em Julho de 2007 durante um evento sobre SL/A na educação, em Palmela. Um professor de TIC veio ter comigo e referiu guardar num dossier as várias crónicas que eu tinha escrito. Apesar de temporalidade e da inegável falta de mérito literário, havia alguém com interesse em poder ler mais tarde o que se estava a passar neste nosso mundo do SL/A.

Depois de analisar a questão reparei que, em breve, quando blogs e websites forem actualizados, pouco ficará a testemunhar as pequenas vitórias e derrotas como que nos deparámos durante estes anos.

Se algum mérito pode ter este conjunto de textos espero que seja esse: fazer justiça a quem em Portugal e no mundo tem acredito que o SL/A pode, na sua medida, contribuir para o desenvolvimento da nossa sociedade.

Sem fundamentalismos mas com a forte convicção de que, apesar de trabalhoso, ser “actor” no palco da vida é mais gratificante do que ser mero “espectador”.

VIII Retratos de SL/A em Portugal

Conteúdo

1	Ano de 2005	1
1.1	[11.1.2005] Software Livre e o sismo da Ásia	1
1.1.1	O anúncio mais caro da história do open-source	1
1.1.2	Versão Beta da Caixa Mágica 10 lançada no penúltimo dia do ano	2
1.2	[26.1.2005] Munique, Viena e as grandes cidades europeias	3
1.2.1	Software open-source é 'legal'	3
1.2.2	O Governo que se segue	4
1.3	[18.2.2005] O programador português do Kernel do Linux	5
1.3.1	"Eles falam, falam, falam... e não os vejo a fazer nada"	5
1.4	[4.3.2005] Stallman e Sampaio: 1 grau de separação	7
1.5	[18.3.2005] Não batam mais na Microsoft!	9
1.6	[1.4.2005] OpenOffice 2.0: 1 de Abril!	11
1.6.1	Evento Linux 2005 - III Encontro Nacional sobre Tecnologia Aberta	11
1.7	[8.4.2005] Há muitos anos atrás, num longínquo reino...	13
1.8	[29.4.2005] Migração do desktop: o grande desafio	15
1.8.1	Ministério da Justiça	16
1.8.2	Mandrake...ops... Mandriva	16
1.9	[13.5.2005] Adquirir um portátil: missão impossível	17
1.10	[10.6.2005] É o modelo, estúpido!	19
1.10.1	PC Conectado e os "Sérgios" brasileiros	20
1.11	[24.6.2005] Patentes de Software: a última palavra a 6 de Julho.	21
1.11.1	Eu gosto é do Verão...	21
1.12	[15.7.2005] Patentes de Software - nivelando o terreno	23
1.12.1	Linux a 10 mil pés de altitude e os sistemas embebidos	24
1.13	[22.7.2005] OSS2005 - Conferência Internacional de Open Source	25
1.13.1	Modelos OSS	25

1.13.2	Outras participações enriquecedoras	25
1.13.3	Escolas e Universidades	25
1.13.4	Administração pública (o-Government)	26
1.14	[12.8.2005] Grid Computing: Ciência portuguesa na “grelha”	27
1.14.1	Grid Computing sobre Linux e em Portugal	27
1.14.2	Diogo Vasconcelos de saída	28
1.15	[26.8.2005] GilDot: o maior fórum de discussão sobre SL/A em Portugal	30
1.15.1	Alinux - distribuição de Linux “Made in Alentejo”	31
1.16	[09.09.2005] Linux Media Center: lar, doce lar	32
1.16.1	Administração Pública	32
1.17	[23.9.2005] Certificação Digital em Linux	34
1.17.1	Estudos para todos os gostos	34
1.17.2	LAN Parties para vários gostos	35
1.17.3	Formato aberto para documentos	35
1.18	[28.10.2005] A face negra da indústria de software	37
1.19	[11.11.2005] Bohemia - a cerveja closed source do eng. Sobral	39
1.19.1	OpenOffice 2.0	40
1.20	[25.11.2005] KDE: num desktop perto de si	41
1.20.1	O achaque tecnológico	41
1.21	[9.12.2005] Firefox: o campeão de downloads	43
1.21.1	Ligar Portugal	43
1.22	[23.12.2005] 2005: O mundo é plano	45
2	Ano de 2006	47
2.1	[6.1.2006] Será 2006 um ano vintage?	47
2.1.1	O 2006 técnico	47
2.1.2	O 2006 político	48
2.1.3	Mundo empresarial	48
2.2	[20.1.2006] Comunidades: na década de 40 e hoje	49
2.3	[3.2.2006] A semana em que nevou...	51
2.4	[17.2.2006] Google: “Não sejas diabólico”	53
2.4.1	Caixa Mágica Servidor 10 Pro	54
2.5	[3.3.2006] Nokia 770: Linux na palma da mão	55
2.5.1	MIT(o) ou não MIT(o): eis a questão	55
2.6	[17.3.2006] Um mundo pequeno: Morton, portugueses e FSI	57
2.6.1	Linux 2006: de novo reunidos	58
2.7	[31.3.2006] Inovação. Mas qual é a pergunta?	59
2.7.1	Adaptative Path: inovação da Web 2.0 e do AJAX	59
2.8	[14.4.2006] Palm V e telefone Cisco: gémeos da inovação	61
2.8.1	Livros para as férias da Páscoa	61

2.9	[28.4.2006] Eu, cliente P2P, me confesso	63
2.9.1	iPod e compra de música on-line em Linux	64
2.10	[19.5.2006] Apple e Linux: o “Efeito Bota Botilde”	65
2.11	[2.6.2006] Formato ODF torna-se standard	67
2.11.1	Universidade: bem-me-quer, mal-me-quer,...	67
2.12	[16.6.2006] Onde se juntam hoje os pinguins?	69
2.12.1	Gooooogle ao cubo	69
2.13	[30.6.2006] Cozinhas & companhia	71
2.14	[14.7.2006] Franceses - campeões do mundo	73
2.14.1	Educação e Virtualização	73
2.14.2	Políticos à mesa	73
2.15	[28.7.2006] FreeDesktop.org - harmonizando pés e dragões verdes	75
2.16	[11.8.2006] Em nome da “Lei”: 1.4 Euros de filmes de férias...	77
2.16.1	Espanha e França, a “Lei iPod”	77
2.17	[28.8.2006] O Sherlock Holmes do PC	79
2.17.1	Shift ôôô Uma conferência para se pensar sobre Tecnologia	79
2.18	[8.9.2006] Servidores ao “fundo”	81
2.18.1	Alinex presente em 26.000 portáteis	81
2.19	[22.9.2006] Software sem “borbulhas”	83
2.20	[6.10.2006] ASSOFT e O Cobrador de Fraque	85
2.21	[21.10.2006] Virtualização: matryoshkas dos Sistemas Operativos	87
2.21.1	“Shift” Bill Gates: o cavalo certo	87
2.22	[3.11.2006] Firefox 2.0 Vs IE7: a guerra dos browsers ao rubro	89
2.23	[17.11.2006] Ubuntu e o Africano do EuroMilhões	91
2.23.1	Caixa Mágica 11 - Hora de mudar...	92
2.24	[1.12.2006] Microsoft e Novell: a “Viúva negra” e a sua cara-metade	93
2.25	[15.12.2006] Webktp - o desktop do futuro	95
2.26	[29.12.2006] Criatividade à solta e os The Gift	97
3	Ano de 2007	99
3.1	[12.1.2007] Nova geração de desktops: o momento dos 3D	99
3.1.1	Onde é que você estava...?	100
3.2	[26.1.2007] O nascimento da Fundação Linux	101
3.3	[9.2.2007] Você, Bill e o Vista	103
3.4	[23.2.2007] O Dia do Swing... de Sistema Operativo	105
3.4.1	Migrações	105
3.5	[16.3.2007] FOSDEM: o micro-cosmos do SL/A	107
3.6	[30.3.2007] Web, da utopia aos dias de hoje	109
3.6.1	Linux 2007 - o evento do ano de SL/A em Portugal	109
3.7	[13.4.2007] A morte do DRM	111

3.8	[27.4.2007] Linux 2007, o nascimento de uma indústria	113
3.9	[13.5.2007] Wireless Comunitário	115
3.9.1	Quinta-feiras pelo país	115
3.10	[1.6.2007] Vida de Pacote	117
3.11	[15.6.2007] Canivete suíço do século XXI	119
3.12	[29.6.2007] Teste de conformidade com o Choque Tecnológico	121
3.13	[13.7.2007] Porque o Mac não vai ser líder...	123
3.13.1	Feiras & exposições	123
3.14	[27.7.2007] A norma Office da Microsoft conseguirá o voto português?	125
3.15	[10.8.2007] A maravilhosa “Segunda Vida”	127
3.15.1	OOXML passa em Portugal	128
3.16	[24.8.2007] Wikipedia, José Sócrates e a ciber-jornalistas	129
3.17	[5.9.2007] iPhone da Apple: uma outra experiência	131

1 Ano de 2005

[11.1.2005] Software Livre e o sismo da Ásia

O que tem a ver o Software Livre com o maremoto do Sudeste Asiático?

Após a catástrofe, e como em muitos outros quadrantes da nossa sociedade, vários projectos open-source iniciaram campanhas de angariação de fundos de apoio às vítimas.

A Wikipedia, uma enciclopédia on-line que vai aumentando através dos contributos de utilizadores espalhados pelo mundo inteiro, criou uma página com a descrição dos países mais afectados e as melhores formas de contribuir.

Vários outros projectos, como o OpenOffice e o Mambo, incluíram ligações da sua página principal para instituições internacionais de ajuda.

O anúncio mais caro da história do open-source

O Firefox, um browser concorrente do Internet Explorer e que faz parte do projecto Mozilla - descendente do Netscape, conseguiu angariar fundos suficientes para colocar um anúncio de 2 páginas na edição de 16 de Dezembro do New York Times. Os 10.000 contribuintes que através da doação tornaram possível esta actividade de Marketing ao projecto viram o seu nome impresso na primeira página do anúncio. A segunda página trazia informação genérica relativa a este browser open-source.

Em vários fóruns portugueses colocou-se a questão de fazer o mesmo num jornal de âmbito nacional.

A publicidade feita à volta da campanha para angariar os 100.000 dólares (cerca de 76.000 euros) não irá certamente iniciar uma nova forma de comunicação de projectos open-source. As contribuições surgiram por esta ser uma ideia original. A principal forma de publicitar os projectos de Software Livre continuará a ser a comunicação 'boca-a-boca' e a referência em revistas e sites da especialidade.

Esta campanha recordou a muitos o anúncio que a Apple publicou quando o Windows 95 foi lançado. O

anúncio era página inteira e com ironia e sarcasmo q.b., contendo apenas a palavra: *C : \ONGRTLNS.W95*

Versão Beta da Caixa Mágica 10 lançada no penúltimo dia do ano

A Caixa Mágica, a distribuição de Linux portuguesa, lançou no dia 30 de Dezembro a versão Beta do Linux Caixa Mágica Desktop 10. Com a nova versão foi também lançado um mecanismo em que os utilizadores podem submeter um relatório de erros encontrados, contribuindo assim para a versão final.

Curiosamente, antes de ser anunciado já alguns utilizadores tinham descoberto no site de FTP e anunciado no site da Comunidade CM.

Esta nova versão envolveu o esforço de 10 programadores a tempo inteiro e meio-tempo durante 9 meses.

Como novidades temos o sistema de actualizações e instalação de software baseado no apt-get da Debian. Este sistema permite instalar software em Linux de forma facilitada resolvendo as dependências de outros softwares.

O download da nova versão superou as expectativas e a Caixa Mágica teve de desactivar o download a partir dos seus servidores, restando aos utilizadores o download por BitTorrent e através dos servidores que contêm cópias da nova versão (mirror).

[26.1.2005] Munique, Viena e as grandes cidades europeias

A cidade de Munique é frequentemente apontada como um exemplo da utilização de Linux em larga escala. Esta semana soube-se que a cidade de Viena, Áustria, vai possibilitar a 4800 empregados optarem por Windows ou por uma distribuição de Linux própria, a Wienux.

A Wienux é baseada em Debian e contém o OpenOffice, o KDE e o Firefox como Web browser.

Curiosamente, a distribuição Debian começa a afirmar-se como a escolhida por várias entidades para ser a base a partir da qual criam a sua própria distribuição de Linux. O Linex - o Linux da Estremadura espanhola, é um desses casos.

É natural que surjam vários outros bons exemplos entre cidades europeias porque a utilização de software open-source a nível das autarquias está mais facilitada do que a nível do poder central. A autonomia leva a que a avaliação das vantagens e desvantagens seja feita com maior cuidado.

À excepção do exemplo da Câmara Municipal de Arraiolos, que utiliza Linux e OpenOffice em dezenas de postos de trabalho, não são muitos os casos de Câmaras Municipais portuguesas que seguem esta tendência.

Existem várias razões para tal. A primeira é a falta de recursos humanos com conhecimentos de Linux. Dizia um responsável de uma outra câmara municipal do Litoral Alentejano que, tendo abrido um concurso para os serviços informáticos, não houve um único candidato com conhecimentos de Linux que se apresentasse a concurso. A carreira pode não ser suficientemente ambiciosa para atrair profissionais geralmente muito bem remunerados pelo mercado. Por outro lado, é bem conhecido que as Câmaras Municipais são dos locais onde existe mais software não licenciado. Uma câmara municipal que comece a iniciar pilotos de open-source teme repercussões a nível legal. Ou seja, muitas delas encontram-se numa espiral sem fim: não conseguem suportar financeiramente os custos do licenciamento e, por essa mesma razão, também não conseguem avançar com alternativas economicamente mais vantajosas.

Software open-source é 'legal'

A ASSOFT, em conjunto com a Polícia Judiciária, vai iniciar uma campanha de envio de 130.000 cartas para pequenas e médias empresas onde pede que as mesmas lhe enviem uma relação do software utilizado e das respectivas licenças.

Sempre que uma campanha destas é levada a efeito as estatísticas de download do OpenOffice e do Linux Caixa Mágica disparam.

Utilizando o duplo sentido da palavra 'legal', a comunidade brasileira de open-source têm um slogan que se aplica muito a este caso: software livre é legal.

O Governo que se segue

Ainda a campanha eleitoral não começou oficialmente e já a intervenção dos candidatos é grande. Nenhum se pronunciou especificamente sobre o software open-source mas o trabalho desenvolvido anteriormente pode e deve ser avaliado.

O PS no governo, e pela mão de Mariano Gago, foi responsável pela aprovação da Resolução do Conselho de Ministros n.º 21/2002 que defendia a 'promoção da utilização de sistemas abertos de software'. O PSD marcou a agenda ao promover o encontro 'Software Aberto na Administração Pública', colocar Linux nas salas TIC e a viabilizar as recomendações do PCP relativas ao Software Livre. A UMIC, agência do Governo com o pelouro da Sociedade de Informação liderada por Diogo Vasconcelos, muito responsabilmente prometeu avançar com outras medidas inovadoras na área do open-source: um repositório nacional de código (sourceforge), legislação para a obrigação da disponibilização do código-fonte dos projectos para o estado, pilotos, etc...

Espera-se que o próximo governo ponha em prática algumas destas ideias e seja cada vez mais interventivo nesta área.

[18.2.2005] O programador português do Kernel do Linux

Como é do conhecimento de muitos, o `linux` é o software responsável por implementar as funções essenciais de um sistema operativo.

O desenvolvimento do Kernel do Linux foi iniciado em 1991 por um estudante finlandês chamado Linus Torvalds. Ao longo dos anos tem sido desenvolvido por um conjunto de programadores distribuídos pelo globo. Existe uma filtragem natural que proporciona que um programador apenas integre a equipa do Kernel se demonstrar uma grande capacidade técnica.

O que já não é do conhecimento geral é que existe um português que já contribuiu para o kernel do Linux e, em concreto, para o suporte ao IPv6.

O IPv6 é a nova geração de Internet que permite funcionalidades especiais para a emissão de conteúdos multimedia através de multicast, alargar o actual conjunto de endereços IPs, entre outras novidades.

O leitor que tenha instalado o código-fonte do Linux e emita o comando `more /usr/src/linux/net/ipv6/protocol.c` vai ficar surpreendido com o resultado: o nome do autor é bem português.

A história remonta a 1996 quando um estudante da FCUL (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa), Pedro Roque, recebeu uma bolsa de estudo da FCT.

A bolsa do Pedro Roque tinha como objectivo estudar o protocolo IPv6. Para tal, em conjunto com o orientador - o Prof. Pedro Veiga, hoje responsável pela FCCN - foi definido que um bom campo de estudo seria a implementação do protocolo em estudo.

O sistema escolhido foi o Linux e a programação do subsistema IPv6 foi aceite para integrar o kernel que hoje utilizamos em desktops e servidores.

Se a história tem um lado positivo que demonstra que o Linux abre novas oportunidades a investigadores portugueses para integrar a nata do desenvolvimento mundial, tem também um lado negativo.

Em 1997, o Pedro Roque foi contratado pela maior empresa mundial de equipamentos de rede para integrar a sua equipa nos Estados Unidos e nunca mais desenvolveu actividade em Portugal.

As nossas universidades, centros de investigação e empresas tardam em aprender com estas experiências. É preciso manter em Portugal a excelência dos nossos investigadores através da criação de oportunidades para os mesmos.

Só com o reconhecimento do valor de quem sai das universidades é que poderemos atingir a excelência e inovação. Caso contrário, continuaremos a ser um país "sem Rei, nem Roque".

"Eles falam, falam, falam... e não os vejo a fazer nada"

A célebre personagem do Gato Fedorento não pode ser invocada para descrever o debate promovido pela APDSI. Este debate, destinado a analisar as estratégias para a Sociedade de Informação, contou com as presenças dos cinco partidos representados na Assembleia da República: PSD (Diogo Vasconcelos), PS (Mariano Gago), CDS/PP (João Caldas), PCP (Bruno Dias) e Bloco de Esquerda (Carlos Patrão).

O debate foi interessante por diferentes motivos e não desiluiu as 250 pessoas que se deslocaram ao Forum Picoas no dia 11 de Fevereiro.

A grande surpresa foi o tema do software open-source ocupar, em conjunto com as patentes de software, metade do tempo de debate. Comprovou-se assim que a agenda política dos partidos na área das TI está definitivamente marcada pela necessidade de reforçar as iniciativas relacionadas com open-source.

O PCP através do deputado Bruno Dias recordou a proposta de resolução que apresentaram no sentido de reforçar a presença do Software Livre na administração pública e educação. O Dr. Diogo Vasconcelos, que dirige a UMIC, respondeu enunciando os vários projectos que tinham sido realizados com sucesso neste âmbito pelo Governo e que já aqui foram referidos num artigo anterior.

O Bloco de Esquerda apresentou o seu programa para as TI em que 1 dos 4 pontos é relativo à sua proposta de utilização obrigatória pela administração pública de software open-source. Por fim, o PP e o PS não aprofundaram este tema nem apresentaram as suas propostas concretas neste campo.

Para além de positivo, o balanço mostra-nos que já existem políticos a dominar o dossiê do software open-source.

Tanto o Bruno Dias como o Diogo Vasconcelos dominam claramente os conceitos, têm trabalho de casa feito e ideias muito próprias sobre como o open-source pode contribuir para o desenvolvimento do país.

Precisamente por estarem em quadrantes políticos diferentes, PSD e PCP, demonstram que o open-source não é do partido X ou do partido Y, é transversal a toda a sociedade. Assim, quando " eles falam, falam, falam..." é porque sabem do que estão a falar.

[4.3.2005] Stallman e Sampaio: 1 grau de separação

Se existe uma teoria científica que fascina qualquer mortal é a teoria dos "Pequenos mundos". Esta teoria, inicialmente proposta em 1967 pelo psicólogo Stanley Milgram, afirma que entre nós e qualquer outra pessoa do globo existem apenas 6 graus de separação.

Isto é, através dos meus contactos chego a um número X de pessoas. Através dos conhecimentos dessas pessoas chego a um número ainda maior de outras pessoas e assim por diante até ao sexto grau em que atingiria todos os habitantes do planeta.

Sendo matematicamente fácil provar esta teoria, a mesma deu origem a uma peça da Broadway, inspirou o filme "Six Degrees of Separation", em 1993, e mais recentemente aos sites "Orkut" e "LinkedIn".

Penso que o Dr. Jorge Sampaio dispensa apresentações mas Richard Stallman porventura já não é um nome familiar de todos.

Stallman é o responsável da GNU e, desde 1984, líder do movimento de Software Livre ("Free Software").

Ao contrário de Linus Torvalds ou do movimento "open-source", Richard Stallman defende que o direito de aceder à fonte do software e poder alterá-la sai do mero plano tecnológico e entra no plano político ou ideológico. Defendendo por vezes soluções mais radicais, é seguido por milhares de programadores e odiado por tantos outros.

Contudo, é consensual a admiração que merece pelo trabalho desenvolvido em torno das ferramentas GNU (emacs, gcc,...) e pela proposta da licença GPL, hoje utilizada na maioria dos projectos de Software Livre / Aberto (SL/A). Sem as ferramentas GNU, o desenvolvimento do Linux teria sido impossível e muito do software incluído nas distribuições de Linux não existiria.

Tinha alguma dificuldade em perceber a razão da polémica em torno da sua figura até o conhecer pessoalmente. Em Outubro de 2003, no âmbito de duas conferências promovidas pela ANSOL no ISCTE e no IST, tive oportunidade de assistir às suas intervenções. Stallman é um grande comunicador e, apesar de não ser carismático no sentido tradicional da palavra, consegue empolgar a audiência com ideias frescas sobre onde estamos e para onde devemos ir.

Contudo, tem um feitio impossível. É arrogante e tem muita dificuldade em respeitar as ideias e valores dos outros. Trata mal as pessoas que o convidam e ainda pior as pessoas que o abordam.

Uma pequena história para ilustrar o seu feitio. Depois de passar uma hora a descrever as virtudes do Software Livre terminou a conferência aplaudido de pé por uma audiência que preenchia totalmente a lotação das salas e amontoava-se nas entradas e corredores. Após esse momento, um grupo de jovens abordou-o no sentido de pedir um autógrafo. Eu estava a assistir a esse movimento com uma jornalista de um jornal diário e percebemos que alguns dos jovens saíam de mãos vazias, enquanto outros remexiam as carteiras. A nossa curiosidade foi aumentando até que nos deslocámos até à mesa onde ele estava. Percebemos então que, pasme-se!, estava a cobrar 10 Euros por cada autógrafo. Claro que foi bastante difícil explicar à jornalista, nova nestas coisas do SL/A, porquê é que o Software era Livre mas os autógrafos eram pagos. A razão - que eu discordo - é que esta é uma forma de financiar a FSF e a GNU. Duvido que sejam 50 ou 100 euros que façam a diferença, mas são certamente esses 50 ou 100 euros que afastarão esses jovens de admirar e querer saber mais sobre o SL/A e

sobre a figura de Stallman.

A referência a Stallman vem a propósito de um seminário que decorrerá em Lisboa, no próximo fim-de-semana, promovido pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, e subordinado ao tema "A sociedade em rede e a economia do conhecimento".

O seminário, organizado pelos professores Manuel Castells e Gustavo Cardoso (ISCTE), apresenta um programa com intervenções muito relevantes. Em particular, não poderia deixar de destacar o painel "Tema 3: Os bens públicos da Sociedade em Rede: Open-source, Redes Peer-to-peer, Inovação e o Redefinir dos Direitos da Propriedade Intelectual".

Este painel vai contar com a participação de Lawrence Lessig, professor de direito da Universidade de Stanford. Lessig é o oposto de Stallman: barbeado, académico e bem dentro do "sistema"- foi acessor de um famoso juiz do Supremo Tribunal dos Estados Unidos.

Contudo, ambos tem algo em comum: partilham a ideia de que o SL/A e o Copyleft é o modelo que melhor serve o interesse individual e, em simultâneo, o interesse público. Sobre Stallman, Lessig escreveu: " Todas as gerações têm um filósofo. (...) A nossa geração tem um filósofo. Não é um artista ou um escritor. É um programador."

No sábado, quando o Presidente da República abrir o seminário e cumprimentar Lessig estará a um grau de Richard Stallman e vice-versa. A quantos graus estará de Bill Gates?

[18.3.2005] Não batam mais na Microsoft!

Sábado à tarde. Um auditório pequeno com 90 lugares. Uma vista lindíssima sobre os jardins do CCB.

A elite internacional de investigadores que estudam a Sociedade de Informação, na sua perspectiva sociológica e económica, reunidos debaixo do mesmo tecto: Manuel Castells, Mitchell, Lawrence Lessig, Liikanen,... Presidentes e directores gerais das maiores empresas portuguesas de TI, banqueiros e patrões da indústria, o líder da UGT e da SGTP. Poder político: deputados, antigos e actuais ministros. O Presidente da República.

O objectivo: discutir a Sociedade de Informação, e o Software Livre / Aberto (SL/A) incluído, sob o alto patrocínio de Jorge Sampaio. Confesso que quando recebi o convite pensei que o Presidente iria abrir o seminário e voltaria para o encerramento. Puro engano. Passou o fim-de-semana a assistir contribuindo com ideias e servindo de dinamizador à discussão. Conseguiu ainda uma outra coisa surpreendente que foi colocar esta gente toda a falar de Linux, de KDE, de OpenOffice. Isto num painel dedicado ao SL/A que contou com a participação de Lawrence Lessig abordando a liberdade de utilizarmos conteúdos digitais produzidos por outros - não fosse ele o "pai" da Creative Commons, com Marcelo Branco a falar da realidade brasileira e António Coutinho a falar do Software Livre em geral.

Foi naturalmente uma oportunidade histórica para transmitir algumas das soluções que preconizamos junto dos líderes das várias áreas da sociedade portuguesa. Como balanço, pode dizer-se que correu bastante bem. Lessig foi brilhante e explicou de forma única a essência da licença Creative Commons e como esta está a ser utilizada pelo mundo fora.

Contudo, o painel podia ainda ter corrido melhor se as apresentações e as intervenções do público não atacassem tão fortemente a Microsoft utilizando alguns argumentos demagógicos e que não subscrevo.

Entre outras, Marcelo Branco afirmou que "O custo de uma licença de Office é o equivalente a 60 sacas de soja". Esta é daquelas frases fortes que soam bem no Telejornal da TVI mas que podem ser interpretadas como demagogia e facilmente refutadas pelo director-geral da Microsoft também presente. Bastava-lhe afirmar, por exemplo, que o custo do Ms Office é equivalente a 60 sacas mas a produtividade gerada pelo mesmo para o estado e empresas é equivalente a 600 sacas. Ou seja, um saldo de 540 favorável ao Office. Por outro lado, facilmente concluiríamos que um dos charutos fumado no intervalo para café era capaz de matar a fome a uma aldeia de África. E não é por isso que se assistiu à caça dos "puros" pelos corredores do CCB.

À medida que o SL/A vai obtendo maior projecção mediática e importância social temos de aprender a ser responsáveis.

Não é que as sacas de soja não tenham importância. É a forma como o encaramos. O que deve ser dito é que o Linux através da sua robustez e segurança permite produzir eficazmente mais 1000 sacas de soja, as quais se devem somar às 60 que se poupa em licenciamento de outras soluções. Ou seja, apontando soluções construtivas e positivas.

E nós temos essas soluções. Temos um Linux robusto e um KDE muito intuitivo. Temos o Apache a liderar o mercado de WebServers e o OpenOffice como ferramenta de produtividade imbatível. Temos a comunidade de programadores e utilizadores mais competente do mundo.

É por isso que digo: não "batam" na Microsoft mas nos projectos e empresas que trabalham na esfera do SL/A por não terem ainda conseguido uma maior penetração no mercado português. "Batam" na Caixa Mágica.

”Batam” no autor destas linhas.

Com isto não digo que devemos fechar os olhos às acções de algumas empresas multinacionais que muitas vezes agem de forma pouco ética ou mesmo ilegal. Devemos contudo fazê-lo com responsabilidade e argumentos racionais que é o terreno que mais nos favorece.

Em conclusão, o painel sobre SL/A foi muito positivo e terá um impacto inquestionável em decisões futuras dos presentes. Mas temos de aprender com a experiência.

Porque existem boas notícias e más notícias.

As más notícias é que provavelmente não vamos ter a hipótese de falar novamente sobre Linux e OpenOffice directamente a patrões e sindicatos no próximo ano. Não vamos ter a hipótese de ter o Castells e o Lessig em Portugal nos próximos 5 anos. E é muito improvável que tenhamos um Presidente da República com a abertura e empenho de Jorge Sampaio nos próximos 20 anos.

Por outro lado, as boas notícias é que temos, mais do que nunca, oportunidades únicas despoletadas por este evento de fazer bem aquilo que sabemos: programar software open-source, vender serviços sobre SL/A, integrar sistemas e ensinar Linux. E as sacas de soja virão por arrasto.

[1.4.2005] OpenOffice 2.0: 1 de Abril!

Escrever uma crónica no dia 1 de Abril, dia das mentiras, é sempre uma tentação.

A minha primeira ideia era avançar com uma das "clássicas": o Linus Torvalds foi contratado pela Microsoft, vai ser lançado o MS Office para Linux, o projecto KDE juntou-se ao Gnome, só para citar algumas.

Por fim, lembrei-me do OpenOffice e a melhor mentira que consegui planear foi anunciar o lançamento oficial do 2.0. Estando planeado apenas para Maio / Junho de 2005 o seu lançamento pareceu-me ser suficientemente verossímil.

Fui ao "site" do OpenOffice e fui (a)traído pelo anúncio da disponibilização da versão OpenOffice 2.0 Beta. Instalei e fiquei muito bem impressionado.

As suites de Office são consideradas "target applications". Ou seja, só o Office justifica muitas vezes a aquisição de um computador e sistema operativo. Por isso, sempre foi crucial no Software Livre / Aberto (SL/A) ter uma suite de qualidade.

Apesar de alguns esforços meritórios, só com a aquisição da StarDivision pela Sun Microsystems em 1999 e lançamento do OpenOffice em 2000 isso veio a concretizar-se.

O OpenOffice tem ainda uma particularidade interessante: pode ser instalado em Windows, Linux ou Mac.

A versão 1 do OpenOffice e respectivas subversões até à 1.1.3, popularizou definitivamente este software recorrendo a bons argumentos: um processador de texto, folha de cálculo e aplicação de apresentações com funcionalidades suficientes para uma utilização pessoal e empresarial intensiva, sendo interoperável com a o MS Office.

Ao escrever estas linhas no OpenOffice 2.0 Beta sinto que o projecto conseguiu ir mais além.

Tem novas funcionalidades das quais destaco: utilização do formato OASIS (.odt) por omissão na gravação de ficheiros, melhor integração no ambiente gráfico - em Linux tem um aspecto Gnome ou KDE e em Windows tem um aspecto XP, mais formas 3D para incluir em esquemas, mais tipos de transição de slides, exportação de PDFs mais sofisticada, possibilidade de criação de bases de dados simplificada, entre muitas outras.

Contudo, omiti a grande diferença: o aspecto está muito mais parecido com o do MS Office. Essa novidade é pouco interessante para quem já trabalha com o OpenOffice mas é crucial para quem migra do Windows. Essas pessoas terão agora a vida ainda mais facilitada.

Para terminar, o balanço é muito positivo e quando sair a versão final da 2.0 será um marco importante na história deste projecto de SL/A.

Evento Linux 2005 - III Encontro Nacional sobre Tecnologia Aberta

A organização do Linux 2005, que vai ter lugar a 14 de Abril em Lisboa, está a correr muito bem.

A Caixa Mágica em conjunto com a Sybase e a ADETTI organizará pela terceira vez este encontro que junta centenas de pessoas durante uma manhã para discutir os temas do Linux e o que cada uma das organizações encontra-se a fazer.

Para além do lançamento oficial da Caixa Mágica Desktop 10, conseguimos trazer a Portugal um representante

do Linex - o Linux da Extremadura espanhola - e o Sérgio Amadeu do Governo Brasileiro. Sérgio Amadeu é o responsável pelo ITI, um órgão do governo brasileiro que tem como função aconselhar o presidente Lula nas temáticas da Sociedade de Informação. Numa entrevista saída na imprensa brasileira em Abril de 2004, Sérgio Amadeu lançou fortes críticas à Microsoft. Como resultado, a Microsoft entrou com uma acção penal contra as declarações proferidas. A acção teve repercussão mundial, sendo capa da Wired e aparecendo no NY Times. Pela comunidade em geral, foi sentido como uma forma de intimidação da Microsoft às iniciativas que o governo começara a promover. A Microsoft optou então por retirar a queixa, tendo havido algumas mudanças na direcção da Microsoft brasileiro como consequência indirecta. Mas para falar disto e de outros assuntos da realidade brasileira, espanhola e portuguesa estão abertas inscrições - gratuitas mas com necessidade de registo - no site da Caixa Mágica (<http://www.caixamagica.pt>).

[8.4.2005] Há muitos anos atrás, num longínquo reino...

No início da década de 90, muitos de nós experimentaram uma sensação semelhante: instalar o DOS a partir de 3 disquetes num 286 ou 386sx.

Uma sensação de estar a fazer algo tecnologicamente desafiante e que provavelmente apenas uma em cada 10 mil pessoas sabia e alguma vez o tinha feito. Para além disso, havia o sentido de descoberta e de conhecimento de uma nova realidade que tornava a vida mais interessante, produtiva e divertida.

Hoje isso já não acontece. Quando se instala o sucessor do DOS sabemos que o que teremos no final da instalação não é de todo uma boa experiência. Teremos um sistema bastante fácil de utilizar mas que rapidamente se torna vítima de vírus e spyware. Um sistema bastante fácil de utilizar mas cujo valor de licenciamento não se compara ao custo do DOS de outrora.

Sempre que começamos o desenvolvimento técnico de uma nova versão de Caixa Mágica, processo que consume 12 meses de uma equipa de 15 pessoas, temos uma agenda escondida que não partilhamos com os nossos colegas da parte comercial / administrativa.

Isto é, para além do desenvolvimento de uma robusta e produtiva solução técnica que só por si convença o cliente e faça as delícias dos nossos comerciais pelas novas funcionalidades, temos de forma consciente ou inconsciente o desejo de reabilitar a utilização de sistemas operativos. Reconciliarmo-nos com o utilizador.

E isto acontece se fizermos um sistema que ultrapassa as expectativas de quem o comprou ou fez download. Onde seja simples instalar software. Onde seja simples configurar o hardware.

A Caixa Mágica Desktop 10 Pro realizou-nos nesse sentido. Não porque seja o sistema perfeito. Esta versão tem erros e limitações como qualquer obra de engenharia feita pelo homem. Mas porque temos falado com as centenas de “beta testers” que experimentaram a versão preliminar e o sentimento de quem a instala é semelhante à de outros tempos.

Também há naturalmente desilusões. Por exemplo, existe um tipo de utilizadores que espera instalar a Caixa Mágica e nesse mesmo instante ficar com os periféricos configurados e saber fazer todas as operações de administração tal como fazia no Windows. E isso simplesmente não é possível nem desejável. Significaria que o Linux era um clone de outro sistema com as suas vantagens e desvantagens.

Assim, é necessário ter a consciência que instalar o Linux exige que, tal como há 15 anos atrás, se aprenda novamente algumas operações básicas de administração. A utilização só por si é intuitiva e já não requer grande esforço de integração.

Por outro lado, não fui exacto em relação ao número de pessoas que está envolvida nesta versão 10 da CM. Não são 15 pessoas mas 150 mil pessoas. Ou seja, o número de pessoas que se calcula que colabore ou tenha colaborado em projectos de Software Livre / Aberto (SL/A). De facto, internamente desenvolvemos os instaladores, configuradores e empacotamos o software de terceiras partes, mas a grande quota de trabalho e mérito é devida aos milhares de projectos que produzem o software incorporado na CM (Kernel, GNU, OpenOffice, KDE,...).

Esse desenvolvimento tem um enorme potencial que está a ser utilizado em países por todo o mundo.

Por cá, o novo governo aposta no choque tecnológico porque sentiu que é uma forma de revitalizar transversalmente todos os sectores. E não creio que seja através da mera aquisição de tecnologia estrangeira em detrimento do que é produzido nos nossos centros de inovação que essa revitalização ocorrerá.

Existem alguns relatórios que defendem que entre as profissões mais stressantes estão as de instrutor de condução, polícia e jornalista. Não menosprezando as anteriores queria acrescentar os programadores e responsáveis pelo desenvolvimento de software.

Na Caixa Mágica sentimos cada entrega do master dos CD / DVD à fábrica que o irá reproduzir com um misto de “amor” e “ódio”. Amor porque termina o período infernal de 15 dias que antecede o fecho da versão. Nesse período trabalha-se praticamente a dois turnos: o normal e o after-hours. O turno que termina às 3 ou 4 da manhã comunica com o que entra às 9:00 por email reportando os problemas encontrados e o trabalho desenvolvido. As baterias de testes chegam a ser feitos em 8 máquinas em simultâneo com grelhas que tentam testar todas as variantes.

A entrega do master também se reveste de algum “ódio” porque é de certa forma inevitável pensar que conseguíamos melhorar este ou aquele aspecto se tivéssemos mais três dias.

A Caixa Mágica 10, versão desktop e servidor, visa dar o seu contributo para o desenvolvimento equilibrado na nossa sociedade. Não é o único contributo. Existem empresas, universidades, institutos e ONGs/IPSS que o fazem no dia-a-dia e sem grandes alardes.

Contudo, sabemos que por um sistema operativo ser transversal a todos os sectores, existem bastantes olhos postos no trabalho que desenvolvemos.

E, reciprocamente, existem desafios que não recusaremos.

Não recusaremos apoiar grandes empresas a fazer migrações de parques de desktops. Institutos públicos e ministérios a repensar a sua estratégia. PME's a reequilibrarem o seu orçamento de TI. Empresas de informática a reverem os seus modelos. E todos todos nós em casa a sentir a “adrenalina” de instalar uma nova versão, contactar com uma nova tecnologia.

[29.4.2005] Migração do desktop: o grande desafio

A taxa de penetração de um produto tecnológico pode crescer por duas vias: fazendo o mercado crescer, garantindo que os novos utilizadores são clientes dessa tecnologia, ou “roubar” mercado aos concorrentes.

O Linux está a crescer por via do aumento do mercado Desktop mas, mais do que por aí, está a crescer por via das Migrações.

Isto é, utilizadores interessados em mudar de sistema operativo para Linux. Curiosamente, o nicho de utilizadores de Mac é muito fiel e não são esses utilizadores que estão a mudar de sistema.

Será altura de mudar de sistema operativo ou não?

Esta é a questão que empresas e particulares se colocam num determinado momento.

Em primeiro lugar, existem boas e más razões para mudar.

Mudar devido a questões ideológicas é uma má opção. Deve-se mudar porque é bom para o negócio através da aquisição de novas vantagens competitivas e diminuição de custos. Isso é uma boa razão.

De seguida, devemos pensar no processo que vamos utilizar. Na Caixa Mágica utilizamos uma metodologia própria assente em 6 passos, o BOM FIM:

- B-alançar os prós e contras da mudança, estudando a viabilidade para cada objectivo: desktop de backoffice, desktop de secretariado, desktop de direcção, servidores Internet, servidores aplicativos,...
- O-rganizar / planear a mudança recorrendo a recursos humanos internos qualificados (colaboradores da empresa) ou externos (empresas parceiras como a Caixa Mágica Software).
- M-igrar os dados das plataformas antigas
- F-ormar os utilizadores e os administradores de sistemas para a nova tecnologia
- I-nstalar e configurar o novo software
- M-udar a tecnologia, substituindo a antiga

O primeiro ponto começa por aferir da viabilidade da mudança. Se esse ponto não provar a viabilidade do projecto de migração, então os outros não são realizados.

Outro facto curioso é que tanto se fala de migrações de organizações com 5 computadores como organizações com 14.000. A diferença entre as duas migrações é abismal. A abordagem tem de ser necessariamente diferente

mas em ambos os casos tem de ser feita com profissionalismo.

Existem hoje vários livros e documentos sobre o processo de migração do desktop para Linux.

Para mim, o mais espantoso é um documento disponibilizado no final de 2003 pelo Governo Alemão, Ministério da Administração Interna, intitulado “Migration Manual for Basic Software Component”. Em 450 páginas, este documento dá respostas a algumas das questões políticas e técnicas mais cruciais do esforço de migração para Linux.

Ministério da Justiça

O evento Linux 2005 que decorreu a 14 de Abril em Lisboa foi um sucesso. Mais de 450 pessoas estiveram durante toda a manhã a acompanhar o que hoje de melhor se faz nesta área.

Correndo o risco de ser injusto, não podia deixar de referir duas intervenções.

A primeira a do governante brasileiro Sérgio Amadeu. É interessante observar que, apesar da responsabilidade política, a forma de tomar decisões e assumir opções é tão diferente na Europa e no Brasil. Tendo tido oportunidade de jantar com o Sérgio Amadeu na noite anterior, fiquei a conhecer o outro lado da realidade um pouco melhor. Realidade que em 45 minutos de apresentação não foi possível transmitir. Para o Brasil, o Software Livre / Aberto é uma necessidade, mais do que uma oportunidade.

A segunda intervenção bastante interessante foi a do Secretário de Estado da Justiça, João. O Secretário de Estado apresentou o projecto Caixa Mágica Justiça a ser desenvolvido pela ADETTI / ISCTE.

Em conjunto, as entidades estão a trabalhar num projecto que visa catapultar um esforço de inovação português, a Caixa Mágica, para os desktops e servidores do Ministério. E estamos a falar em 20.000 máquinas.

Até ao final de 2005 uma ou duas direcções gerais do ministério migrarão para Caixa Mágica Justiça Desktop. A partir desse esforço será montada uma operação mais abrangente.

Mandrake...ops... Mandriva

A Mandrake, uma distribuição de Linux francesa, adquiriu a Connectiva e mudou de nome para Mandriva.

A mudança de nome está também relacionada com um processo em tribunal que envolve a editora que detém os direitos dos livros do Mandrake.

Depois da aquisição da SuSE pela americana Novell, este facto vem mexer novamente com o panorama das distribuições de Linux.

Assiste-se por um lado à tão falada perda de centros de decisão na Europa - com a venda da SuSE - e no Brasil com a aquisição da Connectiva. O capital não tem nacionalidade e o Linux ainda menos.

[13.5.2005] Adquirir um portátil: missão impossível

A semana começou com uma tarefa relativamente simples: adquirir um portátil. Não para mim, mas para uma colega.

Optar por um portátil em detrimento de um desktop é hoje quase inevitável para funções que exijam alguma mobilidade. Os preços desceram e hoje os portáteis são acessíveis a preços abaixo de 1000 euros.

A primeira questão era optar por linha branca ou marca. Existem no mercado assembladores com oferta muito forte de linha branca.

Em função dos preços baixos e competitivos que algumas marcas apresentam, optou-se por esta segunda hipótese.

Das 4 ou 5 marcas que mais portáteis vendem, o objectivo era encontrar um modelo que não ultrapassasse a barreira psicológica dos 1000 euros e oferecesse capacidade de computação e disco. Mesmo que não tivesse a última moda de design e gadgets de topo de gama.

Após a selecção, faltava a aquisição.

Logo na primeira visita a uma loja de informática, todas as marcas estavam presentes pelo que foi relativamente simples identificar o modelo.

Contudo, esse modelo incluía o “Microsoft XP Home edition”. O modelo do lado, de uma marca concorrente, incluía o “Microsoft XP Professional”. Todos os 17 portáteis em exibição incluíam obrigatoriamente um sistema operativo da Microsoft.

Por momentos, e por ignorância minha, senti-me num episódio da Quinta Dimensão. Tinha passado há 5 minutos pela prateleira do software e tinha 3 alternativas: Linux Caixa Mágica, MacOS X e Microsoft. Chegava à secção de hardware e apenas tinha uma.

O passo seguinte foi obter ajuda de um especialista, o vendedor de serviço.

Confesso que tenho azar com os colaboradores das lojas de informática a que tenho ido. Apanho sempre com algum que começa literalmente a inventar sobre o que não percebe.

Quando perguntei à pessoa em questão se era possível comprar um portátil HP, Fujitsu/Siemens, Toshiba, Asus, Acer, Dell ou Sony sem sistema operativo incluído, ele respondeu-me que não. E reforçou com duas razões. A primeira porque se eu não o quisesse, que o apagasse, já que ele era oferecido. A segunda que não podiam porque era obrigatório por lei.

Explicar-lhe que nada era oferecido e que pelo Microsoft XP estaria a pagar 10% a 20% do preço do portátil até foi fácil. A parte difícil foi explicar-lhe que não existe nenhuma lei que obrigue a que um PC saia com sistema operativo pré-instalado.

De facto, se não houvesse uma lei, porque será que a realidade demonstra que não existem portáteis de marca sem SO previamente instalado?

Quem está dentro desta área sabe que há uma terceira razão: os Windows OEM são a “cash cow” da Microsoft e, segundo a mesma, a única forma de evitar a pirataria doméstica. A Microsoft fez individualmente um acordo com todos os principais fabricantes que comprometem-se a vender exclusivamente com Windows. A troca disso recebem a margem da venda do software. Se todos o fizerem, nenhum fica a perder.

Fundamentalismo e liberdade (de escolha ou de expressão) são aparentemente conceitos diametralmente opo-

tos mas que facilmente se tocam. A legalidade move-se suavemente entre um e outro conceito, dependendo da cultura ou a sociedade em que estamos inseridos. Numa determinada sociedade, a legalidade está mais perto do fundamentalismo. Noutra sociedade, mais perto da liberdade de escolha.

Somos hoje obrigados a comprar Windows em portáteis não por uma questão de legalidade. O mais ingénuo cidadão compreenderá que justiça preventiva que interfira na liberdade individual é um dos mais graves atentados na nossa sociedade.

A verdadeira razão é de cartel. Cartel horizontal - formal ou informal- entre os produtores de hardware e vertical, entre o fornecedor quase monopolista do SO e os mesmos produtores.

Um cartel é um cartel e, por menos, já a Autoridade para a Concorrência fez rusgas à administração da Portugal Telecom ou investigou as gasolineiras.

Não acredito contudo que seja o estado a interferir para desfazer a concertação.

A mesma vai ruir por dentro. Basta que dois ou três desses produtores ofereçam a possibilidade de não ir incluído o Sistema Operativo e os outros terão automaticamente um preço 10% a 20% superior. Ou seja, nada competitivo.

A Dell e a IBM já o fazem para mercados empresariais em alguns pontos do globo e é inevitável que isso aconteça no futuro em outros locais.

Espero nessa altura encontrar-me com o funcionário da loja que me atendeu. E da boca dele saber que afinal a lei foi revogada. Já é possível comprar um portátil e poder escolher o sistema operativo que nele instalo.

[10.6.2005] É o modelo, estúpido!

Um estratega da campanha de Bill Clinton em 1992 pendurou no seu gabinete a frase: “É a economia, estúpido!”.

A sua ideia era mostrar aos restantes colaboradores da campanha que tudo se relacionava directamente ou indirectamente com a economia: desemprego, inovação, indústria ou segurança social. Os eleitores acabam por votar em quem cuja capacidade de fazer a economia crescer inspirar mais confiança.

Durante esta semana, lembrei-me desta história duas vezes.

A primeira foi com um artigo colocado num fórum dos utilizadores da Caixa Mágica pelo André, um aluno do ensino secundário que estava a fazer um trabalho sobre o Linux. A pergunta do André foi qualquer coisa como: “Porquê o Linux é melhor que o Windows?”.

Rapidamente a sequência de respostas tendeu para a indicação das vantagens e desvantagens do Linux e do Windows.

O que não tem nada a ver com a pergunta original. Reparem na construção da frase. Não é perguntado “Quais as vantagens do Linux?” mas sim “Porquê o Linux é melhor do Windows?”.

A razão para o Linux ser diferente tem a ver com o seu modelo de licenciamento.

Apesar do modelo de licenciamento ser da esfera legal influencia a área técnica. E influencia os modelos de negócio. E influencia toda a envolvente.

O modelo legal do Linux é baseado na licença GPL, criada por Richard Stallman, e defende: pode ser utilizado, modificado e distribuído sem autorização do autor, sem restrições quanto ao fim e sem ter de se pagar por isso. Este modelo é suficientemente confortável para que bons programadores dediquem tempo a melhorá-lo e suficientemente confortável para que empresas como a IBM ou Novell invistam no seu desenvolvimento. Sem colisões entre os dois mundos. É confortável ao ponto de haver migrações de milhares de postos de trabalho em cidades europeias ou dos POS numa rede de lojas com 200 postos de trabalho.

Para o André, a pergunta que conta talvez não seja o “Porquê?” mas “Quais as vantagens?”.

O Linux tem vantagens e o Windows também.

O que se passa é que nós contabilizamos umas e outras e acabamos por escolher aquele que nos dá mais vantagens. A contabilização é feita de ano a ano quando fazemos uma actualização do computador ou adquirimos um novo.

Para mim, o Linux desde 1996 que tem mais vantagens do que o Windows. Reconheço porém que pela dificuldade técnica nessa altura só 0,1% dos utilizadores contabilizavam da mesma forma que eu.

Passados quase 10 anos, o panorama é muito diferente.

Para além dos servidores em que o Linux se impõe com muita facilidade, veja-se o Apache, o Desktop está a conquistar os utilizadores do Windows.

Imagino que, chegados a este ponto, o André se questionaria: “Se o Linux é tão bom porquê, apesar do seu crescimento, o Windows ainda é maioritário no mercado?”.

Se eu estiver numa ilha deserta, sem conhecimentos de Linux, sem Internet, com 1000 pessoas e todas elas só souberem Windows, é viável utilizar Linux? Claro que não.

Mas hoje já não existem “ilhas”. Com a Internet, as comunidades virtuais, as empresas que dão suporte ao Linux, cada vez mais as vantagens e desvantagens são objectivamente avaliadas.

PC Conectado e os “Sérgios” brasileiros

O Governo brasileiro está a avançar com um programa que visa disponibilizar um PC com software - a 450 Euros - e uma ligação dial-up à Internet - por 2,4 Euros mensais.

As “almas” deste projecto são dois governantes brasileiros: Sérgio Amadeu e Sérgio Rosa, Presidente do ITI e Director do Serpro, respectivamente.

Conheço ambos pessoalmente. O Sérgio Amadeu do evento Linux 2005 e o Sérgio Rosa de uma Workshop da UNESCO/ANSOL.

Não são governantes de brandos costumes. Não sendo fundamentalistas, são teimosos e até mesmo obcecados. Obcecados por diminuir o fosso digital que separa camadas da população e criar indústria nacional de TI.

Quando os conheci, em momentos diferentes, estavam apreensivos com o rumo que o programa PC Conectado podia tomar se a Microsoft Brasil conseguisse levar avante a sua ideia de vender o Windows Start Edition para o milhão de PCs previsto para este programa. Apreensivos porque não é boa política ter um Sistema Operativo que limita a utilização a três aplicações abertas.

Soube a semana passada que foi decidido, pelo governo e pelos fabricantes de hardware que participam no programa, apenas usar Linux.

Quando lemos o estudo recente que indica que Portugal tem o PIB per capita mais baixo dos 15 países da UE antes do alargamento e já foi ultrapassado por dois dos novos países que aderiram, recordamos o caso da Grécia ou da Irlanda. Daqui a 10 anos vamos provavelmente ter o PIB mais baixo dos 25 porque não temos coragem para rupturas. Não temos “Sérgios” para as TI, para a Saúde, para a Ciência.

[24.6.2005] Patentes de Software: a última palavra a 6 de Julho.

Uma Patente de Software é a possibilidade de se proteger uma ideia implementável numa aplicação informática. Por exemplo, a ideia de que para desenhar um quadrado num programa de desenho, devo clicar primeiro no canto superior do quadrado e depois arrastar até ao canto inferior direito foi uma das patentes registadas nos EUA. Na Europa não existem (ainda) Patentes de Software.

A Comissão Europeia propôs, em 2002, uma directiva que estabelece a possibilidade de se registarem Patentes de Software na Europa. A directiva deve ser aprovada através de um processo de co-decisão com o Parlamento Europeu.

O Parlamento europeu foi sensível ao movimento contra as patentes que “varreu” a Europa e re-escreveu a directiva da Comissão. A versão do Parlamento impedia na prática que viessem a existir Patentes de Software. O Conselho Europeu que reuniu os chefes de estado da UE, em Dezembro de 2004, recusou as emendas do Parlamento e manteve a proposta da Comissão.

Por fim, o Parlamento deve pronunciar-se a 6 de Julho numa “segunda leitura” sobre a directiva inicial. Se 367 eurodeputados votarem “não”, a mesma directiva é definitivamente chumbada e terá de ser negociada entre a Comissão e o Parlamento. Se não houver suficientes votos contra, a directiva terá passado e mais alguns meses teremos a mesma transposta para a Lei portuguesa.

A directiva de Patentes de Software teve duas grandes virtudes: juntou empresas portuguesas que tem modelos de software baseado em licenciamento e empresas / organizações que adoptam o modelo SL/A (Software Livre / Aberto). Todas contra as Patentes de Software.

A segunda grande virtude foi nos ter ensinado como funciona o processo de decisão e o que andam a fazer os nossos eurodeputados em Estrasburgo. Da minha participação no processo, senti que os nossos eurodeputados defendem bem o país e provavelmente terão na “segunda leitura” um papel positivo no difícil chumbo da proposta da Comissão. As probabilidades estão contra o chumbo, mas nada está perdido.

Quais as desvantagens das Patentes de Software? Para quem tiver curiosidade aconselho a página <http://www.ffii.org/> e o artigo <http://paulo.trezentos.gul.pt/patentes/>.

Eu gosto é do Verão...

A música dos Fúria do Açúcar que afirmava: “Eu gosto é do Verão/ Passear de prancha na mão / Saltarmos e rirmos na praia / E nadar e apanhar um escaldão” irá ser alterada devido ao novo programa do Google.

O “Google Summer Code” propõe que estudantes de todo o mundo passem o verão a programar uma aplicação open-source. Essa aplicação deverá fazer parte de uma lista de ideias propostas pelos 40 maiores projectos open-source e deverá durar no máximo 3 meses.

No fim do Verão, os 200 estudantes com melhores resultados ganharão um prémio de 4.500 dólares.

Esta é uma forma interessante de um grupo muito grande de potenciais programadores entrar em esforços de SL/A como o Apache, KDE, Mambo ou OpenOffice.

A Caixa Mágica, tal como em anos anteriores e num outro programa, propõe Estágios de Verão para 2 estudantes universitários portugueses.

Tanto num, como noutro, é caso para cantarolar: “ Eu gosto é do Verão/ Passear de teclado na mão / Programarmos e depurarmos na Praia / E fazer directas de café na mão.”

[15.7.2005] Patentes de Software - nivelando o terreno

O Parlamento Europeu votou a 6 de Julho a directiva das Patentes de Software proposta pela Comissão Europeia.

Na minha última crónica, antes de se saber o resultado, escrevia existirem grandes probabilidades da directiva passar no Parlamento Europeu e, dessa forma, as Patentes de Software virem a ser aprovadas. Esta sensibilidade resultava de impressões trocadas em listas não-públicas de grupos de lobby. O Parlamento mostrava-se relutante em recusar uma directiva da Comissão na segunda leitura e abrir assim um precedente de contencioso com a Comissão.

Felizmente, eu estava errado. A directiva foi recusada com 614 votos contra, 18 abstenções e 14 votos a favor. Melhor era impossível.

Para este resultado contribuiu especialmente o movimento liderado pelas associações de programadores e de PME's europeias.

O que reserva o futuro quanto às Patentes de Software?

Para já, não se antevê nenhuma outra tentativa neste campo pelo que continuaremos com a actual legislação que não permite patentes de software “puras”. Esta legislação é composta por um misto de leis nacionais e acordos internacionais, que tem sido abusivamente utilizado por algumas grandes empresas para tentar patentear software.

É preciso reter que a questão das Patentes de Software não é uma questão de PME's contra grandes empresas ou de inovação contra manutenção do status quo. As grandes empresas, como a Siemens - das mais activas na defesa das patentes de software, a Nokia ou a SAP, são essenciais para o desenvolvimento das TI na Europa.

A questão é entre mantermos a liberdade de criatividade e inovação independentemente da dimensão da organização ou a retiramos para a depositar em 8 a 10 grandes empresas.

Gerir uma PME em Portugal, ou em qualquer outra parte da Europa, não é uma tarefa fácil. Cada dia representa um novo desafio em conseguir que os fornecedores não falhem, que a nossa equipa esteja motivada e que os clientes percebam o que nos distingue dos concorrentes.

Nesta batalha contínua, muitas vezes parece que o terreno está “inclinado” desfavoravelmente para as PME's e que tudo, do contacto com o administração pública até às relações com os fornecedores, é favorável a grandes empresas e aos fortes grupos de interesse.

Se a directiva das Patentes de Software tivesse passado, o terreno estaria hoje muito mais “inclinado” contra as PME's, colocando-as tacticamente em desvantagem na área da inovação.

Foi isso que os nossos eurodeputados perceberam, agindo em conformidade com as suas convicções e através do seu voto “nivelando” o terreno onde a inovação desponta.

Está agora na mão das empresas fazerem o seu melhor e imporem-se no mercado. Está na sua mão criarem produtos inovadores que se afirmem pela qualidade. Está na sua mão provar que em Portugal e na Europa temos capacidade para liderar a sociedade do conhecimento.

Linux a 10 mil pés de altitude e os sistemas embebidos

Na minha ordenação pessoal, a Qatar Airways é a melhor companhia aérea, seguida pela TAP e pela British Airways exéquo. A Air France em terceiro lugar e todas as outras de seguida. A Iberia ocupa o último lugar como a pior companhia aérea de todos os tempos.

Este ranking é particularmente subjectivo e pouco representativo, apesar de nos últimos 30 dias eu ter apanhado 15 diferentes aviões, conhecido 9 aeroportos e 6 companhias aéreas.

Apesar do ritmo louco dificultar as respostas aos emails e a gestão do tempo, tem as suas vantagens. Uma delas é, no último mês, ter casualmente visitado 4 das 5 cidades candidatas aos Jogos Olímpicos de 2012 (Londres, Paris, Nova Iorque e Madrid) e ter um cartão de passageiro frequente cheio de milhas.

Outra é conhecer a mais recente tecnologia utilizada nos aviões.

E aí é que entra a Qatar Airways. Numa viagem de 12 horas em classe económica para a Ásia, com uma escala pelo meio, é importante as condições do avião.

A Qatar Airways tem vários Airbus A330 equipados com um monitor LCD individual para cada passageiro, mesmo para os da classe económica.

Cada monitor permite ao passageiro escolher o filme que quer ver, a música que pretende ouvir ou simplesmente jogar Trivial Pursuit contra o resto do avião. Isto para além de informações sobre o destino, outro tipo de jogos ou compras a bordo.

Depois de duas horas frenéticas a jogar Trivial contra outros dois portugueses vi aparecer uma mensagem de DHCP em Linux a dizer que não conseguia um IP. Se não tivesse uma pessoa ao meu lado que confirmou, possivelmente pensaria que até nas nuvens já via Linux e que era tempo para umas férias. Isto se não queria começar a ver pinguins a conduzir autocarros ou GNUs a andar de bicicleta.

Mas não. Confirmei e a escolha do Linux para um sistema embebido distribuído por 300 pontos - os lugares do avião - com capacidades Multimédia faz bastante sentido. A estabilidade do sistema e custo torna-o incontornável.

A altitudes mais baixas também temos excelentes exemplos de Linux em sistemas embebidos. Se for assistir a um filme num cinema Warner / Lusomundo, a maior cadeia de cinemas em Portugal, irá comprar o bilhete através de uma aplicação da Quatro SI que funciona sobre Linux Caixa Mágica.

Seja a comprar pipocas, seja a viajar sobre o oceano pacífico, é bom ver que estão a crescer o número de sistemas embebidos baseados em Linux.

[22.7.2005] OSS2005 - Conferência Internacional de Open Source

Decorreu em Génova durante a semana passada, mais precisamente entre 11 e 14 de Julho, a primeira conferência internacional de SL/A (Software Livre / Aberto).

Durante os 4 dias da conferência foi discutido o passado, o presente e, mais especialmente, o futuro do SL/A. Apesar de esperado que os europeus estivessem em maior número, os Estados Unidos compareceram em força. Da minha percepção, as maiores delegações eram originárias de Itália - o facto de “jogar em casa” ajuda, Espanha, Inglaterra, França e Estados Unidos.

Como é tradicional, as várias comunicações foram agrupadas em painéis tais como: Modelos OSS, Metodologias, Ferramentas, Métodos e Práticas, Modelos de Negócio e Administração Pública.

Aqui fica uma breve resumo do que mais interessante se passou.

Modelos OSS

Um conjunto de projectos europeus do FP6 (6º Programa Quadro) como o CALIBRE e o COSPA estão a desenvolver um excelente trabalho na área do estudo da organização dos projectos open-source.

O COSPA inclui 15 organizações europeias que analisam a utilização de SL/A na Administração Pública. O CALIBRE é uma acção de coordenação que entre outras preocupações, tenta formalizar e sugerir melhores formas de coordenação e comunicação entre projectos open-source europeus.

Outras participações enriquecedoras

Estiveram presentes duas organizações inesperadas: a Business Software Alliance (BSA) e a Microsoft.

A BSA é uma associação de grandes multinacionais de software proprietário muito activa no lobby pró-patentes e contra o SL/A.

Ambas foram muito bem recebidas. A Microsoft chegou a contribuir com uma comunicação e, apesar de ninguém ter percebido muito bem qual o assunto que abordava dentro da temática do SL/A, não deixou de ter os educados aplausos da praxe.

Escolas e Universidades

A intervenção chinesa foi particularmente interessante ao apresentar algumas restrições que hoje as escolas chinesas enfrentam na utilização das TIC. Segundo o Prof. Bao-gang Hu, apesar de não existir ainda uma cultura de SL/A na China como existe nos Estados Unidos ou na Europa, o seu surgimento é inevitável.

Em Abril de 2003, a província chinesa de Xangai recebeu uma carta da Microsoft a pedir para legalizar todo

o software. Se pensarmos em termos globais, num país com 116 milhões de alunos na escola primária e 98 milhões no ensino secundário existem duas forças contrárias: o objectivo do governo de informatizar 90% das escolas até 2010 pelo menor preço possível e o de ter o software legal. A solução para conseguir estes objectivos aparentemente contrários passará pelo SL/A.

Administração pública (o-Government)

A Liguria e a Toscana são duas regiões italianas que têm em comum serem lindíssimas. Têm também em comum o facto de ambos os governos regionais decidirem apostar em SL/A como forma de quebrar o fosso digital e aproximarem-se dos cidadãos.

Após a apresentação da utilização de SL/A nos diferentes serviços de apoio ao cidadão, o elemento da BSA fez uma intervenção a partir da audiência a contestar o facto de o governo regional não ser neutro.

O orador, Angelo Buongiovanni, presidente da Rete Telematica Regionale Toscana, teve então oportunidade de explicar que os governos servem para tomar decisões. Decisões políticas que influenciem positivamente a vida dos cidadãos. Para o governo da Toscana, utilizar open-source é uma decisão política baseada em argumentos técnicos, legais e sociais.

A adopção de SL/A extravasa o mero procurement de uma solução de software. Ao contrário da clássica aquisição de software, neste caso existe uma estratégia clara e estrutural que conduz a uma aproximação dos cidadãos. Mais do que e-Government, temos o o-Government. Ou seja, open-Government em todos os sentidos.

[12.8.2005] Grid Computing: Ciência portuguesa na “grelha”

O termo Grid Computing tem aparecido com muita frequência nos media e nem sempre no contexto certo.

O que é o Grid Computing?

Vamos voltar atrás e recordar-nos do que fizemos hoje quando acordámos. Lavámos a cara, ligámos a torradeira na ficha e inserimos o pão. De onde veio a energia para a torradeira: da central de Sines, da central de ciclo combinado do Ribatejo ou de Espanha?

Não precisamos de saber porque a REN e, mais perto de nós, a EDP, garantem que é sempre o mesmo tipo de energia que nos fornece.

Já reparou que com a necessidade de computação (CPU) não funciona assim? Quando precisa de CPU para um jogo ou folha de cálculo tem de ter o seu próprio computador com o CPU. Pior ainda, um cientista a estudar a estrutura terciária de uma proteína precisa para simulações não de 1, mas 100 CPUs. E mesmo que tenha no seu laboratório esses 100 CPUs só os vai utilizar em 10% do tempo. No restante está a formular o problema, a analisar os resultados e a escrever artigos.

Foster e Kesselman, dois cientistas americanos, em 1999 propuseram uma solução para este problema, tendo a designado por Grid Computing.

A expressão Grid Computing deriva assim da solução apontada pelos dois cientistas e que sugeria que a necessidade de computação fosse satisfeita da mesma forma que na rede eléctrica (Power Grid, em inglês). Ou seja, se eu tenho uma necessidade de computação (CPU) posso submeter um pedido sem saber a origem ou a forma como o pedido é satisfeito, podendo o fornecedor de CPU estar na sala do lado ou a 400 Kms de distância.

A ideia de fundo da implantação do Grid Computing é a utilização de software que conceptualmente se situa entre o sistema operativo e a aplicação científica. Por estar no “meio” dos dois, chamamos-lhe middleware.

O middleware mais utilizado para esse fim é o Globus. O Globus é um projecto de Software Livre / Aberto (SL/A) largamente empregue pela comunidade científica internacional em projectos de grande dimensão (CERN, ESA, NASA,...).

O Globus é maioritariamente utilizado sobre o sistema operativo Linux, o que faz com que uma poderosa infra-estrutura computacional como a TeraGrid americana não precise de nenhum software proprietário e consumidor de licenças onerosas.

Grid Computing sobre Linux e em Portugal

O Grid Computing não é, para já, utilizado em situações domésticas - se excluirmos o SETI e outros projectos que com algum esforço também se podem considerar Grids.

A tradução de Grid Computing para português deverá ser “Computação em Rede” e não a sua tradução literal “Computação em Grelha”. Isto porque o sentido de “Grid” provém de Power Grid, e nós em Portugal não temos uma “Grelha Eléctrica Nacional” mas sim uma “Rede Eléctrica Nacional”.

A comunidade científica portuguesa não dispõe hoje de acesso a uma infra-estrutura de Grid Computing como

a que dispõe a comunidade americana, inglesa ou espanhola. Várias instituições portuguesas dispõe de capacidade computacional através de cluster de PCs e Workstations (Física do IST e Universidade de Coimbra, ADETTI / ISCTE, INESC, Universidade do Porto,...) mas, mesmo que os clusters referidos utilizem o Globus Toolkit, não são uma Grid mas antes nós isolados.

Uma Infra-estrutura Nacional de Computação em Rede (INCR) em Portugal é importante porque existem investigadores que precisam de acesso a recursos computacionais e temos de aproveitar sinergias entre todos os que precisam e todos os que têm esses recursos. Por outro lado, a própria investigação em Grids é uma das áreas mais “quentes” do programa IST da União Europeia, da ESA, etc...

O funcionamento de uma INCR até pode ser bastante simples. Existe capacidade de computação disponível e os investigadores / docentes deverão apresentar pedidos de utilização da mesma. De acordo com regras objectivas, a cada investigador ou grupo é atribuído um número de horas de CPU. Por exemplo, 1200 horas de CPU de 64 bits. Um investigador acompanha o tempo disponível através de um site.

O facto de não termos (ainda) uma INCR em Portugal deve-se a falta de iniciativa política.

O mais importante até já temos. Temos uma rede académica que interliga Universidades e Laboratórios e cujo backbone funciona a 10 Mbps (rede FCCN). Temos uma instituição - a FCCN - sem fins lucrativos com um datacenter para albergar um eventual cluster de servidores Intel / AMD de 32 / 64 bits. Temos investigadores a quem a necessidade de computação seria útil (Inst. Gulbenkian de Ciência, laboratórios associados, docentes de universidades públicas e privadas).

A FCCN (Fundação para a Computação Científica Nacional) é a entidade mais apropriada para gerir e manter o projecto não só pelo nome que ostenta, mas porque dispõe de recursos humanos qualificados para gerir os recursos disponíveis de hardware (storage, CPU,...) e software (Linux, Globus,...).

Os centros que hoje dispõe de capacidade de computação poderiam numa segunda fase juntar-se à INCR. Os seus investigadores ganhariam mais horas de computação e sinergias de manutenção seria atingidas.

Uma solução como a referida acima terá de ser a curto-prazo posta em prática, sob pena da nossa ciência ir parar à “grelha” - como numa churrascada à portuguesa - e não à “rede” como se pretende.

Diogo Vasconcelos de saída

Tenho para mim que nesta vida apenas existem actores e espectadores. O que diferencia o actor do espectador não é a sua função - ao contrário do teatro - mas como a desempenha. Um pai pode ser actor pela maneira como o seu modelo marca o filho, um professor pode ser actor nesta vida pela forma como cria magia nos alunos que se recordarão dele muito para além do seu mero período de vida.

Diogo Vasconcelos liderou a UMIC (Agência para a Sociedade do Conhecimento) durante pouco mais de 2 anos e imprimiu um ritmo pouco vulgar na política portuguesa. Não lançou uma INCR, quando o podia ter feito, mas lançou a B-On (biblioteca com artigos on-line hoje utilizada massivamente nas universidades portuguesas), pressionou o crescimento da Banda Larga e das Compras Electrónicas em Portugal, a monitorização da Sociedade de Informação e a divulgação do SL/A. Estou bastante à vontade para o elogiar porque publicamente não hesitei em criticá-lo quando nos 12 primeiros meses a UMIC não concretizou o que divulgava. Diogo Vasconcelos deixa ainda uma coisa muito importante: a fasquia alta para o seu sucessor na UMIC. Há muito

para fazer na Sociedade do Conhecimento portuguesa até atingirmos os níveis que desejamos. O SL/A dará, sem dúvida, uma ajuda preciosa no combate à info-exclusão e independência de fornecedores monopolistas. O ex-responsável da UMIC foi um actor num meio em que a norma são os espectadores.

[26.8.2005] GilDot: o maior fórum de discussão sobre SL/A em Portugal

O GilDot (<http://www.gildot.org>) é mais do que um fórum de discussão. É a argamassa com que nos últimos 6 anos se construiu a comunidade SL/A em Portugal.

Periodicamente, alguém prediz o seu fim mas as estatísticas não enganam. Nos últimos 12 meses teve 1.2 milhões de acessos e 3.8 milhões de páginas lidas.

Apoiando-me num artigo escrito por um dos fundadores, António Coutinho, por altura do seu 2º aniversário é interessante recordar a sua génese.

O GilDot nasceu de um grupo de docentes da Universidade do Minho que trabalhavam e investigavam em Linux. Esse grupo, o Gil, era leitor do SlashDot e considerou fazer falta um site do mesmo tipo em Portugal. Um dos seus elementos, o Dário Teixeira, desenvolveu então a versão portuguesa a partir do código open-source do SlashDot.

Por ocasião da II Workshop de Linux no ISCTE, em Abril de 1999, o Gil lançou o GilDot. Foi uma sorte para mim porque, como organizador da Workshop, tive o prazer de ser o primeiro editor de fora do grupo a ser convidado.

Desde o seu lançamento que têm surgido discussões monumentais e históricas. De problemas envolvendo tribunais / PJ de utilização imprópria de nomes de endereços Internet (cyber squatting) à criação e dissolução de projectos. De discussões sobre o roubo da BD com passwords dos utilizadores a discussões sobre IRC.

No GilDot lê-se as notícias nacionais e internacionais do meio SL/A, ouvem-se mexericos, discutem-se pormenores técnicos. O aluno do secundário responde ao professor universitário. O anarca responde ao presidente de uma fundação pública.

A grande ameaça, se é que ela existe, é a ruptura de gerações. As discussões de que algumas pessoas se queixam e que as fazem afastar do GilDot parecem-me que são por falta de respeito entre uma 1ª geração, que se conhecia toda, e uma 2ª geração que não se dá a conhecer fora do anonimato dos nicks. São estranhos entre eles, o que faz com uma troca de posts rapidamente degenerem.

A responsabilidade é da 1ª geração que não imprimiu uma sociabilização que ensinasse onde estão os limites. A responsabilidade é da 2ª geração que não soube dar a conhecer-se. Mostrar os seus projectos, o que faz e o que vale. E valem muito.

Como qualquer sentimento humano, esse sentimento de respeito é subjectivo e difícil de definir. Só o consigo através de uma pequena experiência que presenciei.

Fui a um funeral de um familiar afastado numa pequena aldeia rural perto de Alenquer. Como a aldeia não tinha cemitério, o cortejo seguiu a pé - como manda a tradição - para a aldeia vizinha. A meio do percurso de 4 km's sob sol escaldante de Julho, vejo no passeio 3 calceteiros a trabalhar com o habitual afinco pré-eleições autárquicas. Mal passara o carro funerário, os dois mais velhos interrompem o que estavam a fazer, levantam-se e tiram a boina, segurando-a nas mãos respeitadamente cruzadas à frente. O mais novo continuara a trabalhar até que um dos outros lhe deu um leve toque, suficiente para perceber que deveria parar e imitá-los. Os calceteiros não conheciam o defunto, em gíria GilDot, o utilizador do carro funerário, mas sabiam que era um

ser humano com qualidades e defeitos, com aspirações e falhanços, com valores e preconceitos. E por isso, respeitavam-no. O mais novo não sabia qual o limite nem, por muito ou por pouco que o sentisse, qual a forma de mostrar esse respeito.

O GilDot está mais interessante que nunca, dando-lhe o desconto da silly season, e vai por cá estar durante muito mais anos.

O que custa, são os seis primeiros anos. Tal como a comunidade, a argamassa está para ficar.

Alinex - distribuição de Linux “Made in Alentejo”

Em Julho passado, a Junta da Extremadura espanhola assinou com a Universidade de Évora um protocolo que visa a tradução do Linex - distribuição de Linux espanhola - para português.

Este protocolo é muito interessante pela transferência de tecnologia que dotará a Univ. de Évora de um núcleo próprio que possibilite a disseminação de software open-source na região e no país. Este projecto tem tudo para resultar e o Alinex será certamente um sucesso.

Por um lado, Évora é hoje no panorama nacional uma das universidades mais dinâmicas, contando com um núcleo muito forte de docentes de TIs. Entre outros igualmente valiosos, estão o Luís Arriaga da Cunha (editor do documento sobre open-source da APDSI) e o Salvador Abreu (maintainer Debian).

Por outro, temos o exemplo de excelência de sociedade do conhecimento que é a Extremadura espanhola.

Estando na mesma área, nós na Caixa Mágica teremos todo o gosto em trabalhar em conjunto.

É preciso agora acarinhar este projecto, dotá-lo de meios a nível regional e nacional, e dar tempo para que surjam os primeiros frutos.

[09.09.2005] Linux Media Center: lar, doce lar

Imagine uma caixa bonita, sem barulho e ligada à sua televisão da sala.

Suponhamos que essa caixa tem funcionalidades que lhe permitem gravar o seu programa preferido, aceder à programação do operador de cabo, ler DVDs e todos os formatos de música. Fantástico.

Vamos mais longe. Conseguir através do controlo remoto aceder a fáceis menus que nos levam às previsões climáticas dos dias seguintes, gravar DVDs no disco, ler cartões de máquinas fotográficas directamente e mostrar as fotos de férias a toda a família. Convidar os amigos para ver o Sporting-Benfica de amanhã e, em caso de dúvida no penálti, fazer time-shifting. Se não sabe o que é time-shifting, então o melhor é passar directamente para a página seguinte do Bits & Bytes. Time-shifting é a possibilidade de puxar para trás e repetir cenas já passadas quando se assiste a televisão em directo. Por exemplo, um golo ou notícia do telejornal.

Tudo isto é possível com um Media Center baseado em Linux Caixa Mágica, ou outra distribuição, com recurso ao MythTV ou Freevo.

Um dos estágios de verão na Caixa Mágica foi precisamente nesta área e os seus resultados foram estonteantes, tal como os dos outros 2 projectos que em breve divulgarei.

Os responsáveis pelo CM Media Center, Pedro Palhoto e o Pedro Neves, passaram 2 meses a configurar o Linux e a otimizar todas as opções relacionadas com Multimedia.

Existem duas visões sobre qual o papel de um Media Center: o PC na sala para enviar emails, consultar a Web e aceder a funcionalidades Multimedia ou uma caixa com funcionalidades multimédias avançadas baseada nas novas tecnologias da arquitectura PC. Apenas acredito na segunda porque enviar um email é uma actividade individual. A televisão da sala é tradicionalmente usada em conjunto e, assim, dedicada a actividades conjuntas como ver filmes, ouvir música ou jogar.

Apesar disso, e pelas actividades que descrevi, um Media Center em Linux tem muito futuro: existem inúmeros módulos que estendem as suas capacidades, é barato e leva a uma experiência de utilização inigualável. Acredito ainda que o Media Center estará fortemente ligado ao PC do escritório ou do quarto via Wireless, de forma a partilharem filmes acabados de puxar da Internet ou carregarem novos albuns de música

Administração Pública

Já tudo foi dito sobre a Administração Pública (AP) em Portugal mas muito mais há a dizer.

Em conversa com um conhecido esta semana, recordámos os robustos servidores Linux que a área da Saúde dispôs e ainda dispõe para serviços de rede.

Curiosamente, não é do conhecimento público que o IGIF, o instituto de informática do Ministério da Saúde, poupou 1.1 milhão de euros entre 2000 e 2002 com o recurso a estes servidores proxy e mail baseados em Linux. Segundo foi apresentado numa conferência sobre Linux na Administração Pública organizada pela ADETTI / Caixa Mágica no ISCTE em 2002, esta poupança foi conseguida não só através da economia no licenciamento, como também através da utilização de hardware considerado já desactualizado para desktop.

Um projecto deste tipo ocorrido há 5 anos deveria ser considerado como um caso modelo da racionalização de

custos na AP.

Não o é por uma simples, mas muito perturbante, razão. A “alma” do projecto, chamemos-lhe P.A., foi contratado pela Microsoft nesse mesmo ano.

Farto de estar a recibos verdes, aceitou a proposta que lhe fizeram. Provavelmente, faríamos o mesmo na sua posição.

Não sei o que mais me choca. Se a incapacidade da AP de segurar um recurso humano valioso responsável por uma poupança daquela ordem ou a falta de ética empresarial que permite recrutar alguém que, em proveito dos contribuintes, ajudou na racionalização de custos contra a empresa em causa.

Ironicamente, procurando no Google pelo nome do P.A. e IGIF, a primeira entrada é uma página que enuncia o mesmo como contacto da Microsoft dentro do IGIF e a segunda entrada é o anúncio da participação do mesmo na conferência da Caixa Mágica a falar da utilização de Linux.

Para grandes problemas, grandes citações.

O objectivo da AP? Servir os cidadãos e empresas que dela dependem para manter a organização da sociedade de um sistema político por nós escolhido.

Os problemas da AP? Não considerar o mérito na progressão / recrutamento e pagar a más horas a fornecedores.

A estratégia para a AP: sangue, suor e lágrimas a construir algo na defesa do interesse público que não possa ser posto em causa por interesses particulares.

[23.9.2005] Certificação Digital em Linux

A certificação digital não é um tema novo das Tecnologias de Informação.

Há anos que se fala da importância de utilizar certificados digitais X.509 para autenticar pessoas, software, processos do sistema operativo (SO), etc...

Um certificado não é mais do que um ficheiro que contém informação que garante que a entidade é realmente quem diz ser. Este certificado é consultado pelo SO ou por programas que conhecem o seu formato.

As aplicações mais frequentes de certificados são: poder assinar um email ou um documento de Processamento de Texto para garantir ao destinatário que o nome do remetente e o seu conteúdo não foram alterados, encriptar um email para que o seu conteúdo não possa ser visualizado por outros e, por fim, controlar o acesso a uma estação de trabalho / servidor.

O certificado é protegido por um código para o caso de ir parar a mãos erradas. Contudo, por vezes a necessidades críticas obrigam a um nível maior de segurança e, dessa feita, opta-se por guardar o certificado num smartcard. O smartcard é o cartão com chip integrado, hoje vulgarizado seja para o carregamento de pontos nas gasolneiras, seja como passe social.

O Linux suporta bem a utilização de certificados.

O OpenOffice 2.0 irá ter essa funcionalidade totalmente operacional na sua versão final, o Acrobat Reader já a tem, existem módulos PAM que controlam o acesso a um Linux, exigindo ao utilizador que apresente o certificado para fazer login, e o Thunderbird (email) e Firefox (web) têm um gestor próprio de certificados.

Os problemas apenas começam a surgir quando utilizamos smartcards para se armazenarem os certificados. Apesar de existirem diferentes níveis de standards como PKCS 15, PKCS11, PC/SC v1.0 ou ISO 7816, os fabricantes de cartões insistem em fornecer soluções com especificidades que impedem a utilização do sistema por outros fornecedores de software ou por outras plataformas.

Vem isto a propósito de um seminário muito interessante sobre Certificação Digital e Segurança organizado pelo CEGER, a entidade responsável pela rede do governo, e que decorreu na passada terça-feira, dia 20.

O CEGER tem um projecto piloto a decorrer na área da segurança que visa montar uma infra-estrutura segura de certificação digital que possa vir a ser utilizada pelos gabinetes de ministros e secretários de estado.

A tecnologia para esse efeito já foi adquirida e a grande incógnita será se a mesma permite que o acesso aos cartões e aos certificados possa ser feita tanto em Internet Explorer como em Firefox, tanto em Windows como em Linux. Caso contrário, será prudente na tomada de posse de novos ministros incluir no juramento a condição de não virem a utilizar outra tecnologia que não a suportada pelo CEGER.

Estudos para todos os gostos

Periodicamente assistimos à disponibilização de estudos que ora defendem que o custo de manutenção de plataformas Linux é mais caro de que plataformas Windows, ora assistimos a estudos em sentido contrário.

O sentido dos estudos costuma depender de quem apoia os mesmos.

Esta volatilidade não significa que os estudos são pouco fundamentados ou parciais, mas muitas vezes reflecte

os pontos em que o estudo incidiu.

Por exemplo, foi recentemente divulgado o estudo “TCO For Application Servers: Comparing Linux With Windows And Solaris“ (<http://www.rfgonline.com/studies/linuxtco0805>)

A IBM anunciou este mês o lançamento do seu novo mainframe, o IBM System Z9. Com números estrondosos, como a capacidade de processar mil milhões de transacções por dia ou o orçamento de investigação de mil milhões de euros, esta plataforma suporta cinco diferentes sistemas operativos, com destaque para o Linux e a versão 1.7 do z/OS.

O artigo semanal do Paulo Querido no Expresso veio nos recordar outro lançamento, desta feita previsível para 2006, mas que já está a dar que falar: o projecto do MIT liderado por Nicholas Negroponte e que pretende disponibilizar um PC a 100 dólares para crianças de países em desenvolvimento. Em 12 meses prevêem fabricar 50.000 a 100.000 unidades e espera-se que em 2007 este número suba para a casa dos milhões com encomendas do Brasil e da Índia.

O segredo está em poupar no monitor, utilizando um de 1 Megapixel semelhante aos leitores de DVD portáteis, e não utilizar disco mas uma memória flash. E claro, tendo Linux como sistema operativo.

Afinal, o Gigante tem algo em comum com o Minorca.

LAN Parties para vários gostos

Um dos fenómenos mais interessantes dos últimos cinco anos são as LAN parties.

Elas são a fonte de encontros e explosão de criatividade. São fonte de associativismo como não há igual, objectivo último de meses de trabalho.

A Uminho Campus Party foi a pioneira das festas de grande dimensão mas este ano não se concretizará.

Todavia, já tivemos a OCP - Ourém Cyber Party, Moita LAN Party e a Giga LAN Party da FEUP no Estádio do dragão, em Setembro.

Até ao final do ano teremos ainda a aLANtejo Party e a Oeste LAN Party no Cadaval em Dezembro, com 10 kms de cabo e 2000 visitantes previstos.

A aLANtejo party ocorrerá a 20, 21 e 22 de Outubro e dedicará o terceiro dia ao Linux. Esta será certamente uma das maiores e mais interessantes LAN Parties do ano.

Formato aberto para documentos

O grande movimento da indústria em 2005 está no campo da definição de formatos abertos para documentos.

Se existir um formato totalmente interoperável para documentos de texto, folha de cálculo e apresentações, então a total interoperabilidade entre suites de Office estará assegurada.

O OASIS é um consórcio constituído por dezenas das maiores empresas de TI como a Oracle, RSA, Nokia, Intel e IBM. Cada comité do OASIS é responsável pela definição de um standard aberto. Um dos mais activos

é o que define o OpenDocument que vai na versão 1.0 e que será o formato nativo do OpenOffice 2.0 nas diferentes aplicações.

O estado do Massachusetts, nos Estados Unidos, decidiu em Setembro de 2005 substituir em todos os seus computadores o Office que utilizava dado o mesmo não suportar o formato OpenDocument.

É razoável que a Administração Pública dos vários países se questione, tal como o estado do Massachusetts, sobre a necessidade de obrigar os cidadãos a utilizarem formatos fechados na interacção com o Governo havendo formatos abertos reconhecidos pela indústria.

[28.10.2005] A face negra da indústria de software

Eram 20:30 quando atendi o telefone fixo de casa. Do outro lado, um jornalista do Expresso a saber porque razão a utilização de Software Livre na noite eleitoral tinha causado problemas nos servidores do STAPE.

Recordo-me que saiu instintivamente um sonoro e mal educado “Aannnh?”.

O ISCTE - e a ADETTI, como seu centro associado - têm desde Julho um protocolo com o Ministério da Justiça para o desenvolvimento de uma solução de Desktop que possa gradualmente vir a reduzir a insegurança e custos do actual sistema operativo utilizado nos 22.000 PCs do Ministério da Justiça. A esta distribuição de Linux chamou-se “Linus CM” e é totalmente baseada em SL/A (Software Livre / Aberto).

Após algumas perguntas percebi que a pergunta do jornalista estava relacionada com este projecto. Julguei desfazer o equívoco explicando rapidamente três conceitos informáticos / organizacionais: o Linus destina-se ao desktop e os problemas em causa foram com servidores, o Linus destina-se a processadores AMD / Intel e o Mainframe onde o problema ocorreu tem processadores Power5 e nenhum elemento do Linus esteve ou está envolvido em projectos de resultados de eleições. Na sequência dessa investigação saiu um artigo no Expresso que referia “não existir ligação entre a utilização de software livre e o problema ocorrido na noite eleitoral”.

Primeira questão: que fontes contactaram e levaram o jornalista a fazer a associação entre dois projectos tão distintos?

Na terça-feira passada, dia 18, o Ministro da Justiça deslocou-se à 1ª Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos e Liberdades para fornecer mais informações sobre o problema dos servidores na noite eleitoral.

Nessa comissão, o deputado Montalvão Machado do PSD fez dois tipos de acusações: que o problema do Mainframe se devia à utilização do Linus e que o ISCTE era uma “barriga de aluguer” (SIC), sendo a empresa Caixa Mágica Software a responsável pelo projecto Linus contornando-se assim a necessidade de concurso público.

O Dr. Montalvão Machado conseguiria facilmente obter esclarecimentos de alguém informado que lhe explicaria que é impossível o Linus ser utilizado no Mainframe onde o problema ocorreu e que o facto de ser utilizado Linux Caixa Mágica não significa que a empresa Caixa Mágica Software esteja envolvida. O software sob licença GPL permite que outros utilizem e alterem o código. O ISCTE e a ADETTI são desde 1996 um dos principais centros dinamizadores do SL/A em Portugal. É lá que são desenvolvidos alguns dos produtos da Caixa Mágica Software numa inovadora parceria à americana entre centros de ID e tecido empresarial.

Segunda questão: porque um deputado à Assembleia utilizou uma das comissões com mais tradição e nobreza da República para atacar o Linus e o Software Livre / Aberto tão fora de contexto e razão?

Não tenho respostas directas às duas questões acima mas tenho uma série de inabaláveis certezas.

A primeira é que estávamos avisados contra possíveis manobras com vista a descredibilizar um projecto que está no início e que pode pôr em causa licenciamentos de software dentro do Ministério da Justiça no valor de 10 milhões de euros anuais. Já existiram projectos como o da cidade de Munique ou o “PC conetado” no Brasil que afrontaram poderes fortíssimos e sofreram pressões ilegítimas, muitas vezes ilegais.

A segunda certeza é que responderemos com racionalidade e não entraremos no campo das insinuações. Os media, o 4º poder do nosso sistema, também existe para explorar as relações entre deputados, ou seus parceiros de escritórios de advogados, e empresas americanas de software. Não reagiremos com fundamentalismo porque

sabemos que existem multinacionais cujo modelo assenta em software proprietário mas que agem com ética e idoneidade. Não metemos tudo no mesmo saco.

Terceiro, tentar estabelecer a associação com o partido do governo não faz sentido. Trabalhámos muito bem com o XV e XVI governo, do qual Montalvão Machado fez parte. Organizámos em conjunto com a UMIC um evento para toda a administração pública no Tagus Park e com o Ministério da Educação instalámos 14.000 Linux Caixa Mágica nas escolas, um dos projectos mais emblemáticos do SL/A em Portugal. Também aqui sabemos, porque fomos esclarecidos pelo próprio PSD, que não existe neste partido uma oposição à utilização do SL/A na Administração Pública ou fora dela. Pelo contrário como ficou provado pela inclusão do programa dos últimos governos PSD.

Quarto, e por fim, deixamos uma última certeza. Estaremos atentos nos próximos tempos e não esmorecemos com este tipo de ataques. Sabemos que o que escolhemos fazer mexe com interesses muito poderosos. Não tememos este jogo de poder e desde 1996 já estivemos sob pressões políticas muito maiores.

Temos confiança na nossa equipa e na nossa capacidade de criar ferramentas de software portuguesas que contribuam para uma economia mais competitiva e uma sociedade mais justa. Não desistimos. Não abrandaremos. O software livre / aberto está para ficar.

[11.11.2005] Bohemia - a cerveja closed source do eng. Sobral

Chimay. A blanche de Hoegaarden. Leffe. Três marcas de cerveja e três boas razões para a Comissão Europeia estar sediada em Bruxelas e obrigarem-nos a viajar para o frio e húmido centro da Europa.

Obrigado a estar presente numa auditoria a um projecto europeu open-source tenho como única consolação o fim do dia nas quentes cervejeiras (brasseries) com produção própria.

Mas não só na Bélgica se produz boa cerveja. Há duas semanas tive a oportunidade de fazer uma visita guiada pelo responsável pela investigação de novos produtos, o eng. Sobral, à fábrica da Central de Cervejas de Vialonga.

O sucesso em que se tornou a cerveja Bohemia - para os amigos, a Ruiva - não é fruto do acaso. O eng. Sobral está há 30 anos na empresa e demorou três anos a desenvolver a fórmula ganhadora. Com ele fiquei a conhecer as várias fases necessárias à produção: a transformação da cevada em malte, moagem e mistura, filtragem, ebulição, refrigeração e fermentação, nova filtragem e engarrafamento.

Sem segredos. Ou quase... Porque quando perguntei qual a diferença de ingredientes entre a Bohemia e a as suas irmãs obtive um sorriso como resposta.

Com tanto sucesso do Software Livre / Aberto (SLA) será que continua a fazer sentido existir na indústria tradicional segredos nos processos?

Penso que sim.

Antes de mais, temos de recuperar os conceitos base do que é a propriedade intelectual nos seus três elementos base: a ideia, a realização da ideia e a marca.

Num software, a ideia é a forma como pretendemos desenvolver uma determinada funcionalidade, por exemplo, o algoritmo para ordenar os dados numa tabela. A realização da ideia é a programação do código que a implementa. A marca é o nome sob o qual é disponibilizado ou comercializado. Temos mecanismos de protecção para cada um. Para a ideia temos a patente, para o código temos o direito de autor (e licenças associadas como a GPL) e para a marca temos o mecanismo de registo da mesma.

Cada um dos três elementos da protecção intelectual tem de ser analisado à luz da indústria em que está inserido. Para além desses três elementos, há o conhecimento que se tem dos processos de negócio internos. E esse é um conhecimento que mesmo na indústria do SL/A não se divulga.

Ao contrário do que indica o título desta crónica, o que o eng. Sobral protege é o processo de negócio e não a ideia ou a sua realização, tal como a Mandriva ou a Caixa Mágica protegem os seus processos de negócio e não o código-fonte do seu software.

Existe um segundo factor envolvido que é o centro de conhecimento. A Central de Cervejas foi comprada por uma empresa inglesa e o centro de decisão passou para o outro lado do canal da mancha. Mas enquanto o “mestre cervejeiro” for o eng. Sobral temos o conhecimento que nos permite crescer.

Tal como os centros de decisão, os centros de conhecimento devem ser mantidos em Portugal. Seja na indústria cervejeira, seja na indústria do software. O SL/A potencia a manutenção dos centros de conhecimento porque ninguém pode deslocalizar um software que é fruto do contributo de muitos. Brindo a isso com Bohemia.

OpenOffice 2.0

Aí está. A versão final do OpenOffice 2.0.

Ainda não está disponível a versão portuguesa mas surgirá nas próximas semanas.

No mês em que é lançada esta nova versão surgem duas novidades de peso: o Google vai apoiar o seu desenvolvimento e a Microsoft divulga o conceito de Office Live, ou seja, a possibilidade de utilizar o Office integrado num website disponibilizado pela Microsoft.

A aposta do Google está intrinsecamente ligada ao expandir do núcleo do seu negócio. Ou seja, expandir para o Desktop. Expandir da Web para dentro do seu PC. A Microsoft propõe o contrário. Propõe expandir o Office do seu domínio - o Desktop - para a Web dominada pela Google como motor de pesquisa primordial.

Fica a ganhar o OpenOffice que vai ter novos programadores.

[25.11.2005] KDE: num desktop perto de si

Existem cinco projectos que são críticos para a evolução do Software Livre / Aberto: o kernel Linux, a shell e aplicações complementares da GNU, o OpenOffice e o X+KDE.

A mais polémica das escolhas acima será a do KDE porque este software responsável por um sofisticado ambiente de trabalho tem a feroz concorrência do Gnome. Porém, segundo o site DesktopLinux.com, em 2004 cerca de 60Esta semana o KDE foi notícia não pelo lançamento de uma nova versão mas pelo lançamento do Oxigen (<http://oxigen-icons.org>), um projecto de novo grafismo e ícones SVG (formato de ícones aprovado recentemente pelo W3C) que estarão disponíveis na versão 4.0 do KDE em 2006. Um dos mentores deste projecto é o Nuno Pinheiro. O Nuno é um dos 34 elementos do KDE com um perfil disponível no site da equipa do KDE.

Numa troca de ideias, fiquei a saber que a área do design é das mais excitantes no desenvolvimento do KDE. O Oxigen integra um projecto de âmbito mais alargado, o Appeal, que inclui especialistas de usabilidade, programadores e designers. Juntos para construir o nosso desktop de amanhã.

Mas não só de design vive o KDE. Os portugueses participam ainda no seu desenvolvimento. É o caso do Paulo Moura Guedes - programador do Kwebdev - ou Luís Pedro Coelho - responsável pelo leitor de PDFs do Kghostview.

Aprofundando o nosso conhecimento para além da página dos downloads, descobrimos que o KDE é constituído por uma comunidade muito motivada e criativa. Definitivamente, estão pelo bom caminho e é bom saber que existem portugueses a trilhá-lo.

O achaque tecnológico

Por caminhos menos bons, o choque tecnológico é uma das principais apostas deste governo.

O governo pretende apostar na inovação, proporcionando o desenvolvimento do país através de “saltos” tecnológicos. Ou seja, saltando “degraus” na adopção de tecnologia e beneficiando dessa forma a população, empresas e administração pública.

Acredito nesta estratégia se o “salto” for conseguido por rupturas com fuga para a frente.

A Unidade Coordenação do Plano Tecnológico (UCPT) viu na mesma semana ser finalmente aprovado o dito “Plano” e demitir-se o seu coordenador.

As Unidades Missão são um fenómeno curioso. Todos sabemos que não são mais do que curto-circuitos ao “aparelho” dos ministérios. Têm a vantagem de funcionar com objectivos bem definidos, recursos humanos motivados e, na maioria das vezes, recursos disponíveis.

Na teoria funcionariam bem mas na prática há casos flagrantes de inépcia.

O Ministério da Educação é um bom exemplo. Criou duas novas unidades.

Uma delas, o CRIE que é liderado por João Correia de Freitas, recebeu as competências do GIASE, o departamento que era responsável pelas salas TIC. Com mais ou menos problemas, a verdade é que o GIASE tinha conseguido arrancar com 1.100 escolas espalhadas pelo país no ano lectivo anterior e colocar Linux em 14.000 PCs. Este ano, e após 9 meses de governo e 3 meses do início das aulas, a desordem nas salas TIC é maior do

que nunca. Não existem actualização do software e foram adquiridos 4.000 computadores que não têm Linux instalado nem previsões para o ter. Os professores responsáveis não sabem como proceder e nós já não sabemos o que havemos de responder em relação ao Linux Caixa Mágica.

Estamos neste estado quando no início do mês tive a oportunidade de fazer uma intervenção sobre o Linus - existem vários ministérios que com ou sem plano estão de facto a trabalhar na vertente tecnológica - no Congresso do INA cuja mesa era presidida pela UCPT. No meu painel intervinha um elemento da Secretaria Geral do Ministério da Educação. As minhas expectativas eram que finalmente o choque chegara à Educação. Choque, choque, foi o meu quando contabilizei que 5 em cada 6 slides eram sobre a rede de bibliotecas. Nem uma referência a TIC, processos de colaboração via Wiki, eLearning ou algo que se parecesse com tecnologia, seja ela fechada ou aberta.

O CRIE tem ainda uma pequena margem para corrigir a situação das salas TIC e para evitar que o Linux seja afastado das mesmas por falta de apoio aos professores. Os 5.000 professores de TIC e os 180.000 alunos serão uma excelente testemunha no final do ano.

Por outro lado, a nível da UCPT, UCMA ou UMIC existem iniciativas inovadoras que poderiam ser tomadas. A mais relevante seria a constituição de um grupo de trabalho para o SL/A na AP que pudesse apoiar organismos, redigir documentos de apoio e promover a troca de experiências em conjunto com o CITIAP. Sabendo-se que 5 dos 6 candidatos presidenciais utilizam SL/A no seu site, esta seria a forma de dar o salto numa área crítica do nosso futuro.

Se deixarmos escapar estas oportunidades, confirma-se uma tese muito própria que tenho sobre a origem da expressão “choque tecnológico”:

Começámos por sofrer de um “achaque” quando soubemos de uma nova paixão do executivo. Acreditámos que viriam “cheques” que iriam despoletar projectos estagnados. Mesmo sem os “cheques” parece “chique” falar do plano. Entraremos em “choque” quando percebermos o que resta das ideias originais.

[9.12.2005] Firefox: o campeão de downloads

Apenas 99 dias apenas o lançamento da versão 1.0 tinham sido contabilizados 25 milhões de downloads.

Na verdade, hoje poderia chamar-se Phoenix ou Firebird se não fossem os sucessivos problemas legais com empresas e projectos com esses nomes.

Nome após nome, em Fevereiro de 2004 chegámos ao seu nome actual: Mozilla Firefox.

O Firefox não é só notícia pelo lançamento da versão 1.5 no final de Novembro, disponível mundialmente e já anunciado no Bits & Bytes,

mas é também motivo de análise pelos seus 10% de quota de mercado dos Web browsers. Quem não se recorda da guerra dos browsers e da dizimação do Netscape pelo Internet Explorer devido ao facto de este estar incluído no sistema operativo?

A forma da Netscape contrariar esse aproveitamento de uma posição dominante de mercado foi torná-lo open-source em 1998 através do lançamento do projecto Mozilla.

Só 7 anos depois torna-se claro o acerto da estratégia. Daí ser necessária muito cautela na avaliação dos modelos open-source. Eles demoram tempo, são caprichosos mas dão resultados surpreendentes

Ligar Portugal

Existem dois planos em que a política da sociedade de informação se mexe: o plano das ideias e o plano da realidade no terreno.

O plano das ideias é fundamental. Sem elas não é possível construir a realidade. Mas sabemos por experiência feita que as ideias não são suficiente.

O Plano Tecnológico passou do papel para realidade com a iniciativa “Ligar Portugal” e o empurrão do ministro da Ciência e Tecnologia à Portugal Telecom e ao Clix.

A ideia de um PC a 399 euros com 200 euros de abate ao IRS faz mais pela sociedade de informação que mil iniciativas minimalistas.

Temos hoje a 199 euros, contando com a dedução ao IRS para agregados familiares com estudantes, um sistema competitivo para alunos do ensino secundário e superior, profissionais liberais e todos os interessados em entrar no mundo da informática.

É verdade que o MS Office não é incluído mas o download do OpenOffice 2.0 e Firefox por banda larga é fácil e torna-se quase obrigatório. Seria mais interessante propor logo Linux e OpenOffice? Talvez, mas não foi essa a direcção seguida e nada há a recriminar. Por cada iniciativa boa não podemos ver todos os pormenores que poderiam torná-la ainda melhor.

Por outro lado, esta é claramente iniciativa e mérito do ministro Mariano Gago e da sua capacidade de concretização. Poderá ser já o espírito natalício a chegar mas sinto que estamos no caminho certo. Se a UMIC, sob a alçada de Mariano Gago, começar também ela a dinamizar os seus programas talvez possamos vir a ter, tal como indicado na campanha eleitoral mas ainda não observável, uma iniciativa nacional para Grid Computing, divulgação do open-source e licença creative commons e verdadeiro apoio à inovação nas empresas. Mas esses três compo-

nentes são apenas o que todos os outros estados da União Europeia (UE) já fazem há anos.

O salto ou choque passaria por assegurar estes e apostar em futuras tendências como o trabalho colaborativo (WiKi) ou sistema de publicação de informação (CMS, comércio electrónico, blogs,...), apoiando os ISPs naquilo em que eles são bons: disponibilização de infra-estrutura e banda larga (3G, WiFi, ADSL e Cabo).

[23.12.2005] 2005: O mundo é plano

O “Mundo é plano” de Thomas L. Friedman é o grande best-seller de 2005 na área das TI.

Habitualmente hostil a best-sellers, não resisti a este que veio aconselhado por um amigo que, para além da revelação do que o livro tratava, ainda me informou que o ia a ouvir no carro. Ou seja, tinha comprado o audio-book e ia a apreciá-lo enquanto fazia a A1 Lisboa-Porto.

Thomas L. Friedman é jornalista do The New York Times e ganhou o prémio Pulitzer por três vezes.

Ele defende no livro que o mundo está cada vez mais plano, isto é, sem barreiras à troca de conhecimento e imune a distâncias, devido a 10 forças: a queda do “muro” em 1989, a venda pública de acções da Netscape (como reflexo do fenómeno Web), o software de workflow, o out-sourcing, o off-shoring, as redes de distribuição, o in-sourcing, o in-forming, o Wireles e o open-source.

Estas 10 forças alteraram o mundo tal como o conhecíamos e moldaram a sua nova forma: a nossa contabilidade é feita na Índia, a impressora consertada nos EUA, o software desenvolvido em esforço colaborativo por pessoas que nunca se conheceram pessoalmente, etc...

De entre as 10 forças identificadas, o open-source tem se vindo a afirmar gradualmente e tornou-se parte da nossa sociedade do conhecimento.

Chegados a Dezembro é tempo de balanço e nada melhor que rever os temas focados nesta crónica. Eles reflectem o SL/A e este por sua vez reflecte o mundo.

Em Janeiro falámos do sismo da Ásia, do anúncio do Firefox no New York Times e da versão Beta da Caixa Mágica 10. Falámos ainda da migração de desktops em Munique e da campanha da ASSOFT contra o software ilegal que, indirectamente, era a favor do SL/A (Software Livre / Aberto).

Em Fevereiro foi contada a história do Programador do Kernel Linux português. Revimos o debate eleitoral sobre sociedade de informação e as expectativas de cada partido.

Março foi o mês do evento organizado pela Presidência da República sobre a sociedade da informação e que num dos painéis focou exclusivamente o SL/A.

Em Abril fizemos a antevisão do OpenOffice 2.0 Beta e prestou-se informações internas sobre o lançamento da CM Desktop 10. Falou-se ainda do evento Linux 2005 e do projecto do Ministério da Justiça para levar o Linux ao desktop - o Linius.

Em Maio focámos a aventura que é comprar um portátil sem sistema operativo instalado.

Junho foi o mês da análise do modelo SL/A (“É o modelo, estúpido!”) e do programa brasileiro “PC conetado” que escolheu o Linux para sistema operativo. A previsão (pessimista) do que viria a ser a votação de patentes de software no Parlamento Europeu (PE) foi ainda feita em Junho.

Em Julho, positiva e surpreendentemente, soube-se que as Patentes de software tinham sido chumbadas pelo PE, o que significou uma vitória para quem defendia maior abertura à inovação e, indirectamente, dos defensores de SL/A. Abordei ainda a conferência OSS 2005 que decorreu em Génova e as grandes tendências que dela emergiram.

Agosto foi o mês para rever os conceitos de Grid computing e recordar a iniciativa nacional para Grids. Foi ainda o mês para recuperar o GilDot e o lançamento da segunda distribuição de Linux portuguesa, o Alinux.

Em Setembro focámos a problemática dos Media Center, da certificação digital em Linux - com a respectiva

abordagem do CEGER/ rede do governo e a diversidade de estudos sobre o TCO (total cost of ownership) em sistemas proprietários Vs. SL/A.

Em Outubro publicou-se o lançamento do IBM Z9 que suporta Linux, o sistema mais dispendioso do mundo, e do PC de 100 euros proposto por Negroponte e igualmente baseado em Linux. LanParties, o formato Oasis e a face negra da indústria de software com o ataque ao Linux do Ministério da Justiça fecharam o mês de Outubro.

Novembro foi o mês em que voltámos a discutir o modelo fechado / aberto com a analogia com a indústria cervejeira. Tivemos ainda oportunidade de referir o OpenOffice 2.0, KDE e a falta de apoio às salas TIC que está a ser dada pelo Ministério da Educação apesar da suposta “paixão” do Governo pela área.

Por fim, em Dezembro, referiu-se o lançamento do Firefox e o promissor programa do MCES, “Ligar Portugal”.

Em conclusão, o ano de 2005 foi um grande ano para a sociedade da informação em Portugal e para o SL/A.

Se tivéssemos de eleger o grande protagonista SL/A de 2005 seria certamente o Parlamento Europeu e a decisão contra patentes de software. Nessa altura, e ainda sem conhecer o livro de Thomas Freedman, intitulei “Nivelando o terreno” à crónica em que descrevi a decisão. De facto, o mundo está mais plano e mais nivelado como descrito no livro, o que interpreto como um raio de esperança para o ano novo que se aproxima.

Em antevéspera de Natal, ao amigo que me aconselhou o livro, aos jornalistas e colaboradores do Bits & Bytes e a todos que em 2005 acompanharam esta crónica resta-me desejar um excelente Natal e um próspero 2006.

2 Ano de 2006

[6.1.2006] Será 2006 um ano vintage?

Os oficiais da Marinha inglesa de elite estudam em escolas como o Britannia Royal Naval College em Dartmouth. O guia para jovens oficiais da escola reforça o que é protocolar e do conhecimento de qualquer inglês: o “loyal toast” - primeiro brinde após a refeição e antes do “God save the Queen”- só pode ser feito com vinho do Porto. E se o vinho do Porto for Vintage, tanto melhor.

O Vintage é um vinho do Porto de um ano excepcional, de uma só colheita e aprovado pelo I.V.P..

Será 2006 um ano vintage para o Software Livre / Aberto (SL/A) e para a sociedade do conhecimento em Portugal?

Existem alguns pontos que irão certamente marcar a agenda.

O 2006 técnico

Do ponto de vista técnico, e segundo as declarações para a LXF de Andrew Morton ôôô braço direito de Linus Torvalds no desenvolvimento do Kernel do Linux ôôô 2006 será um ano marcado por uma melhor integração do Xen, software de virtualização que permite ter múltiplos sistemas Linux virtuais dentro de um único computador, e a integração total do Inotify, um sistema de aviso de novos eventos. O Oracle clustered filesystem [OCFS] é também uma das novidades do kernel 2.6.14 lançado nos últimos dias de 2005.

O lançamento KDE 4.0 trará algumas novidades já aqui descritas como a integração dos projectos Appeal e Plasma. Estes projectos focam o seu trabalho na usabilidade do Desktop. Isto é, a facilidade de utilização, compreensão e aprendizagem pelo utilizador.

A usabilidade será certamente será um tema forte em 2006. Especialmente depois da “bomba” que foi a o artigo de Linus Torvalds numa mailing list criticando o Gnome e sugerindo os utilizadores mudarem para KDE. As razões prendiam-se com a demasiada simplicidade do ambiente Gnome que não permite algum tipo de configurações avançadas em nome da Usabilidade. Em Portugal temos alguns grupos activos nesta área como

a Associação Portuguesa de Profissionais de Usabilidade, liderada pelo Bruno Figueiredo. Até onde devemos ir em nome da usabilidade? Ou como Linus Torvalds questionou: deverá a maioria ditar a forma de desenho do software sabendo que todos nós somos minoria em algum ponto da utilização da informática?

O OpenOffice deverá lançar a primeira versão pós 2.0 que servirá para corrigir alguns pontos. Esta versão está a ser muito bem aceite pelo que não se espera alterações estruturais a curto prazo.

Em termos de distribuições assistiremos a trabalho em duas grandes frentes: o melhor suporte a hardware e a facilidade de instalação de software. O EDOS, projecto europeu que junta a Mandriva e Caixa Mágica, irá certamente lançar novas tecnologias muito interessantes neste campo.

O 2006 político

Apesar do respeito pelas leis e pelo estado de direito, como contornar o facto da utilização de software P2P (peer-to-peer) para partilha de músicas e filmes estar a crescer exponencialmente?

Após as patentes de software em 2005, surge agora a questão da criação de um enquadramento para os sistemas P2P como o eMule. A câmara baixa da Assembleia Nacional francesa aprovou no dia 23 de Dezembro uma lei que prevê a legalização total do P2P contra um pagamento mensal fixo de 10 euros. Se a lei passar na câmara alta, a França passa a ser o primeiro país do mundo a permitir o download de qualquer música e filme para consumo doméstico. Não os podes vencer, junta-te a eles...

A agenda internacional será ainda marcada pela disputa legal entre a Microsoft e a Comissão Europeia. Esta empresa não cumpriu as recomendações da CE de Março de 2004 e, nomeadamente, a obrigação de abrir protocolos com vista ao aumento da interoperabilidade. Esta questão pode ainda em 2006 passar a ser tratada internamente por cada país em função dos desajustamentos de mercado criados políticas da Microsoft na comercialização do seu produto de Desktop. A Autoridade da Concorrência, e suas congéneres, poderão começar a questionar se as políticas de preços por exemplo com a Administração Pública não confina um caso de Abuso da posição dominante (art? 6? e 7? da Lei da Concorrência).

Mundo empresarial

Após algumas mudanças no panorama empresarial com a aquisição da SuSE pela Novell e da Conectiva pela Mandriva, 2006 poderá ser o ano da consolidação do mercado das distribuições de Linux. Algumas mexidas poderão acontecer por via do crescimento do Ubuntu e da necessidade da Red Hat crescer fora dos Estados Unidos.

O Firefox poderá continuar, ou não, a ganhar quota de mercado conforme a resposta do Internet Explorer. O próximo passo estará do lado deste já que a nível técnico o avanço favorece indiscutivelmente o Firefox. A nível servidor assistiremos ao progressivo solidificar de soluções Linux empresariais.

As empresas internacionais e portuguesas que operam sobre SL/A vão progressivamente passando a mensagem que o seu negócio não é uma afirmação política mas empresarial.

[20.1.2006] Comunidades: na década de 40 e hoje

Comunidade: uma comunidade é um conjunto de pessoas com interesses mútuos que vivem no mesmo local e se organizam dentro de um conjunto de normas.

Comunidade: Associação de indivíduos que têm a mesma crença ou a mesma norma de vida.

As duas definições têm muito em comum mas separam-nas 60 anos. A primeira provém da Wikipedia (Janeiro de 2005) e a segunda da página 601 do dicionário enciclopédico Lello Universal da década de 40 que herdei de uma tia-avó.

Em 60 anos muito mudou. O termo comunidade representava nos finais da década de 40 um conceito relacionado com a componente geográfica: não era possível termos uma comunidade sem contacto físico.

Em 2006, quatro das dez primeiras entradas que se obtêm quando se insere a palavra “comunidade” no Google são relativas a comunidades virtuais. O que mudou?

Antes de mais, os instrumentos para nos associarmos. Ou seja, a Internet e software que permitem através dela estabelecermos comunicação entre pessoas que partilham interesses comuns.

Manuel Castells teorizou sobre a importância das comunidades virtuais mas não é preciso ir muito longe para percebermos o que elas significam. O newsgroup sobre aquariofilia que costuma visitar? O forum Web sobre sexo? O canal de IRC sobre a sua escola ou universidade? A sala de Instant Messaging dedicada a hardware? O Sinédrio - blog sobre política - ou o Bitaites, sobre tecnologia? Comunidades.

O Software Livre / Aberto (SL/A) e os conteúdos Creative Commons foram dos movimentos que mais massa crítica ganharam com a disponibilização de comunidades virtuais.

As comunidades virtuais podem impulsionar movimentos, definir tendências ou destruir políticos. A criação de uma comunidade tem ainda uma particularidade: não requer especial investimento, podendo até ser gratuita se utilizarmos as ferramentas como o Blogspot ou a USENET.

Apesar de não requerer investimento, a criação de uma comunidade é uma tarefa complicada. Quatro regras condicionam o sucesso: massa crítica de potenciais participantes, personalização, divulgação e tecnologia adequada.

A primeira condição é clara. Não vale a pena tentar criar uma comunidade de amantes de gelado de baunilha que utilizam patins em linha porque apenas existirão três pessoas em Portugal que partilham esse gosto e as outras duas não têm acesso à Internet.

A segunda regra é menos conhecida. Deve particularizar, isto é, personalizar os membros da comunidade que devem ter um nome ou uma alcunha (nickname). Deve ainda ter mecanismos para evidenciar os mais activos (top das novidades, karma, top de utilizadores,...). Ao estimularmos o individualismo consolidamos o colectivo.

Sem divulgação também não conseguirá que os potenciais utilizadores cheguem até à sua comunidade. Daí ser hoje importante compreender os mecanismos dos motores de pesquisa. Um amigo psicólogo que tem uma página sobre crianças em risco não descansou enquanto não conseguiu que o seu blog aparecesse na primeira página do Google. Para isso, precisou de mudar o HTML, reforçar palavras no título do blog e incentivar links de sites amigos. “Page rank” a tanto obrigas.

Por fim, é necessário ter a tecnologia adequada. Ou seja, tecnologia que permita flexibilidade e funcionalidades

no dia-a-dia da Comunidade. O SL/A acaba de ser o grande fornecedor de tecnologia para comunidades porque ele próprio cresce através dessas tecnologias. Através da comunidade.

A semana passada estive numa cidade Beirã numa jornadas de informática. O almoço reuniu alguns dos oradores e saiu-me em sorte ficar ao lado do conservador / director do museu da cidade. A figura de conservador - atente-se ao nome: “conservador” ôôô e uma proveta idade previam um almoço algo insípido. Puro engano. Passei o almoço a descobrir as maravilhas do World of Warcraft (WoW), um jogo de estratégia on-line, e a discutir as particularidades dessa comunidade: quem era quem (por exemplo, 80% das personagens femininas serem assumidas por homens), as horas a que cada tipo de utilizadores estavam ligados, etc...

O director do museu deverá espantar-nos não pelo facto de pertencer a uma comunidade on-line mas pelas vantagens competitivas que poderá retirar dessa sua experiência. Poderá lançar o museu para o futuro através de uma comunidade on-line ou pôr o seu conhecimento especializado em tapeçarias belgas do sec.XVI como centro de um blog. Ao contrário da década de 40, hoje o limite é apenas o confim do mundo, onde o TCP/IP não chega por wireless ou cobre.

[3.2.2006] A semana em que nevou...

Era uma vez um cantinho à beira-mar plantado que não era muito rico mas era muito esforçado.

Passava o ano a discutir o défice das contas públicas, atrasos estruturais na área de formação e falta de competitividade na economia mas não seria por isso que deixaria de bem receber o Rei na sua terceira deslocação às suas terras.

O Rei não era na verdade um rei a sério. Chamavam-lhe Rei porque cada habitante que utilizasse um computador devia pagar-lhe uma espécie de imposto de valor equivalente a 1 OMN (ordenado mínimo nacional) pelo sistema operativo e 2 OMN pelo Office. Se tivesse um computador no trabalho, então este seria pago adicionalmente pela instituição patronal.

No início, o Rei até tinha sido esforçado e trabalhador. Tinha sido admirado por toda a indústria por propor soluções inovadoras baseadas no que melhor se fazia. Mas rapidamente percebera que existiam formas mais rápidas e mais fáceis de juntar um pé-de-meia: abusar de posição de mercado dominante, evitar interoperabilidade com soluções competidoras e comprar tudo o que se meta à frente.

Essa atitude, e o facto de ser o homem mais rico do planeta, eram naturalmente muito admirados num país movido à custa da febre ou síndrome do Euromilhões ôôô mais um dia, mais uma oportunidade de ser milionário sem esforço.

Desta vez, o Rei seria especialmente bem recebido porque mandou à frente uma embaixada com algumas benesses para o Cantinho: formação para os desempregados no valor de 166.000 euros / ano (ou 500.000 a 3 anos). Ou seja, o equivalente a 0,14% da facturação de 114 milhões de euros da sua empresa (valores de facturação apenas para o Cantinho em 2004 e que não incluem licenciamento de multinacionais feitos através de acordos internacionais, contratos OEM directos, etc...).

Claro que ficou tudo muito contente. O Presidente do cantinho deu-lhe a mais alta condecoração do país que visa “distinguir a prestação de serviços relevantes ao Cantinho ou serviços na expansão da sua cultura, sua História e seus valores.”. De facto, o Rei tinha feito muito pela expansão dos valores e da História do cantinho. Excepto quando a sua enciclopédia ligou o Mosteiro da Batalha à monarquia espanhola. Mas isso já estava ultrapassado.

Por outro lado, os governantes do Cantinho tudo fizeram para que ele se sentisse em casa. Um ministro de estado prometeu-lhe que conseguiria garantir a presença do presidente daquela parte do mundo (Comissão Europeia) na reunião da empresa que juntaria governantes de toda a Europa. O que era fácil porque esse presidente até nascera no Cantinho e emigrara em busca de melhores condições de trabalho quando era primeiro-ministro do mesmo. Alguém chamara a atenção que talvez não fosse adequado, já que o Rei continuava a não pagar a multa de 497 milhões de euros imposta pela Comissão, mas logo isso foi ultrapassado. Ele também nunca pagaria a multa mesmo.

Um ministro pediu-lhe para dar uma aula ao topo da Administração Pública sobre modernização e ele aceitou. Já sabia que teria bons alunos dispostos a aprender como utilizar a nova versão do seu software, ligeiramente mais cara, mas com muito mais funcionalidades interessantes para quem só escreve cartas e ofícios.

Nesta imensa alegria geral, alguns lembraram que toda esta recepção talvez parecesse exagerada aos países em redor que estavam a conseguir com sucesso ser independentes do Rei. Como o país vizinho, que há já muito

tempo tinha ultrapassado o Cantinho em índices de desenvolvimento e que teimava em desenvolver soluções próprias, estimular a indústria nacional e diminuir a insegurança do software do Rei. Mas isso agora não interessava porque eles estavam dispostos a recebê-lo bem..

A semana em que o Rei os visitava começara com um nevão como não se via há 54 anos. E isso não podia ser coincidência. Se um Banco nacional tinha feito nevar numa rotunda, só o Rei poderia ser o responsável pela neve em todo o país.

E a prova é que quando ele regressou ao seu país, o Cantinho continuou como estava: sem neve e com cada vez menos sol. E não se percebia bem porquê... eles até eram tão influentes junto do Rei.

[17.2.2006] Google: “Não sejas diabólico”

De tempos a tempos, existem organizações que prendem o nosso imaginário pelos resultados que atingem e, talvez mais relevante, pela forma como o fazem.

Conta-se que numa reunião corporativa no GooglePlex - o complexo de edifícios onde se situa a sede do Google perto do S.Francisco - cujo tema era “boas práticas”, o orador tentou debitar alguns lugares comuns sobre o que se devia fazer. Um engenheiro levantou-se e disse: “no fundo, isso pode ser resumido com a frase: Don’t be evil”. Nos meses seguintes, em todos os quadros brancos da empresa apareceu esse mote no canto superior direito, tendo ficado como lema da companhia e mote para as acções estratégicas tomadas. A frase incorpora o significado que mesmo gigante, não é necessário esmagar os mais pequenos e, a longo-prazo, é até negativo.

Outra questão que prende o nosso imaginário é o fabuloso mundo de 100.000 servidores que, utilizando uma versão simplificada de Linux, responde às nossas pesquisas. O poder de computação não é público mas estima-se que numa competição imaginária, o computador mais rápido do mundo, o BlueGene, demore mais 67% do tempo a completar uma tarefa do que o conjunto de CPUs do Google.

Uma particularidade muito conhecida é o facto dos investigadores e engenheiros do Google terem 20% do seu tempo de trabalho para desenvolver os seus próprios projectos. Desse trabalho pessoal, nasceram os sucessos Gmail, Orkut e Google News.

Sendo o Google líder das pesquisas na Web, segundo dados da Nielsen de Fevereiro de 2006 com 48% nos EUA e 55% no UK, o que mais se pode esperar?

Os sucessivos rumores que o Google estaria a desenvolver um novo sistema operativo para o Desktop merece a nossa reflexão.

Estando a discutir o assunto, no Bairro Alto e a horas indecentes, com três colegas de um projecto europeu de investigação centrado no open-source, três opiniões diferentes apareceram em cima da mesa: o Google não estava rigorosamente a fazer nada, estavam a desenvolver um novo sistema operativo de raiz ou estavam a adaptar o Linux para esse mesmo fim. Excluo o facto de estarem a desenvolver um Linux para uso interno, o Goobuntu, porque essa notícia já foi confirmada como verídica.

Voltando às hipóteses, é muito arriscado apostar na segunda mas a terceira não é assim tão disparatada.

E penso ser possível por três razões. A primeira é que quando se tem muitos recursos e muita gente inteligente, o céu é o limite. Ou seja, é natural que se queira fazer crescer o nosso mercado verticalmente entrando noutras áreas como o software de produtividade ou mesmo o sistema operativo. Segundo, porque não é de todo impossível a Microsoft ganhar quota de mercado ao Google. Dizia um colega francês do INRIA, que era uma questão de investimento. Mesmo o mecanismo patenteado do Google que valoriza as ligações da página e para a página baseia-se em conceitos muito simples depois de apresentados.

Por fim, pela cultura da empresa. Uma cultura aberta e assente no modelo de cooperação. O Google tem APIs para interacção com os seus serviços e suporta vários projectos open-source. Aposto em linguagens de programação muito associadas ao SL/A como o Python. Recorde-se que o criador do Python, Guido Van Rossum, juntou-se recentemente à equipa do Google.

Assim, pode ser natural que o Google venha ainda a surpreender. Claro, de preferência mantendo a máxima “Não sejas diabólico”.

Caixa Mágica Servidor 10 Pro

Enquanto não chega a versão de Linux do Google, e mesmo então, temos a distribuição de Linux portuguesa, Caixa Mágica. Foi esta semana lançada a versão Standard do Linux Caixa Mágica Servidor 10 podendo o download ser feito livremente a partir do site.

Os comentários têm sido muito positivos especialmente quanto ao suporte de 64 bits e o CM WebMin, um “control panel” que permite configurar os vários serviços que correm no Linux. Experimentem.

[3.3.2006] Nokia 770: Linux na palma da mão

Seria suficiente percorrermos as páginas do Bits & Bytes para perceber que os “gadgets” são a nossa perdição. Gadget esse que pode ir de uma pequena lanterna que se liga à saída USB ou um dispositivo electrónico para acesso à Internet.

A capa da Linux Journal deste mês é o Nokia 770, o mais recente produto da Nokia para acesso móvel à Web. O acesso faz-se por WiFi, Bluetooth ou cabo USB, não tendo qualquer modem ou telefone associado.

A experiência que a Nokia pretende fornecer é a de podermos facilmente aceder à Internet (Web com Opera8, mail ou newsgroups) em locais com cobertura WiFi. Por exemplo, e no caso de haver essa cobertura WiFi, na nossa cozinha quando queremos procurar uma receita, num café para mostrar a um amigo uma página ou num intervalo de um programa de TV quando queremos verificar as novidades num forum de discussão. Podemos ainda ouvir música ou ver vídeos.

Este conceito é diferente dos Tablet PC no sentido em que não tenta trazer para a área móvel todas as funções do tradicional PC. Também é diferente do Nokia Communicator ou do Qtek que tentam, e com sucesso, integrar essas funções de PC no telemóvel.

Pelo contrário, o Nokia 770 não é um assistente pessoal - nem sequer traz agenda electrónica ôôô nem um tablet PC. É um Internet Tablet como designa a Nokia.

Este Internet Tablet tem ainda outro motivo de interesse: o sistema operativo é uma versão de Linux adaptada pela Nokia. Sendo a Nokia um dos líderes de desenvolvimento do Symbian, a estratégia de utilizar Linux não é inocente. Com este sistema operativo a Nokia consegue atacar soluções móveis mais completas, podendo eventualmente estender no futuro ao Communicator esta plataforma baseada em Linux e ser uma alternativa ao Windows Mobile.

Se os anteriores argumentos não eram suficientes para convencer o “geek” (ou “cromo”, em bom português) que há em nós, então podermos ter um Linux nas palmas da mão é o golpe final.

O Nokia 770 não é ainda comercializado em Portugal mas segundo a Nokia Portugal estará disponível a partir de Março para aquisição on-line. Esta versão é disponibilizada sem o software em português. O preço não é ainda conhecido mas podemos ter uma referência nos 349 euros a que é disponibilizado on-line para o mercado espanhol.

MIT(o) ou não MIT(o): eis a questão

A possível parceria entre o estado português e o MIT tem feito as delícias dos media pelas razões erradas. Têm focado nas divergências dentro e fora do Governo e não no que representa o MIT.

Uma universidade não vale pelos edificios onde está situada mas pela cultura que incorpora. Cultura essa criada por docentes, investigadores e estudantes e que tem impacto directo na sociedade. Nas nossas empresas, nas nossas organizações.

Como o Chanceler do MIT, Phil Clay, bem recordou no sábado passado, a instituição existe desde 1861 e, desde sempre, com o objectivo de servir a indústria.

A possível parceria entre o MIT e instituições de ensino superior e de investigação portuguesas pode vir a ser muito positivo para importar essa cultura de verdadeira inovação. E atrevo-me a dizer que o lugar comum de nomear os prémios Nobel atribuídos ao MIT não vale tanto como a simples enumeração de alguns dos projectos que nasceram nesta instituição.

Recordemos que foi no MIT que Richard Stallman trabalhava quando decide criar a GNU. Que foi no MIT que nasceu o X-Windows em 1984. Que é no MIT que Negroponte desenvolve o projecto do portátil de 100 dolares. Que o MIT é o responsável pelo MIT Open CourseWare que disponibiliza livremente os conteúdos de quase todas as cadeiras dos cursos aí leccionados.

Esta cultura de abertura e de aposta em novas ideias é desconhecida em Portugal. Por exemplo, quando o Ministério da Justiça decide apostar numa distribuição de Linux própria desenvolvida por uma universidade pública portuguesa cai-nos o deputado Montalvão Machado em cima. É na dinâmica MIT que temos muito a ganhar e a aprender.

Independentemente dos percalços e do sucesso futuro, o MIT pareceu comprometido a desenvolver a parceria e isto só acontece pelo empenho de Mariano Gago e do secretário de estado, Manuel Heitor. Não foi preciso assinar protocolos a granel, bastando neste caso dois, para se ver da parte de quem assistia à assinatura do protocolo uma verdadeira vontade de concretizar o plano tecnológico.

Quem sabe, talvez ainda estejamos a tempo de seguir um bom caminho. Caminho esse que nunca passará apenas por uma via, mas pela pluralidade e abertura de abordagens tecnológicas.

[17.3.2006] Um mundo pequeno: Morton, portugueses e FSI

Temos uma predisposição especial para dizer mal de outros portugueses.

Como foi recordado recentemente por Ferreira Fernandes e João Ferreira, na idade média o embaixador espanhol questionou D. Henrique de Meneses sobre algo que o intrigava. Não percebia porque é que sempre que quando interrogado um português sobre um seu compatriota, ele o aniquilava, enquanto os espanhóis faziam exactamente o contrário: sempre enalteciam as qualidades dos seus. D. Henrique respondeu: “Por mentirem ambos”.

Andrew Morton é o braço direito de Linus Torvalds no desenvolvimento do kernel do Linux. Como é do conhecimento público, a versão de produção do Linux distingue-se pelo número central ser sempre par (por exemplo, o “6” em 2.6.11, número este designado por “minor version”) e a versão de desenvolvimento tem esse número sempre ímpar (como o “5” em 2.5.12).

Sendo o Linus Torvalds responsável pela versão de desenvolvimento, Andrew Morton é, por sua vez, o responsável máximo pela integração das funcionalidades estáveis na versão de produção.

Numa troca de emails com Andrew Morton, referi por curiosidade que só tinha conhecimento da contribuição de um português para o Kernel do Linux, aliás, contribuição descrita aqui no Bits & Bytes e incidindo sobre a parte de IPv6. Morton respondeu-me que tinha contribuições (patches) de mais três: Marcos Torres e Pedro Pinto, da Universidade de Coimbra, e José Gonçalves do INOV.

Em paralelo, e na sequência de uma crónica passada, tive contacto com outros dois portugueses que trabalham no Google : um na área da segurança - em Zurique - e outro no AdSense ôdô em Dublin. A troca de ideias com eles confirmou o fascínio e o entusiasmo com que se entregam ao Google e às tarefas que desempenham.

Este espírito global presidiu ao Forum para a Sociedade de Informação (FSI) organizado pela UMIC em Aveiro, na 6ª feira passada. Um espírito de desafio à capacidade dos portugueses em inovar.

O Forum destinou-se a estimular a discussão em torno das grandes questões da sociedade de informação, com sessões paralelas centradas em comércio electrónico, modernizar a administração pública, inclusão social e oportunidades empresariais. O balanço foi muito positivo gerando-se espaço de debate e verdadeira troca de ideias. Algumas intervenções no plenário estavam desenquadradas e seria evitáveis, mas a assinatura do protocolo com a universidade americana CMU a tanto o obrigava.

Outro protocolo assinado foi com a SUN Portugal, destinando-se à garantia de disponibilização pela mesma de Software Aberto / Livre (SL/A) como o StarOffice/OpenOffice. Existe um certo paradoxo em assinar algo que compromete a disponibilizar algo que já é livre. Vozes surgiram que apontaram que outras entidades deveriam ter participado nessa assinatura, como a ANSOL. Mas não é altura para crítica e não nos coloquemos na posição que o embaixador espanhol referiu a D. Henrique. É altura para perceber que ao governo interessa assinar protocolos de índole tecnológico com empresas multinacionais e, nesse sentido, a SUN é merecidamente um excelente caso.

Mas ao contrário da Microsoft, e em termos práticos, a SUN foi um representante da comunidade SL/A, e não o seu dono.

Assim, nada mais elogioso para todos os que trabalham nesta área saber que no âmbito do Plano Tecnológico o governo não conta apenas com uma via para o choque. Conta com várias e todos podem, e devem, dar o seu

contributo.

Linux 2006: de novo reunidos

À semelhança do ano anterior, a Caixa Mágica, Sybase e ADETTI organizam o IV Evento de Tecnologias Abertas a 30 de Março de 2006, em Lisboa. A inscrição é livre mas limitada dado o ano passado se ter atingido o limite do auditório com os 500 participantes presentes.

O evento cresceu e será de um dia inteiro. Terá uma dezena de stands das principais empresas no mercado (entidades organizadoras, IBM, SUN, Bull, IBS, TBA,...) e uma agenda cheia: a IDC apresentará os números, o Secretário de Estado da Justiça - Dr. João Tiago Silveira ôdô introduzirá o desenvolvimento do Linius, o Prof. Carlos Zorrinho comunicará as ideias subjacentes ao Plano Tecnológico e seus desafios, serão apresentados os desenvolvimentos e visão da Caixa Mágica e a Sybase e os seus novos produtos. A manhã terminará com um debate que contará com a participação surpresa de uma empresa especial. Uma que tem protocolos assinados com todos os ministros do governo.... A provar que a discussão racional e a troca de argumentos é possível. À tarde serão apresentados oito casos de estudo da utilização de Linux e SL/A.

[31.3.2006] Inovação. Mas qual é a pergunta?

“Se a inovação é a resposta, qual é a pergunta?”. A afirmação é de John Kao, guru da inovação de Silicon Valley (SV), autor do livro Jamming e produtor do filme “Sexo, Mentiras e Vídeo”.

Desafiado pela Adventus, fiz parte do grupo constituído por docentes universitários, decisores da administração pública, empreendedores e jornalistas que se deslocou a SV na semana de 18 a 25 de Março para visitar oito das mais conceituadas empresas de S.Francisco, tendo ainda oportunidade de participar na conferência do PAPS ôdó a associação de estudantes portugueses pós-graduados a residir nos Estados Unidos.

Porquê Silicon Valley (SV)? O venture capital, financiamento de risco utilizado por empresas emergentes, está avaliado em 25 mil milhões de dólares anuais segundo o prof. Manuel Villas Boas da Universidade de Berkeley. Metade desse valor é investido em SV, uma área equivalente à distância entre Leiria e Setúbal, e o sítio ideal para se discutir inovação. Os outros 50% são distribuídos pelo resto do mundo.

Inovação é hoje uma palavra quase sem sentido de tanto utilizada em diferentes contextos. E Jonh Kao tocava na parte crítica: onde queremos chegar com a Inovação e para a que perseguimos?

A visita tinha para mim um objectivo especial: perceber a dinâmica do local e perceber como os modelos tecnológicos e de negócio emergentes se adaptam ao Software Livre / Aberto.

A hipótese de partida estava assim bem definida: há espaço para o crescimento de projectos de investigação ou empresariais na área das TI, e concretamente baseando em SL/A, em Portugal face ao contexto mundial?

Visitar a sede da Cisco e os laboratórios de investigação da Accenture, a IDEO e a Adaptative Path, a Genentech e a Biolog, para além de falar com gurus como Liisa Valikangas -sócia de Gary Hamel - e John Kao, esgotam a capacidade de síntese de qualquer um. Abordarei apenas dois casos: a Adaptative Path e a IDEO.

Adaptative Path: inovação da Web 2.0 e do AJAX

A Adaptative Path é a empresa líder do conceito de Web 2.0. O termo Web 2.0 foi cunhado por Tim O’Reilly. Em contraponto com a Web versão 1, que fomos conhecendo durante a década de 90, a realidade de hoje é de uma Web 2.0 assente na participação activa do utilizador. Ele já não é um mero consumidor de informação é um produtor enquanto autor de Blogs, Wikis e comunidades virtuais.

A Adaptative Path é uma empresa pequena, cerca de 20 pessoas, cuja missão é criar para os clientes uma experiência de utilização dos seus sites Web diferente e que leve o utilizador a comprar.

Para isso, foram percursos de tecnologia, como a integração de Java Script, DHTML e outras tecnologias numa mistura a que se chamou AJAX.

A CEO, Janice Frasier, explicou-nos como reduzem o tempo de desenvolvimento utilizando linguagens e plataformas como Ruby on Rails e SL/A. Assim, conseguem reduzir a necessidade de investimento e não depender de capital de risco. Apesar da dimensão, a empresa tem entre os seus clientes a Intel, Lycos e CNN. O futuro serviço do Google com estatísticas de Blogs, Measure Map, foi desenvolvido pela Adaptative Path e, como se imagina, muito bem pago.

O segredo desta empresa de SV é, tal como algumas empresas portuguesas, compreender as mudanças tec-

nológicas e oferecer um serviço ao cliente que é quantificável em receitas. Receitas através da venda on-line de bilhetes para cruzeiros ou de conteúdos via Web.

[14.4.2006] Palm V e telefone Cisco: gémeos da inovação

A semana passada foram aqui descritas algumas das tendências tecnológicas emergentes em Silicon Valley como a Web 2.0 e Ajax, assim como os novos modelos de negócio. O objectivo era analisar o que nos guarda o futuro como investigadores, empreendedores e fornecedores de TI em Portugal.

Já alguma vez se perdeu a admirar o design de um PDA Palm V? Ou de um telefone VOIP da Cisco? Tudo obra da IDEO.

A IDEO não é uma empresa de TI mas de design de produto liderada por Tom Kelley, autor do livro “The art of innovation”.

A inovação sente-se no ar e é a matéria-prima que dará origem à facturação da empresa. Para essa “fábrica de inovação”, o ambiente de trabalho conta e muito. A secretária de trabalho de um colaborador situa-se dentro duma carrinha Volkswagen pão-de-forma à entrada de um dos edifícios principais, o veículo preferido é a bicicleta que se pendura em cabos que descem do tecto e existe um bar “fashion” dentro da empresa onde, uma vez por semana, um orador externo apresenta uma ideia ou tendência.

Na criação de novos produtos, a primeira máxima da IDEO é “Olhar à volta. As boas ideias estão em todo o lado” e a segunda é “Prototipagem antes de tudo. Falha cedo para vingar mais tarde”. Fazer um protótipo pode consistir num desenho de um ecrã num post-it, ou o desenho de um telefone em cartão prensado.

Estar em Silicon Valley ajuda a captar clientes mas o verdadeiro trunfo é aplicar um processo interno rigoroso de incentivo à criação inovadora. Perceber o que o cliente quer, ver como os utilizadores interagem com os produtos semelhantes existentes (como a observação de como as mães utilizam carrinhos de bebé com o intuito de desenvolver um novo), ter ideias disruptoras e fazer protótipos. Muitos protótipos.

Esta receita poderia funcionar no “vale” ou na Covilhã. Está tudo na abordagem e cultura interna das organizações. Daí fazer sentido regressar às questões iniciais.

Existe futuro para os alunos das nossas universidades montarem as suas empresas e desafiarem o resto do mundo? Que possibilidades para os nossos investigadores serem os melhores da sua área? Um empresário português pode vingar na competitividade do mundo plano?

Após uma semana de visita, tenho a certeza que sim.

Um dos critérios mais apontados para o sucesso do vale não é o facto de existir capital de risco abundante, ter as melhores universidades do mundo, não ter medo de arriscar ou estar geograficamente bem situado. É o clima ameno. E de clima, estamos bem servidos em Portugal. E ao contrário do resto, nem maus empresários, nem maus sindicatos, nem maus políticos o podem arruinar. Para além do clima, temos criatividade, tolerância e boa capacidade de adaptação às situações. Tudo o que precisamos para que a próxima IDEO nasça na Covilhã.

Livros para as férias da Páscoa

Com a ajuda do Jaime Fidalgo, colaborador do Dia D do Público e companheiro de viagem, reforcei as leituras que agora partilho para quem quiser aproveitar a Páscoa para se actualizar.

Deixo de fora os best-sellers “Freaknomics” e “O mundo é Plano” porque é difícil não tropeçar neles em qual-

quer livraria.

Imprescindível é a biografia não-oficial de Steve Jobs da Apple, intitulada “iCon” de Jeffrey Young e William Simon. O livro descreve o (mau) génio de Jobs e a sua passagem pela Apple, NeXT e Pixar.

“The Google Story” e o “The search” - o primeiro ainda não editado em português - abordam a história do Google e os seus ingredientes de sucesso. “The Google Story” de David Vise tem uma introdução muito interessante para quem quer melhor saber o que é o Google hoje em dia.

Nas prateleiras da livraria da Universidade de Stanford encontrei o “Just say no to Microsoft”, uma prenda irresistível para amigos mais tresmalhados.

Por fim, editado em Agosto de 2005 mas imprescindível, recomendo o “The Wisdom of crowds” de Surowiecki que defende que muitas vezes uma multidão pode tomar decisões mais acertadas do que um especialista. O livro é ilustrado com exemplos deliciosos, como a taxa de eficácia da ajuda do público ao concorrente no concurso “Quem quer ser milionário”.

Se cruzarmos esta inteligência colectiva das multidões, com as novas tendências de Friedman e juntando-lhe o poder das ferramentas do Google, temos uma boa imagem do que é o mundo do Software Livre / Aberto hoje. Boas leituras.

[28.4.2006] Eu, cliente P2P, me confesso

A grande questão do momento parece ser a identificação e consequente multa aos utilizadores de sistemas de partilha de ficheiros, vulgarmente chamados de P2P ou eMule, que utilizam os mesmos para download de músicas e filmes da Internet.

Para se conseguir discutir racionalmente o problema, é necessário antes de mais concordar em dois pressupostos básicos.

O primeiro é que uma música ou um filme é propriedade intelectual dos seus autores e estes têm todo o direito de condicionar o seu acesso mediante um pagamento.

O segundo ponto de partida é que a grande generalidade das pessoas com acesso facilitado a tecnologia e banda larga faz downloads de música ilegal. Não sou excepção.

Este paradoxo entre o reconhecimento da ilegalidade e a realização da mesma por toda a gente não significará que temos uma sociedade sem valores. Significa antes que a sociedade não encontra alternativa à ilegalidade e, como tal, socialmente não o condena.

A Associação Fonográfica Portuguesa (AFP) lançou uma campanha em que identifica os prevaricadores online e entrega informação sobre os mesmos na Polícia Judiciária. Já para não falar da dificuldade técnica da identificação (E se o IP é de uma “gateway” que faz “masquerading”? E se os ficheiros são legítimos e não sujeitos a direito de autor?) não creio que este seja o caminho para inverter a quebra de receitas da indústria fonográfica.

Assustar os utilizadores com ameaças de queixas e multas de 5.000 euros apenas vai intimidar alguns utilizadores mais preocupados e por tempo muito curto.

O que se está a fazer é dificultar a ilegalidade, quando o que se devia fazer era facilitar a legalidade.

Por outro lado, vejamos pelo lado dos autores. Preocupa-me que o Rui Veloso, a Mafalda Veiga ou o Pedro Abrunhosa não tenham rendimentos da música que tocam. Preocupam-me que possam deixar de criar.

Mas se esperam que nós nos continuemos a deslocar à discoteca para comprar os CDs então vão ter uma grande desilusão.

Apesar das discotecas não irem desaparecer, o mercado de música on-line está a crescer a um ritmo incrível e é isso que o novo cliente de música pretende.

Nesse mercado, consumidores de música não devem esperar mais de 5 minutos entre a escolha, download para o PC e a transferência para o leitor de MP3 (iPod, Rio,...).

Foi um actor externo à indústria, a Apple, que o conseguiu. Com o iTunes, o software que permite a ligação à Music Store e aquisição de música on-line, a Apple conquistou 70% do mercado de música on-line em 2005.

Infelizmente, a AFP e as suas associadas estão mais preocupadas em perseguir toda a população do que em perceber que poderão aumentar as suas vendas se melhorarem esse canal.

Em Linux ainda é difícil adquirir música on-line já que o iTunes apenas está disponível para Mac e Windows. Mesmo nessas plataformas, o iTunes tem um conjunto de intérpretes portugueses muito limitado. Mafalda Veiga ou Rádio Macau não existem nas loja da Apple ou da Rhapsody, bem como muitos outros.

O caminho tem de passar por melhorar o acesso à aquisição on-line e a preços aceitáveis, como os hoje praticados a 0.99 Euro / música.

Até lá, a AFP bem pode cantar o fado “Ó tempo volta para trás”. Até porque o artista não está on-line.

iPod e compra de música on-line em Linux

O feliz proprietário de um leitor de MP3 pode facilmente gerir as suas músicas em Linux.

Em Caixa Mágica 10, por exemplo, sugere-se a utilização do Amarok. Este software deve contudo ser actualizado através do Synaptic (repositório do ContribWare) para a versão 1.3. Esta versão está muito boa e permite a fácil gestão da biblioteca de música, tocar variadíssimos formatos e rápida transferência de música para o leitor.

Para comprar música on-line, e como foi dito, é mais complicado. É possível a utilização de um emulador como o Wine para por o iTunes em Linux (documentado em <http://contribdoc.caixamagica.pt>) mas os resultados não são muito animadores.

Por outro lado, Jon Lech Johansen ôðô exactamente, o responsável pela quebra da protecção dos DVD ôðô disponibilizou o SharpMusique, uma aplicação que permite a aquisição de música na loja da Apples.

[19.5.2006] Apple e Linux: o “Efeito Bota Botilde”

Aparentemente, sentimos à nossa volta que a Apple está a crescer no mercado Desktop. Toda a gente fala dos novos Intel iMac, do seu design atractivo e de como o preço está a aproximar-se dos PCs.

A questão é legítima. Ganhará a Apple quota de mercado que assuste a Microsoft?

O produto Apple para o desktop é único. Ele consiste em três camadas (hardware, sistema operativo e aplicações) fornecidas (unicamente?) pela Apple, recorrendo esta a terceiros para fornecer alguns desses elementos, como os CPUs ou o Office.

Dominando a Apple esses elementos, consegue que eles tenham uma integração perfeita. O hardware é bem conhecido do sistema operativo e este conhece bem as aplicações.

Outro ponto forte, é o design atractivo. Não se tem um Mac. É-se um Mac.

Alguns utilizadores começam por comprar um iPod e sentem-se tentados a estender o conceito ao seu computador de secretária.

Para concluir os pontos fortes da Apple, o sistema operativo Mac OS X é sólido e seguro. Historicamente, este sistema provém do kernel Mach e do BSD. Quando Steve Jobs foi afastado da Apple em 1985, criou a NeXT que desenvolveu o sistema operativo NEXTSTEP e que integrava essas duas tecnologias, mistura tecnológica que se baptizou como kernel XNU.

Ainda antes do seu regresso, Jobs vendeu à Apple o NEXTSTEP / XNU. Esta adoptou-o como sistema operativo de eleição. Em 2000, a Apple lança o projecto OpenDarwin e disponibiliza à comunidade o código-fonte dos componentes core do Mac OS X.

Terá a Apple condições para enfrentar a Microsoft de igual para igual na batalha dos desktops nos próximos 5 anos? O crescimento da Apple provocará a quebra do crescimento do Linux? Sim e não.

A Apple, antes de mais, percebeu que o modelo “open source” e o UNIX são “cavalos vencedores”. A diferença de arquitectura entre Mac OS X e Linux é ténue e, se necessário, é fácil compatibilizar aplicações e aproveitar sinergias entre elas. Veja-se o desenvolvimento conjunto do Safari (web browser da Apple) e o KHTML (motor do web browser do KDE).

Se o Linux crescer no Desktop, é natural que propicie o crescimento dos Macs e vice-versa. Por outro lado, o sistema das 3 camadas proprietárias (hardware, SO e aplicações) atira a Apple para fora do mercado mainstream. Os utilizadores gostam de escolher e não estar limitado a dois ou três modelos de hardware.

O Linux tem ainda uma outra mais valia. Ele não começa, nem acaba, no mercado Desktop. Começa no mercado Servidor, onde lidera alguns segmentos, e termina no mercado de Sistemas Embebidos. Esta massa crítica cria vantagens e o envolvimento de um conjunto de empresas e programadores muito vasto.

As quotas de mercado suportam esta análise. Não as quotas de volume de vendas, já que o Linux não carece de licença, mas de acesso ao www.w3schools.com. Sendo este um site dedicado a desenvolvimento web que tem 50 milhões de páginas vistas por mês, através das estatísticas do sistema operativo utilizado para acesso, aferimos a penetração de cada sistema operativo em termos globais. Em 2003, o Linux teve uma quota de acesso de 2,42% e os Mac de 2,02%. No ano seguinte, subiram respectivamente para 2,91% e 2,53%. Em 2005, passaram para 3,30% e 3,03%, estando este ano o Linux já com 3,43% e o Mac com 3,55%. Apesar de suave, o crescimento tem sido estável e passo-a-passo.

Se este ritmo se mantivesse, demoraria 25 anos para que Linux e Mac tivessem 50% do mercado. Mas o mercado não funciona assim e o melhor exemplo são as modas dos recreios das escolas.

O que leva a Bota Botilde nos anos 80, ou os berlindes, ou os yo-yo's da Coca Cola, a invadirem o recreio das escolas enquanto outros produtos falham? Todo o marketeer conhece o "Efeito Bota Boltilde": romper a barreira dos 10%. Se se conseguir que 10% dos miúdos comprem o brinquedo, cria-se massa crítica para se trocarem peças, para jogarem entre si ou para surgirem mais pontos de venda. E se demora 5 semanas a chegar aos 10%, demora apenas outras 5 semanas a chegar aos 50%.

Em 2008, e se se mantiver o ritmo dos últimos anos, o Linux e Mac deterão 10% do mercado Desktop. O número mágico do "Efeito Bota Botilde".

[2.6.2006] Formato ODF torna-se standard

No principio do mês de Maio, mais precisamente no dia 3, foi anunciada a aprovação do formato ODF, o formato utilizado pelo OpenOffice, como standard oficial ISO/IEC 26300.

Ser standard significa que diferentes empresas produtoras de software podem desenvolver sobre esse formato porque ele é conhecido e a sua utilização não está sujeita a patentes.

Isto é especialmente interessante para a Administração Pública que não deve exigir que o cidadão adquira um determinado software para poder preencher um formulário. O ideal é que documentos digitais sejam disponibilizados num formato standard e que este possa ser suportado por diferentes programas de produtividade (suites de Office).

O acréscimo directo de utilização de OpenOffice devido a esta notícia não é garantido, até porque o formato “.doc” do MsOffice é o standard “de facto”. O curioso é verificar que, ao contrário do Javascript ou do DCOM, o standard “de facto” não se tornou o standard “de jure”. Isto ocorre porque no processo de standardização a empresa responsável pelo “.doc” não o abriu à indústria dificultando a interoperabilidade. A ODF Alliance, associação que congrega centena e meia de empresas, instituições estatais e universidades, aproveitou e conseguiu ver aprovado o seu standard.

Para quem pretender legitimamente manter o MsOffice irá ser disponibilizado pela OpenDocument Foundation um plugin que permitirá ler e escrever ODFs.

Universidade: bem-me-quer, mal-me-quer,...

Ano após ano, antes do Verão, é frequente assistir a questões de estudantes finalistas do secundário em busca de informações nos foruns on-line. “A Universidade “tal” utiliza Linux? Os laboratórios são bons?”

Tenho participado em alguns eventos que me permitiram aprofundar um pouco melhor o que se vai fazendo pelo país.

O candidato a universitário deve começar por identificar aquilo que pesa na sua decisão. É o status? São os currículos? São as saídas profissionais?

O ensino de informática está em geral com bom nível. Começo pelas universidades e politécnicos do interior. Apesar de por vezes apresentarem médias mais baixas, têm cursos sólidos e corpos docentes qualificados. Por exemplo, veja-se a Universidade da Beira Interior na Covilhã ou o Politécnico de Bragança que têm cursos de Engenharia Informática muito completos. Por outro lado, Escolas Superiores como a de Lamego, Viana do Castelo ou de Oliveira do Hospital têm uma grande coesão e empenho do corpo docente, um foco muito grande na região e uma relação com o aluno mais próxima e produtiva.

Em Lisboa, que conheço melhor, o ISEL tem um ensino de electrónica e informática muito pragmático centrado no hardware e programação de baixo nível. Tem ainda docentes com competências de investigação em plataforma .NET.

Apesar de ser uma das principais dúvidas do candidato, é difícil generalizar e dizer que aquela universidade aprofunda mais Software Livre / Aberto (SL/A) ou .Net porque todas acabam por abordar as diferentes tecno-

logias. Por exemplo, veja-se o caso do ISCTE que tanto integra docentes e investigadores criadores do Linux Caixa Mágica, como o responsável pelo único laboratório de desenvolvimento da Microsoft em Portugal. O ISCTE tem ainda a mais valia da componente de gestão que incorpora em algumas cadeias dos cursos de Informática e que herda da sua escola de gestão, uma das mais fortes do país.

O Técnico (IST) dispensa apresentações mas tem como pontos fortes a reputação no mercado, a exigência e a carreira de investigação de alguns dos seus docentes. A Faculdade de Ciências ôdó com 4 ou 5 dos mais conceituados investigadores nacionais- ou a Nova com o seu campus imbatível são escolhas igualmente fortes. Deverá também verificar o ajustamento ou não ao Processo de Bolonha.

Por fim, falar com os conhecidos para se inteirar do ambiente. Afinal, se não fossem as festas universitárias, dificilmente se aturaria tantos bits & bytes.

[16.6.2006] Onde se juntam hoje os pinguins?

Os Grupos de Utilizadores de Linux (GULs) foram uma constante durante a década de 90.

Em Portugal surgiram vários como o Plug, o GUL-ISCTE, o GIL, etc..

Com a excepção do Plug, um grupo com natureza mais abrangente, o elemento comum entre todos os membros de um GUL era estarem geograficamente próximos. Assim, podiam reunir-se fisicamente para trocar disquetes ou, mais tarde, CDs das suas distribuições de Linux favoritas. Nessa altura, era especialmente difícil fazer o download de software e os encontros dos grupos eram a melhor forma de o distribuir.

Houve uns encontros que pelo espaço de debate e discussão deixaram sementes para o futuro. Foi o caso do Simplinux em Faro com a presença de Alan Cox, Porto Cidade Tecnológica ou as Workshops do Gul-ISCTE em Lisboa.

Com a vulgarização da Internet de banda larga foi caindo em desuso a criação de GULs. Por um lado, pode fazer-se o download das várias distribuições de Linux com as suas suites de produtividade como o OpenOffice e com todo um conjunto quase ilimitado de aplicações. Por outro, a necessidade de esclarecimento de dúvidas vai dissipando-se através dos foruns da Internet.

Ainda faz sentido criar GULs? Claro que sim. Basta ver o caso inglês em que estão activos e registados mais de 100 grupos no UK Linux User Groups (<http://www.lug.org.uk/>). Para além de grupos locais, que se reúnem numa base semanal ou mensal numa livraria do bairro a beber um café ou um chá e a trocar dois dedos de conversa, os grupos mais dinâmicos acabam por ser os universitários (como o GLUA de Aveiro ou o GLUTAD da UTAD). Estes têm a vantagem de os seus associados terem tempo para se aplicar mas têm como lado negativo o facto de geralmente terem ciclos de vida curtos, de apenas 5 anos, equivalentes à entrada e saída de alunos.

Temos ainda grupos surpreendentes como as Linux Chix (<http://www.linuxchix.org/>). As Linux Chix são um grupo de geeks (cromos) do sexo feminino que utilizam e gostam de Linux.

À parte dos encontros de GULs existem os grandes encontros nacionais de Software Aberto / Livre (SL/A) como o FISL no Brasil que em Abril de 2006 reuniu 5.300 participantes em Porto Alegre, ou o RMML que juntará 1.500 pessoas na cidade de Nancy - França em Julho. Estarei presente neste último pelo que terei oportunidade mais tarde de nestas linhas analisar essa dinâmica.

Gooooogle ao cubo

O Google lançou nas últimas semanas três iniciativas que confirmam alguns dos temas que neste espaço foram abordados em 2005.

Em primeiro lugar, já é possível testar em versão Beta a sua folha de cálculo on-line (Google Spreadsheet). Utilizando tecnologia AJAX - não o limpa vidros mas o conjunto de tecnologias que engloba Javascript, XHTML e CSS, -permite um interface interessante para utilizações minimalistas. A possibilidade de trabalho colaborativo é o ponto mais forte. Para todos os efeitos, e com as actuais limitações, é mais uma prova de conceito do que uma ferramenta de trabalho. Todavia, o Google não deixa de evoluir no sentido de descer na “pilha” e tocar no negócio das suites de produtividade e, quem sabe, no sistema operativo.

Por outro lado, a possibilidade de sincronização com o Firefox foi também recentemente anunciada. Desta feita,

podemos através do Google manter sempre os mesmos bookmarks, histórico e cookies independentemente de utilizamos o Firefox do PC do escritório ou de casa. O Google assegura a sincronização entre todos.

Em terceiro lugar, foi anunciado o tão desejado Google Earth para Linux. A versão disponibilizada foi a Beta 4 mas que permite ver que as próximas versões suportarão em igualdade as três plataformas mais utilizadas.

Por fim, disparatada é o mínimo que se pode dizer da posição do Google de contestar que o MSN Search, o motor web da Microsoft, esteja definido por omissão na lista dos vários motores disponíveis para o IE7. Não nos esqueçamos que o Firefox colocou o Google por omissão na barra de procura e aí não houve reclamações. É natural e legítimo que a Microsoft também o faça.

[30.6.2006] Cozinhas & companhia

Quem casa, quer cozinha. Quem quer cozinha, provavelmente já foi ao IKEA. Esta cadeia multinacional sueca está dizimar o mercado nacional de fabricantes de cozinha (con)vencendo através de três tipos de argumentos: preços baixos, robustez e disponibilização de software 3D.

Os preços acabam por não ser tão baixos se tivermos em conta o preço do transporte e montagem.

A robustez é tentativamente comprovada por máquinas que na loja abrem e fecham gavetas de forma constante. De facto, isso não representa a realidade de cozinhas sujeitas a utilização por crianças de 5 anos que aplicam a sua energia de formas pouco previsíveis.

Excluídas as duas anteriores, resta o software 3D como elemento diferenciador.

O software disponibilizado no site da empresa permite desenharmos a nossa cozinha, vê-la em 3 dimensões e calcular o preço. Isto no conforto da nossa casa, de forma intuitiva e com a flexibilidade de a podermos modificar ao nosso gosto. Ele desperta o arquitecto de interiores que existe dentro de nós.

Estarão as empresas portuguesas fabricantes de cozinhas condenadas ao fracasso no mundo globalizado dos IKEA?

Dependem apenas delas. Para terem sucesso não só terão de disponibilizar software 3D, como ultrapassar o existente em alguns aspectos.

Mas uma empresa portuguesa não terá capacidade de o fazer sozinha. Precisa de se associar com outras e criar o software.

Como? Desenvolvendo - ou contratando o desenvolvimento - e disponibilizando-o sob licença de Software Livre / Aberto (SL/A). Desta forma garantirá que todos os que participam no desenvolvimento podem alterá-lo, personalizado e melhorá-lo. Garantirá que entidades externas contribuam com novas funcionalidades. Garantirá que o software será melhorado.

Também é verdade que os concorrentes poderão utilizá-lo mas então ficará à responsabilidade de cada um criar as vantagens competitivas que o diferencie.

A segunda parte é mais difícil. Estando ao mesmo nível, como ultrapassá-los? Contra a globalização, aposte-se na localização.

Segue um exemplo.

A cadeia de lojas atrás referida disponibiliza a útil funcionalidade de transferência do ficheiro com a cozinha idealizada para o servidor central. Contudo, quando se tenta fazer essa transferência no site português, nada acontece.

Quando contactada a loja, a senhora do atendimento ao cliente informou que tal não era possível. Tão pouco era possível levar a cozinha em CD ou pen USB à loja. Afirmou ainda que já tinham tido reclamações e tinham comunicado ...a “eles”. “Eles”, subentenda-se, é a cadeia multinacional.

Tentei então fazer a submissão via o site espanhol da empresa. As mesmas páginas, as mesmas imagens mas uma língua e um resultado diferente. A transferência funcionou sem qualquer problema. O passo seguinte foi ir à loja e conseguir com sucesso carregar o ficheiro da cozinha para o PC do funcionário.

Para uma multinacional, um problema no sistema de informação da loja portuguesa só será resolvido quando os grandes mercados (como EUA ou Espanha) estiverem de férias.

Enquanto a empregada do atendimento tratar a empresa onde trabalha por “eles” significa que não se sente parte da solução.

Ao contrário deste exemplo, a “localização” não é mais do que usar a vantagem de estar perto do cliente. Não só geograficamente mas em termos culturais.

E as empresas portuguesas não se podem ficar pelo software 3D. Têm de utilizar as TI sempre que representarem um valor acrescentado. Isso é que é o choque tecnológico.

Este choque tem igualmente que ser posto em prática noutras indústrias. É preciso inovar associando-nos e partilhando os custos do desenvolvimento da tecnologia. Não se fazem novos bolos com receitas antigas.

Escrevo estas linhas de Barcelona onde tomei contacto com o projecto das universidades Catalãs que visa o desenvolvimento conjunto de uma infra-estrutura de eLearning. Uma infra-estrutura que cada uma explorará à sua maneira. Financiada pelo governo regional sob uma única condição: ser SL/A. Estas universidades e o governo regional perceberam que têm de partilhar o conhecimento.

Para não ficarem a ver passar “cozinhas”.

[14.7.2006] Franceses - campeões do mundo

Não é de Futebol que se trata, pois disso já se sabe que os Italianos levaram a melhor, mas do RMLL - 7?s Encontros Mundiais de Software Livre que decorreu em Nancy ôôô França entre 4 e 8 de Julho de 2006 (<http://www.rml.info>).

O encontro reuniu 2.000 participantes, na sua maioria franceses, em 32 painéis que versaram a questão dos Standards Abertos, das questões legais, de Software Aberto / Livre (SL/A) na Educação, de software para Virtualização, Audio / Video, do projecto de investigação EDOS, de SL/A na Administração Pública, na Medicina, etc...

Ao contrário do Linux 2006 em Portugal, o evento português mais semelhante com o RMLL, neste é incentivado a presença durante os vários dias. Para isso, é disponibilizada dormida em residências universitárias a preços muito baixos e bons transportes para o local da Conferência.

Apesar do nome da conferência, apenas 2 ou 3 painéis foram em inglês. Todos os outros foram em francês, o que representa uma dificuldade para alguns dos potenciais participantes que não dominem esta língua.

O evento continha uma zona de stands, 24 para ser mais preciso, onde estavam representados os principais projectos SL/A e as mais significativas associações francesas da área.

Educação e Virtualização

Uma das áreas mais interessantes foi a da capacidade de adaptação do Linux à educação. Estavam presentes várias distribuições adaptadas para este efeito como o SkoleLinux. Esta distribuição é adaptada de Debian e permite instalar não só o PC mas uma infra-estrutura de rede que envolve servidores, thin clients e áreas de utilizadores.

O carácter improvisado do Linux permite esta fácil adaptação e essa é uma área que poderia ser explorada em Portugal com o desenvolvimento de projectos educativos sobre esta plataforma.

Ainda na vertente técnica, gostei bastante do painel de virtualização dedicado ao Xen. Esta tecnologia permite ter dentro de um sistema várias máquinas virtuais, controlando os recursos de cada uma, tem semelhanças com as Jails do BSD ou UML do Linux. Os valores comparativos apresentados colocavam o Xen à frente de qualquer outra tecnologia de virtualização em termos de desempenho.

Políticos à mesa

Surpreendente foi constatar o número elevado de franceses com papéis fundamentais em projectos internacionais como Debian ou outros. Em relação a Portugal, numa proporção muito maior do que a dimensão de ambas as populações faria prever.

E é curioso levar esta comparação com Portugal um pouco mais longe.

Teríamos condições de o fazer no SL/A como o fazemos no Futebol?

Temos pelo menos uma muito boa pré-condição: o nosso inglês médio é comparativamente melhor que o dos franceses, o que facilita a comunicação.

Mas falta-nos mais. Falta-nos exigência, como comprovou o painel com maior audiência: a mesa redonda com políticos franceses.

Três deputados da Assembleia Nacional (Richard Cazenave / UMP - partido do governo, M. François Bayrou / Presidente do UDF, Martine Billard / Verdes) e o euro-deputado do PS, Michel Rocard (antigo primeiro-ministro) marcaram presença.

Durante 2 horas e meia, o anfiteatro de 500 lugares - muito apinhado com pessoas sentadas em cadeiras, escadas e todo o espaço possível - perguntou, criticou e comentou as políticas francesas na área do SL/A, dos direitos do consumidor de electrónica, das patentes de software e do direito de autor.

Ao contrário da maioria dos políticos portugueses, estes não se escusaram a deslocar-se a 370 kms de Paris para debater estas temáticas. Não se escusaram a dizer o que pensavam de forma clara, sem rodear a questão e sem uma falsa neutralidade tecnológica.

No final - como nunca vi - a audiência bateu ininterruptamente palmas durante três minutos. Todos de pé.

Talvez os 200 anos de democracia permitam aos franceses perceber que não só de futebol vive um país. Que a política é demasiado importante para ser deixada apenas para os políticos. E que quando estes são bons, mesmo bons, merecem os mesmos aplausos que o Figo e companheiros.

[28.7.2006] FreeDesktop.org - harmonizando pés e dragões verdes

Folheando a secção do Bits & Bytes que apresenta semanalmente as capturas do ecrã dos leitores torna-se claro um dos principais critérios de escolha de um sistema operativo: a beleza e disposição dos elementos no ambiente de trabalho.

Existem outros, é certo, mas o “ser bonito” conta muito.

O Gnome e o KDE são os dois principais ambientes gráficos disponíveis em Linux. Isto é, o software que nos permite ter aplicações em janelas de encher o olho, copiar texto entre elas ou partilhar configurações.

O KDE (Kool Desktop Environment), cuja mascote é o Konqi ôðó um dragão verde, foi iniciado em 1996 por Matthias Ettrich, estudante da universidade alemã de Tübingen. Eric estava saturado dos desktops UNIX e propôs desenvolver-se em C++ um ambiente de trabalho mais amigável. Contudo, a biblioteca gráfica utilizada (Qt) não era nessa altura Software Livre / Aberto (SL/A), o que fez com que alguns programadores de SL/A procurassem alternativas.

Uns fizeram-no através de uma implementação livre do Qt, a Harmony, e outros ôðó liderados pelo mexicano Miguel de Icaza propuseram em 1997 o início de um ambiente de trabalho independente baseado na biblioteca gráfica do Gimp (Gtk) e desenvolvido em C. Esse esforço foi baptizado de Gnome e o seu símbolo é um pé esquerdo ou a respectiva pegada, dependendo da interpretação.

Por um lado a Red Hat, uma das principais distribuições de Linux, apoiou entusiasticamente o Gnome, enquanto a SuSE ôðó talvez pela sua costela alemã ôðó apoiou o KDE.

Ao longo dos últimos 10 anos, e versão após versão, têm alternado a liderança da preferência dos utilizadores por períodos de tempo relativamente curtos.

Na preparação da versão Beta do Linux Caixa Mágica 11, a lançar até ao final de Julho, fiquei convencido com o actual estado de desenvolvimento do ambiente Gnome. Como outros, sempre me mantive um pouco à parte utilizando WindowMakerw ôðó um ambiente gráfico mais leve mas muito flexível.

Contudo, a simplicidade e organização do Gnome convenceram-me a a utilizá-lo. Pelo menos, temporariamente.

O Gnome juntamente com alguns desenvolvimentos que foram realizados por outros projectos, como o suporte a hardware providenciado pelo HAL, permitem ter um ambiente de trabalho muito intuitivo com fácil configuração de impressoras ou mudança entre Wireless e rede.

Não significa isto que o KDE esteja estagnado. Pelo contrário, como já aqui foi referido, o KDE 4 promete uma série de novas tecnologias e abordagens de usabilidade. Algumas com sabor nacional em função dos portugueses envolvidos no esforço.

Durante o desenvolvimento desta versão de Caixa Mágica, tal como no desenvolvimento da Beta do Linus 2006, foi interessante analisar o sinal de maturidade revelado na coexistência destes dois projectos concorrentes. Ambos integram e contribuem para o projecto FreeDesktop.org que visa harmonizar os protocolos e definições no ambiente de trabalho. Os seus resultados são muito positivos, como comprova a possibilidade de uma aplicação ter apenas um ficheiro a indicar qual a localização da mesma no menu de iniciação de aplicações.

Tanto o KDE como o Gnome lêem esse ficheiro de XML e processam-no à sua maneira.

O Desktop não se resume ao ambiente gráfico.

Em ambiente empresarial as variáveis críticas são outras. Na verdade, podemos resumir a duas: interacção com o Exchange Server e suporte a aplicações de negócio existentes.

No caso da primeira, ou seja do Email / Groupware, existe um avanço considerável nos últimos 2 anos com o amadurecimento do Kontact (KDE) e do Evolution (Gnome) permitindo a utilização de contactos, tarefas e pastas públicas partilhadas. Este avanço resulta da competição entre os dois projectos e da vontade que cada um tem em oferecer melhores ferramentas que o outro.

Em 10 anos, o desktop Linux conta muitas histórias. Uma historia nascida no México. Outra na Alemanha. E conta-nos ainda histórias de cooperação no FreeDesktop.org.

Aproveitemos então as férias para testar o Gnome e KDE presentes na Caixa Mágica 11 Beta e decidir. Que ganhe o melhor, e que o melhor apareça no Bits & Bytes.

[11.8.2006] Em nome da “Lei”: 1.4 Euros de filmes de férias...

Será sensato que para guardar os filmes das suas férias em 10 DVDs tenha de pagar 1,4 Euros de taxa (0.14 por cada DVD-R) a uma sociedade de autores?

E se utilizar uma caixa “pirata” descodificadora de TV Cabo, a que penalizações está sujeito?

A resposta a estas questões está numa lei - a n.º 50/2004 - que, desde Agosto de 2004, regula o direito de autor e a propriedade intelectual.

Esta lei faz a transposição de uma directiva europeia conhecida como EUCD. Esta directiva tem como consequência a definição de dois pontos críticos para os consumidores de tecnologia: a aplicação de uma taxa ôdó renumeração - a todos os meios digitais fixadores de conteúdos (CDs, DVDs, iPod, Scanners, gravadores, máquinas fotográficas,...) e a proibição de contornar medidas de protecção de conteúdos conhecidas como DRM. Exemplos destas medidas de protecção são as caixas da TV cabo e os leitores (codecs) de DVD.

A transposição em Portugal não contou com uma oposição muito forte por força dos nossos brandos costumes, mas o mesmo não aconteceu noutros países europeus.

Espanha e França, a “Lei iPod”

Em Espanha, a lei foi aprovada a 22 de Junho de 2006 enquanto em França apenas a 3 de Agosto a transposição da EUCD foi publicada.

A transposição em Espanha e França tiveram naturezas diferentes. Enquanto em Espanha foi dado mais ênfase à taxa, ou canon em castelhano, em França foi dado um ênfase especial aos sistemas de protecção DRM.

A contestação a ambas foi muito forte.

A lei francesa, designada por DAVSI, foi alvo de uma contestação através de uma campanha on-line (<http://eucd.info>) que reuniu 173.500 assinaturas.

Do outro lado da fronteira, a lei espanhola foi igualmente contestada (www.todoscontraelcanon.es) por organizações representativas de 430.000 associados e por 170.000 cidadãos em nome individual.

A lei francesa introduziu um factor que não estava no espírito da EUCD europeia: a necessidade de interoperabilidade entre sistemas de protecção DRM. Esta cláusula punha em perigo a posição de liderança da Apple com o iPod/iTunes porque o obrigava a ser inteoperável (ou seja, a comunicar) com os outros sistemas. Assim, em alguns meios a lei passou a ser chamada de “Lei iPod”. Contudo, as cláusulas finais relacionadas com a interoperabilidade de sistemas DRM foram reduzidas em função da pressão da indústria, e da Apple em particular.

Os direitos de autor não são uma matéria fechada.

Será que a contestação europeia é fruto de uma inconsequente veia anarquista? Talvez não.

É consensual que precisamos de leis e que a protecção dos direitos dos autores não foge aos direitos essenciais de um cidadão. O autor Primo Levi na descrição da (falta de) lei do campo de Auschwitz dizia que a medida de desenvolvimento de um povo é a capacidade das suas leis minimizarem o abuso de quem tem poder sobre quem não o tem.

Com o surgimento da Internet e da facilidade de troca de dados, o delicado equilíbrio entre o consumidor de

meios e o produtor / distribuidor voltou a ter de ser equacionado.

Como consumidores, é verdade que estamos dispostos a pagar pelo que consumimos mas devemos estar atentos a abusos e corporativismos. Será que as taxas cobradas realmente são distribuídas pelos autores ou será que se perdem nos gastos supérfluo das Sociedades de Autores? Será que é legítimo impedir a visualização de filmes DVDs em Software Livre / Aberto? Faz sentido interoperabilidade entre DRMs?

A próxima campanha seguirá num website perto de si e a sua assinatura conta. Lembre-se disso quanto estiver a comprar CDs ou DVDs.

[28.8.2006] O Sherlock Holmes do PC

Já lhe aconteceu precisar de um documento ou de um email e não saber em que directoria do seu computador é que eles se encontram?

A primeira abordagem à resolução deste problema consistiu nas ferramentas disponibilizadas há já alguns anos e que procuravam apenas no nome dos ficheiros pela palavra desejada.

Mas não era suficiente. Muitas vezes o que pretendemos é procurar o conteúdo do ficheiro e não o seu nome. Para esse efeito, as ferramentas de pesquisa precisam de ter duas capacidades que só agora estão disponíveis: saber ler o conteúdo de diferentes tipos de ficheiro (PDFs, folha de cálculo, processador de texto,...) e indexar esse conteúdo.

Indexar o conteúdo significa que os tempos “mortos” em que o processador (CPU) do computador está inutilizado são utilizados para ler os ficheiros e criar um índice do que cada ficheiro contém.

Está a ter uma sensação de “deja vu”? E muito acertada porque é exactamente isso que é feito pelos motores de pesquisa como o Google ou o MSN mas a nível da Web.

Também por essa razão é natural que as primeiras ferramentas de pesquisa no computador (Desktop Search) tenham surgido pela mão da Microsoft e do Google. Estas, apenas disponíveis para Windows por agora, permitem configurar painéis extra como calendários ou o estado do tempo no local onde vivemos.

Para SL/A existem boas alternativas. O Beagle é das mais fortes. A utilização de processador é eficiente e quando estamos a trabalhar não notamos qualquer interferência. Por outro lado, tem um aspecto muito intuitivo e com resultados de pesquisa completos. O Beagle tem plugins para Firefox e Thunderbird e a integração é quase perfeita em ambiente Gnome e KDE.

Mas a pesquisa no Desktop não irá certamente ficar por aqui. O futuro destas ferramentas será no sentido de aproveitarem as capacidades dos futuros desktop semânticos. A ideia de um Desktop semântico (<http://www.semanticdesktop.org>) consiste em desenvolver tecnologia que permita que um dia a informação e as aplicações do nosso PC estejam organizada de forma a “falarem” entre elas e a falarem com serviços na Web através de regras (vulgo Ontologias) pré-definidas. Um exemplo: eu marcaria no meu calendário do PC um dia para a consulta de dentista e o software falaria directamente com o servidor do consultório para “negociar” a hora a que eu poderia ser atendido. As hipóteses dos desktops do futuro são ilimitadas.

Shift ôôô Uma conferência para se pensar sobre Tecnologia

Sempre que nos dizem que somos um país de “brandos costumes” deveríamos sentir-nos ofendidos. Porque talvez sejam esses “brandos costumes” que nos façam relativizar tudo e nos impeçam de sermos um povo de acção.

Exemplo: o governo disponibilizou a lista de devedores ao fisco ôôô a melhor medida de governação dos últimos 100 anos ôôô e aparecem uns quantos a escrever que poderão existir erros na lista e que o melhor era ela não ser disponibilizada. Existe sempre efeitos negativos nas acções que tomamos mas não as tomar ainda mais negativo se torna.

O mesmo se aplica às políticas públicas sobre a utilização de Software Livre / Aberto. Que políticas foram seguidas a este respeito nos últimos dois anos? Que incentivos? Que estudos? Nada se faz em nome da neutralidade tecnológica. Em nome da isenção. Que isenção falamos quando as nossas empresas e a nossa AP estão afundados em sistemas tecnológicos caros e ineficazes?

Fora deste nosso “rectângulo” foi divulgado esta semana um relatório (www.uoc.es) da Universidade Aberta da Catalunha (UOC) sobre a utilização de Software Livre na Administração Pública. Um estudo que identifica o que existe e aponta direcções.

Num contexto mais abrangente, um grupo de portugueses que gosta de pensar, discutir e “respirar” sobre Tecnologia e o seu impacto na sociedade vai organizar a 28 e 29 de Setembro a Shift. A Shift (<http://www.shift.pt>) decorrerá em Lisboa e para além de ser um espaço de debate, é um espaço de incentivo à evolução tecnológica. Também aqui, “evolução” rima com “acção” e não com “brandos costumes”.

[8.9.2006] Servidores ao “fundo”

A expressão “lamentamos mas o sistema / servidor está em baixo” é lhe familiar? Esta semana ouvi-a duas vezes.

Primeira grande verdade: não somos exigentes em relação aos sistemas de informação. Talvez por isso somos o país da Europa onde o .Net tem maior penetração.

Começando pelo princípio. A FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) é a responsável em Portugal pela atribuição de fundos a projectos de investigação em todas as áreas. A 31 de Agosto deveria terminar a submissão de projectos não fosse o caso do site institucional estar 70% do tempo em baixo durante mais de uma semana. Uma colega minha socióloga passou alegremente a semana a colocar o despertador para as 4:30 ôôô sim, da manhã ôôô para apanhar o servidor mais “bem disposto” e para conseguir terminar a submissão do seu projecto.

Segunda grande verdade: quando os sistemas dão para o torto, não reclamamos em voz suficientemente alta. Ou isso, ou acreditamos que as instabilidades da aplicação ASP da FCT são propositadas e destinam-se a filtrar os investigadores com capacidade de acordar a meio da noite.

Talvez não sejamos críticos porque os nossos destinatários ôôô geralmente em situação de poder ôôô têm dificuldade em lidar com essa crítica.

Terceira grande verdade: as críticas são levadas em tom pessoal e mal “digeridas”.

Na mesma semana, Cláudio Franco num blog pessoal fez uma crítica ao projecto Oeste Digital ôôô um projecto subsidiado pelo POS-Conhecimento e que visa disponibilizar conteúdos digitais ôôô e o responsável da empresa pela construção do portal ameaçou-o com um processo em tribunal.

Por fim, e quando estava de partida para uma reunião de projecto na sede da Mandriva - num país onde os servidores funcionam como deviam - o meu avião teve um atraso de 3 horas porque o sistema de check-in no Porto estava em “baixo” e isso atrasou todos os aviões.

Com uma bateria Sony que confirmaram-me que não explodia, ao contrário dos portáteis Dell e Mac, tive 45 minutos de espera tolerável. No final do tempo de bateria juntei-me ao grupo dos “Tontinhos de Aeroporto”. Os “Tontinhos de Aeroporto” são os indivíduos que, como eu, andam na sala de espera a olhar de forma fixa por baixo das cadeiras, perscrutam as paredes e desviam os cinzeiros. Acertaram. Tudo em busca de uma tomada e sob o olhar desconfiado dos passageiros e hospedeiras de terra.

Já temos rede sem fios mas computadores sem bateria só no PC de 100 dólares do Negroponte.

Alinex presente em 26.000 portáteis

Em Setembro começarão a ser distribuídos 26.000 computadores portáteis pelas escolas de todo o país que servirão para os alunos acederem à Internet e desenvolverem projectos nas áreas TIC.

Desta vez, o dual boot será com Windows e Alinux, ficando de fora o Linux Caixa Mágica que já equipava os 14.000 desktops existentes nas actuais salas TIC.

Na Caixa Mágica só soubemos disso pelo Web site do Ministério e confesso que esta decisão - a um mês de

lançarmos a nova versão CM 11 - teve um sabor muito amargo. Por um lado, porque tínhamos um ignóbil orgulho em o Linux CM estar nas salas das escolas portuguesas. Foi uma luta que travámos durante dois anos com estudos e argumentos racionais. Alimentava o nosso ego e dava-nos baterias para outras guerras.

Por outro lado, tem um sabor amargo porque critiquei abertamente nestas linhas o coordenador do CRIE pelo atraso na actualização da imagem de software. Não termos sido sequer consultados - sendo desde 2000 uma distribuição de Linux portuguesa de raiz e sendo aquela que está nos manuais escolares - soa a vingança. Sim, a “terceira grande verdade” está de volta.

Resta-nos contudo uma enorme consolação. O Alinux ôôô a adaptação pela Universidade de Évora do Linex espanhol ôôô irá estar presente e irá certamente apresentar um Linux capaz de conquistar professores e alunos. Os responsáveis do Alinux são pessoas tecnicamente competentes, honestas e trabalhadoras. O seu esforço faz falta e esta é uma justíssima compensação da sua aposta em Linux e desenvolver no Alentejo um centro de competências de Software Livre / Aberto.

[22.9.2006] Software sem “borbulhas”

Quantos projectos de Software Livre / Aberto (SL/A) são precisos para mudar uma lâmpada? Resposta: 100.000. Um para desenroscar a lâmpada antiga e colocar a nova e os restantes 99.999 para fazerem estatísticas, fornecerem um feed RSS, enviarem uma newsletter adequada ao momento e disponibilizarem o fórum para se comentar a operação.

Se lhe parecer exagero existirem 100.000 projectos de open source experimente contar os projectos no SourceForge, CodeHaus ou Tigris. São mesmo 100.000.

Muitos desses projectos respondem à mesma necessidade informática. Pelo que uma questão surge frequentemente: entre eles, qual escolher?

Postgres ou MySQL como base de dados? Compière ou ERP5 como ERP? Moodle ou Sakai para eLearning?

Se o objectivo for escolher o software para gravar CDs lá em casa, então a questão resume-se a experimentar o K3B e o Gnome Toaster e escolher o que nos parecer melhor.

Mas, por vezes, a escolha sendo empresarial é mais delicada e tem contornos estratégicos para a organização que a vai adoptar.

Se se vir na situação de ter de escolher um SL/A para a sua empresa não desespere. Existem modelos que nos ajudam a ôôo tanto quanto possível ôôo cientificamente escolher a melhor solução de entre as várias possíveis. Os mais populares são o Open Source Maturity Model apoiado pela Cap Gemini, o Open Source Maturity Model da Navica e o OpenBRR (<http://www.openbrr.org/>).

Claro que o primeiro passo é arranjar um modelo para escolher entre os modelos. Os três propõem-se ajudar-nos a escolher o software mais maturo. Ou seja, aquele com menos “borbulhas” de adolescente pois, se tiveram uma adolescência com a minha, não queremos os nossos servidores a atravessar uma fase tão instável.

Como são muito semelhantes, vamos concentrar-nos no OpenBRR. Este sugere classificar o software em estudo em 12 métricas e depois chegar a um valor final que nos dá a preparação do software para utilização (o Business Readiness Rating).

As 12 métricas são: funcionalidade (vai o software de encontro aos requisitos que necessita?), usabilidade (é o software fácil de utilizar e amigável), qualidade (está bem desenvolvido, é estável?), segurança, desempenho, escalabilidade (acompanha as necessidades de crescimento?), arquitectura (está bem desenhado?), suporte, documentação, adopção (é grande a comunidade de utilizadores?), comunidade (quão activa é a comunidade que o desenvolve) e profissionalismo.

Para cada uma das métricas anteriores podemos dar uma classificação e um peso relativo que ajudará a ponderação final.

Assim, se o meu chefe pedir para ajudá-lo a escolher entre o KDE e o WindowMaker eu poderei dar 5 em Desempenho ao WindowMaker e 1 ao KDE. Contudo, o peso da métrica Funcionalidades em que o KDE tem claramente uma melhor classificação poderá ser determinante para que este saia vencedor.

O modelo é flexível e o peso é que nos permite adoptar às diferenças das várias organizações.

Existem no site do OpenBRR várias avaliações a software como Moodle e Mambo, Jboss e Struts, Firefox e Konqueror.

O modelo é trabalhoso mas obriga-nos a conhecer melhor os projectos antes de adoptar software. Assim, por

exemplo, se reparamos que a comunidade é pouco activa isso poderá antever um fim próximo para o projecto. O modelo de SL/A funciona como a natureza. Existe uma contínua selecção natural em que apenas os mais aptos vingam.

Estes modelos ajudam-nos a escolher os mais aptos e dessa forma tornar a evolução mais rápida.

Dos três modelos atrás apresentados, dois deles são patrocinados pela Intel. Curiosamente, esta empresa disponibilizou esta semana um Live CD (<http://www.linuxfirmwarekit.org/>) que permite testar se as BIOS das mother board são bem suportadas em Linux.

A escolha de um software, seja ele qual for, é uma espada afiada sobre a nossa cabeça. Ao escolher por SL/A, damos apenas o primeiro passo no sentido de a manter. O segundo passo consiste na utilização de um modelo de análise de maturidade do software. Pela escolha de um software sem “borbulhas”.

[6.10.2006] ASSOFT e O Cobrador de Fraque

A caça às bruxas é um dos principais motivos de entretenimento da humanidade nos seus tempos mais folgados. E nenhum de nós acredita em bruxas, “pero que las hay, hay”.

A moderna história da caças às bruxas começa pela inquisição, passa pela perseguição do III Reich aos judeus e termina com McCarthy a perseguir cineastas comunistas. Terminava. Porque isso era antes da nova campanha da ASSOFT (Associação Portuguesa de Software).

A campanha consiste em anúncios em jornais com fundo preto e um título em letras gordas “Comunicado a todas as empresas”.

O uso de negro, como em outras campanhas de caça às bruxas, é apropriado.

Nesse anúncio, informa a ASSOFT que a ASAE (Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica) vai iniciar uma operação de fiscalização de software ilegal.

O anúncio complementa que “a fiscalização vai ser conduzida de forma rápida e metódica”. Ora esta é uma informação importante. Sabemos agora que a ASAE (ou a ASSOFT?) não são para balburdias.

Mas o melhor está para vir. “Caso suspeite de existência de software ilegal na sua empresa, deverá entrar em contacto com a ASSOFT”.

Este é o ponto em que, na caça às bruxas, desafiamos os melhores instintos do ser humano: trabalha numa fábrica de sapatos com um PC com Windows pirata? Denuncie-o através do 800 200 520.

Sim, porque segundo o anúncio seu chefe pode apanhar “pena de prisão até 3 anos”. Quem consegue resistir à tentação de meter o patrão 3 anos atrás das grades?

A caça está definitivamente lançada. Empregados deste país, uni-vos e denunciad à ASSOFT.

E, por favor, tentai ser mais eficiente. Segundo o site da ASAE (<http://www.asae.pt>), operações anti-pirataria desenroladas a 15 de Setembro cobrindo o Norte, LVT e Alentejo “apreenderam software no valor de 50.500 euros”. Isto enquanto 15 dias antes, uma visita à Feira de Espinho, tinha rendido “contrafacção no valor 400.000 euros”. Ora, ou não se pirateia muito, ou as denúncias ainda não tinham começado.

Se levarmos o assunto mais a sério, este não é certamente um assunto para se rir.

A ASSOFT é uma associação privada. A ASAE um organismo público.

E como tal as misturas são perigosas.

Difícilmente é compreensível porque a ASSOFT forma os inspectores e é ela própria que recebe as queixas que mais tarde são investigadas pela ASAE.

Difícilmente se percebe porque no Diário Económico do dia 28.9.2006 vem noticiado que o administrador da I2S - uma empresa do Grupo BPN - afirma desconhecer a intervenção da ASAE na sua empresa e vem posteriormente o presidente da ASSOFT confirmar a mesma. Mas como é que o presidente da ASSOFT pode confirmar um processo-crime da responsabilidade da ASAE?

Note-se que a utilização ilegal de software proprietário é um crime e não está em causa. Nem tanto está em causa a importância da ASAE na protecção dos consumidores.

O que está em causa é a ASAE servir de “Cobrador de Fraque” à ASSOFT. E, segundo a mesma notícia, falamos de 75 inspectores formados pela ASSOFT que, durante 8 meses, andarão nas empresas a verificar as denúncias realizadas.

Sendo uma associação privada, o relatório de contas da ASSOFT não é público e não poderemos saber quem contribui para a campanha em causa. Podemos então suspeitar que são as duas empresas que mais activamente tem estado na luta anti-pirataria.

Ironia das ironias: as grandes contas (acordos empresariais, OEM,...) dessas empresas não entram na facturação da sucursal portuguesa porque a fiscalidade Irlandesa é bem mais favorável. Logo, mesmo que se diminua a utilização ilegal de software não se irá aumentar de forma significativa os impostos em Portugal e o famigerado défice continuará na mesma.

Visitado pela ASSOFT, perdão, ASAE?

Primeiro aspecto, conheça os seus direitos consultando a DECO. Se tiver acesso a um jurista, analise todos os aspectos (por exemplo, Acórdão do Tribunal da Relação de Coimbra relativo ao processo 1159/06) e não se intimide com ameaças.

Segundo aspecto. Seja mais rápido e migre o seu software.

Mostre-lhes a licença do OpenOffice. Mostre-lhe a licença do Linux. Durma descansado.

[21.10.2006] Virtualização: matryoshkas dos Sistemas Operativos

As matryoshkas são as conhecidas bonecas russas que estão contidas sucessivamente umas dentro de outras. Nascidas em 1890 pela mão de um industrial russo, são escavadas em madeira e podem ter diferentes desenhos. A virtualização é uma técnica antiga dos sistemas operativos que, desde a época dos Mainframes, permite um sistema albergar outros sistemas dentro dele em simultâneo.

Exemplos? Um fornecedor de alojamento de servidores na Internet. Com um único servidor físico, pode disponibilizar vários sistemas virtuais independentes. Como os servidores virtuais não tendem a utilizar os recursos ao mesmo tempo, pode-se distribuir o CPU e memória pelas necessidades de cada servidor.

Num sistema de virtualização, conseguimos definir que recursos atribuímos a cada sistema (ex: máximo 512MB) e podemos gerir máquinas virtuais dentro do nosso sistema.

Até há algum tempo, a virtualização era monopólio gama de servidores de topo. Contudo, com os avanços do hardware, a virtualização está hoje acessível a qualquer departamento de informática.

Dominar as suas potencialidades é conhecer um mundo de oportunidades .

No mundo Linux, os principais actores nesta área são o Xen, o UML, o VM Ware e o qemu.

O Xen e o VM Ware são virtualizadores que permitem correr máquinas virtuais dentro do sistema anfitrião. Por exemplo, Windows dentro de Linux e vice-versa. O VM Ware, disponível para Windows e Linux, é pago apesar de se poder utilizar gratuitamente uma versão do mesmo para executar as imagens dos sistemas previamente gravadas.

O Xen é Software Livre / Aberto (SL/A) e permite aos sistemas operativos suportados serem corridos com um desempenho quase semelhante ao que teriam a correr directamente sobre o hardware. Assim, podemos ter de forma virtual vários sistemas operativos dentro do nosso servidor para testes, para isolar em termos de segurança ou apenas para facilitar a gestão do parque de servidores.

O UML é a tentativa de executar um sistema operativo dentro de outro mas correndo-o em modo utilizador. Isto é, sem privilégios especiais. Isto torna-o mais seguro mas eventualmente mais lento que o Xen e VM Ware.

Já hoje é vulgar ver nos data centers das empresas servidores com vários servidores virtuais incluídos .

Por fim, o qemu não é bem um virtualizador mas um emulador. Isto é, permite simular (emular) outras arquitecturas de hardware. Assim numa arquitectura x86 poderíamos simular que estamos dentro de um MAC OS X e experimentar o código ou as funcionalidades sobre essa arquitectura.

“Shift” Bill Gates: o cavalo certo

Decorreu no início do mês, em Lisboa, a conferência SHIFT destinada a discutir tecnologia durante dois dias e o seu impacto na sociedade.

Na mesma semana, soube-se através do Jornal de Negócios que o acordo da educação de TIC assinado pelo Ministério da Economia com Bill Gates irá implicar um custo de 2.1 milhões de euros a suportar pelo estado. Na altura, alertei que mais cedo ou mais tarde iria ser cobrada factura pela sessão de assinaturas.

Mais uma vez, não é claro se o investimento da Microsoft será equivalente ou do estado ou, extraordinário mas bem possível, a mesma pretende não investir e apenas arrecadar algumas licenças.

Contudo, temos sinais positivos em sentido contrário. Estive presente na sessão de abertura sobre a Estratégia de Lisboa e percebi do que se trata pelo excelente discurso de Sócrates.

Apenas isto: apostar no cavalo certo.

O desenvolvimento da nossa sociedade depende da aposta nas prioridades certas. A Europa através da Estratégia de Lisboa define que a prioridade é o conhecimento. A inovação como forma de gerar emprego.

O Plano Tecnológico (PT) põe isso em prática em Portugal. O papel ôdó e bem- de Carlos Zorrinho, coordenador do PT, é apenas por o “carimbo” nos projectos que se enquadrem nesse cavalo vencedor.

O governo, ao subir 64% o orçamento da Ciência e diminuir todos os outros, dá o exemplo. Mas, depende de todos nós no dia-a-dia acreditar nesse “cavalo” e fazer com que as nossas organizações sejam inovadoras.

Fazer o “shift” do que existe. Se falhar, não falha o governo. Falhamos nós.

[3.11.2006] Firefox 2.0 Vs IE7: a guerra dos browsers ao rubro

A guerra dos browsers opôs desde 1995 até 2000 a Netscape à Microsoft.

A Netscape começou com uma quota de 80% e foi diminuindo até que, em 2001, atingiu o seu mínimo de 5% a 10%. Para a história ficou a fragilidade financeira da empresa e o abuso da posição de fornecedor de Sistema Operativo por parte da Microsoft que lhe permitiu incluir o Internet Explorer em todos os novos computadores. A guerra parecia terminada até que é lançado, em 2002, o Mozilla 1.0. O Mozilla 1.0 era baseado no Netscape mas tinha passado a ser um projecto totalmente de Software Livre / Aberto (SL/A).

Confesso que a partir de um determinado momento pensei que seria difícil ao Mozilla / Firefox recuperar devido à habitação dos utilizadores ao IE. O projecto seguiu contudo uma via de inovação e foi ganhando progressivamente espaço ao seu concorrente. Segundo as estatísticas do w3schools, o Firefox ganhou desde o início do ano de 2006 cerca de 3,8% de mercado. Entenda-se, mercado conquistado directamente ao browser da Microsoft.

A análise ao Internet Explorer 7 já foi apresentada no Bits & Bytes, tendo sido destacado que se aproxima do Firefox em termos de algumas das suas funcionalidades. Apesar de ainda não ter tido ocasião de o testar, parece consensual que a Microsoft fez um bom trabalho. Especialmente, na área mais crítica para o IE que era, até então, a segurança.

Quanto ao Firefox 2.0 para Linux, já testei e fiquei convencido da vantagem em fazer a actualização. É certo que, tal como diz Mitchell Baker, CEO da Mozilla, as diferenças são subtis. Mas acredito que são nos pequenos pormenores que as aplicações se distinguem.

Entre o que descobri nos artigos do Bits & Bytes e do blog Bitaites aqui ficam as minhas novidades favoritas.

Gostei que, quando escrevemos em campos de texto alargado, como a submeter um artigo num Forum ou num Blog, a correcção automática do português esteja activa. Certamente que os 28% de utilizadores Firefox vão escrever melhor português e vão se distinguir nos Foruns por isso.

Por outro lado, os tabs de separatas que nos evitam ter de lançar várias janelas- estão mais intuitivos. Como é o caso do histórico por “tabs” fechados e o facto de termos um ícone para fechar cada um deles individualmente. Outro aspecto interessante é podermos, directamente na caixa de texto do browser, fazer uma pesquisa sobre o dicionário on-line da Priberam ou na pesquisa do Sapo. Estas são duas pesquisas que já vêm incluídas na versão portuguesa.

Felicitações merece a equipa de localização / tradução do Firefox. A versão em português europeu tem qualidade e foi lançada no dia previsto para a versão 2.0.

Existem outras pequenas pérolas, como a possibilidade de restaurar a sessão. Por vezes, ficava sem bateria ou faltava a energia quando estava a meio da escrita de um texto longo numa página Web. O Firefox 2.0 consegue não só recuperar a página aberta como o texto que se estava a escrever na mesma.

Outro ponto forte, e aqui penso que imbatível, são os Add-ons disponíveis para o Firefox e que foram alvo de contribuição pela comunidade. Desde adds-on para procurar no mapa um endereço que conste na página, a procurar pessoas on-line com preferências semelhantes e baseadas nas páginas que se visita, ao ícone do tempo

em baixo, etc...

Os pontos negativos parecem ser o motor anti-phishing fraco e um aspecto / tema não muito apelativo. Não acho o tema assim tão feio, mas sou mais exigente quanto à segurança do que com o aspecto. Por outro lado, o firefox no Vista ainda é executado em “user mode” e não, como o IE7, em “Protected mode”. Esta parece ser contudo uma questão de tempo.

Em conclusão, a nova versão do Firefox não surpreende à primeira vista por introduzir novidades surpreendentes como na primeira apresentação dos “tabs”. Surpreende-nos à medida que a utilizamos e descobrimos pequenas pérolas que facilitam a sua utilização ou configuração. Segundo o W3schools, ao fim de 5 anos, apenas 26% separam os dois browsers. A guerra está de volta.

[17.11.2006] Ubuntu e o Africano do EuroMilhões

Por estes dias, o tema de todas as conversas é o que fazer com os 180 milhões de euros que (nos) sairão no EuroMilhões de sexta-feira.

Estúpidos e brutalizados, citando linguagem de felino fedorento, pagamos múltiplos de 2 euros não porque tenhamos esperança de ganhar, mas porque nos dá direito a sonhar durante 10 minutos sobre o que faríamos com o dinheiro. E são 10 minutos em que fugimos do dia-a-dia.

Nesses 10 minutos partilhamos as palavras de Rockefeller quando disse que só conhecia três formas de gastar dinheiro: mulheres rápidas, cavalos lentos e companhias aéreas.

Mark Shuttleworth não precisou de sonhar. Ele ganhou um EuroMilhões de 575 milhões de dólares.

Mark nasceu na cidade mineira de Welkom, na África do Sul. No último ano da universidade criou a sua própria empresa de segurança em comércio electrónico. A empresa especializou-se em certificados digitais. Isto é, a chave que nos permite aceder a sites Web como bancos e aparecer no browser o cadeado que significa que é um site reconhecido.

A Thawte rapidamente ganhou 50% de quota de mercado e, em 2000, foi comprada pela sua concorrente, a VeriSign, a Mark Shuttleworth por 575 milhões de dólares.

Mark não foi o sorteado. Ele perseguiu a sorte. Aqui começa a diferença em relação aos 10 milhões de portugueses jogadores.

Ao contrário da senhora do telejornal que, quando inquirida sobre o destino dos milhões, respondeu prosaicamente que montava um café na terra, Mark sonhou conhecer o espaço. E tornou-se no segundo turista espacial e no primeiro astronauta africano. As nossas ambições moldam os nossos sucessos.

Quando regressou da viagem a bordo da Soyuz TM-34, pensou como poderia dar de volta o que o Software Livre / Aberto (SL/A) lhe tinha potenciado na Thawte. Pretendia também fazer mais pelo continente africano.

Financiou então uma fundação, a Shuttleworth Foundation, que promove a educação em África.

Em 2004, a fundação criou a distribuição de Linux Ubuntu e contratou os melhores programadores SL/A para a desenvolverem.

Hoje, o Ubuntu é a distribuição ôôô isto é, o “sabor” - de Linux mais utilizada nos desktops e planeia chegar aos servidores. África entrou no mapa do SL/A.

Num pequeno almoço, no centro de Paris, com o líder de uma das cinco maiores distribuições de Linux discutíamos sobre o fenómeno Ubuntu. Dizia-me ele que desde que o Ubuntu foi criado tem perdido quota de mercado nos Desktops mas que, ao mesmo tempo, o as qualidades do Linux como estação de trabalho têm melhorado significativamente. É verdade que um filantropo com um “saco de dinheiro” consegue inverter os modelos de concorrência, pelo menos, temporariamente. Mas no SL/A o que é feito a favor de uns, reverte para todos. Nada se perde, tudo se multiplica.

Caixa Mágica 11 - Hora de mudar...

Longe dos milhões de Mark mas bem melhor em funcionalidades de que o Ubuntu, foi esta semana lançado o Linux Caixa Mágica 11.

A distribuição de Linux portuguesa disponibiliza a versão em português de um moderno Linux para Desktop e Servidor.

As ferramentas desenvolvidas para a CM 11 estão agora disponíveis em Português e Inglês. Assim, a partir desta versão começaremos a olhar para fora de Portugal, mantendo o foco em desenvolver suporte para as nossas especificidades. Note-se o suporte a comunicações da CM11: ADSL Octal, Sagem e Idedata; Zapp Z10 e Z20; TMN e Vodafone Option 3G, etc...

Continua a ser com orgulho que pertença à equipa ôôô não acreditem quando eles dizem que já não programo! - que o desenvolve. Continua a espantar-me o que conseguimos atingir e a qualidade que um produto português pode ter. Qualidade que deriva da qualidade dos programadores. Da qualidade dos designers gráficos. Da qualidade dos utilizadores. Pois sabemos que só continuaremos a ser o sistema operativo preferido de tantos portugueses enquanto os ouvirmos e soubermos receber as suas contribuições.

O lema desta versão é “Hora de experimentar. Hora de mudar”. Curiosamente, ou talvez não, o desafio que mais vezes nestas linhas é lançado.

[1.12.2006] Microsoft e Novell: a “Viúva negra” e a sua cara-metade

No passado mês de Novembro foi anunciado o que talvez possa ser considerado um dos acordos mais relevantes da indústria informática.

Dois arqui-rivais, a Microsoft e a Novell, assinaram um acordo de colaboração. Historicamente, a Novell é conhecida pelo seu produto NetWare que foi sendo estrangulado entre o MS Windows para servidor e desktop. Com o NetWare em vias de extinção, a Novell adquiriu a empresa alemã SuSE que detinha a distribuição de Linux com o mesmo nome.

O que pode ser alvo de colaboração entre uma empresa Linux e a Microsoft? Interoperabilidade.

Isto é, segundo a informação disponibilizada existem três áreas de futura colaboração.

A primeira será na área da virtualização, uma área já aqui referida como das que mais potencialidades económicas apresentam a curto prazo. Windows a ser executado dentro do Linux e vice-versa.

Em segundo lugar, as empresas planeiam desenvolver trabalho conjunto na área dos WebServices. Isto é, no controlo de servidores e troca de informação via serviços Web. Uma área já algo saturada mas que está a ganhar novo folgo quando nos apercebemos que quanto mais simples melhor: é o caso de XML simples (Atom, RSS,...), serviços REST, etc...

Por fim, as empresas colaborarão na área da compatibilidade de formatos de documentos e a possibilidade de troca de ficheiros entre MS Office e OpenOffice.

Apesar destas áreas terem sido as mais destacadas, existe ainda um ponto que deu que falar: o pagamento de 108 milhões de dólares da Microsoft à Novell para esta não utilizar as patentes que possui contra produtos Microsoft. Por sua vez, a Novell pagará à Microsoft 40 milhões e uma percentagem das vendas do SuSE Linux para assegurar a não-litigação da Microsoft contra clientes SuSE. Ou seja, a Microsoft não utilizar o portfolio de patentes para atacar os clientes da SuSE.

As reacções não se fizeram esperar e as mais barulhentas foram as da comunidade de Software Livre / Aberto (SL/A). A equipa do Samba, software responsável pela capacidade do Linux aceder a impressoras e ficheiros em servidores Windows remotos, indignou-se e dirigiu uma carta aberta à Novell. Nesta carta, argumentava - com alguma razão - que desta forma a Novell acabara de admitir implicitamente que poderiam haver partes do SL/A que estariam sujeitas a patentes da Microsoft, tentando assegurar através do acordo a protecção dos seus clientes em detrimento de todos os outros utilizadores.

Outros encararam o acordo como uma resposta à aproximação entre a Oracle e a Red Hat, duas empresas que boatos sucessivos anunciam como alvo de potencial fusão mas que nunca se chega de facto a concretizar.

O que motivou então as duas a celebrarem este acordo?

Do lado da Microsoft penso existirem duas razões muito fortes. A primeira é a resposta às acusações de abuso de posição dominante, demonstrando assim que até colabora com os seus competidores mais directos.

A segunda inspira-se na máxima “mantém os amigos perto de ti e os inimigos ainda mais perto”. Procedimento habitual da Microsoft, como no conhecido beijo de “Viúva Negra” da Microsoft à IBM no desenvolvimento conjunto do sistema operativo OS/2. Neste esforço, a Microsoft acabou por minar o projecto inviabilizando

uma adopção muito mais alargado do OS/2 e lançando em concorrência o Windows NT.

Do lado da Novell, a principal vantagem prender-se-á com a imagem corporativa do seu produto que sai mais fortalecida, bem como a nível comercial as portas que se abrem.

Em conclusão, o que aparentemente é um bom acordo comercial pode tornar-se um erro empresarial estratégico por parte da Novell. Com este acordo, o que dá em confiança aos seus clientes retira em visão para os seus 4.700 empregados. O SL/A tem de assegurar a continuidade e a suavidade da operação nas organizações e a disrupção da forma de se desenvolver software. Nessa disrupção, só pode contar com a qualidade do software e não com o apoio de terceiros. Principalmente, quando este se chama Microsoft.

[15.12.2006] Webktop - o desktop do futuro

Qual será o futuro do Desktop nas empresas a médio-prazo (5 anos)? Será, certamente, um Webktop.

Um Webktop é um computador em que as aplicações não estão armazenadas localmente mas são executadas via Web.

Das tentativas que se faz de prever algo na indústria informática só se tem a certeza de, provavelmente, falharmos nessa previsão. Foi o caso da previsão na revista Popular Mechanics, em 1949, onde se afirmou “um dia os computadores terão menos de 10.000 válvulas e pesarão menos de 1 tonelada” ou a atribuição a Bill Gates da frase “640 KB de RAM é mais do que suficiente para qualquer pessoa”.

Então porque continuamos a tentar? Antever uma tecnologia significa ganhar tempo em relação aos concorrentes e evitar apostar em plataformas moribundas.

As aplicações do lado do cliente já foram muito desejadas mas nunca venceram totalmente, como o modelo de “Network client” da Sun nos finais da década de 90 e os ASP (Application Software Providers). Os ASP eram empresas que propunham alojar as aplicações da empresa nos seus servidores. Os ASP falharam porque o descarregamento da aplicação e a sua utilização local não era rápida e cómoda. As janelas arrastavam-se, a conectividade por vezes perdia-se e, em suma, não era a mesma coisa que ter as aplicações locais.

Estão agora a surgir dois grandes saltos tecnológicos que irão alterar o panorama informático.

O primeiro é a vulgarização da largura de banda. Quem acreditaria, há uns anos atrás, que seria possível em algumas zonas do país ter 24 Mpbs por 50 euros / mensais?

O segundo é o aparecimento de aplicações AJAX como alguns Webmails (OWA, Scalix, Gmail) e como algumas ferramentas de produtividade colaborativas (processador de texto e a folha de cálculo do Google).

Estas aplicações estão no lado do servidor e, sem nos apercebermos, vão trocando mensagens com o browser e carregando suavemente o que vai sendo preciso (imagens, ecrãs,...). Para mais, como estão do lado do servidor permitem que vários utilizadores partilhem a mesma folha de cálculo ou documento.

A tecnologia AJAX não é nova e estamos a falar basicamente de Javascript assíncrono e XML. Mas estas duas tecnologias juntas estão a tornar as aplicações da Web cada vez mais parecidas em termos de usabilidade com aplicações Java ou .NET.

Como é que sabemos que as aplicações Web baseadas em AJAX vão substituir as tradicionais?

Existem três razões para tal certeza: o utilizador, o utilizador e o utilizador. O utilizador está a gostar e preferias. Já me deparei com utilizadores que preferem o OWA ao Outlook ou o Gmail ao Thunderbird. Simplesmente, porque para eles não há diferença: é apenas um software de gestão de email.

A expansão do AJAX e o aumento da largura de banda contribuirão definitivamente para o funcionamento dos computadores como Webktops. Isto é, um computador com apenas sistema operativo e browser, executando as aplicações de sites Web na rede da empresa ou na Internet e carregando os documentos igualmente de servidores.

Continuar-se-á a ter Software Livre / Aberto - pois algumas dessas aplicações seguirão esse modelo - e software proprietário na base da subscrição anual do serviço.

As vantagens do Webktop são inúmeras: custo mais baixo de manutenção, ciclo de novas versões mais rápido, possibilidade de trabalho colaborativo, documentos centralizados e armazenados de forma segura, mudança

do paradigma de “compra de software” para “subscrição do serviço”, menor necessidade de hardware potente porque parte das aplicações corre no servidor, entre outras.

O Linux poderá ter uma oportunidade de expansão porque, quebrando a necessidade da plataforma Windows para executar as aplicações, não existem tantas barreiras à mudança. Por outro lado, as ThinStations são o plataforma ideal para Webktops e nada tão simples como uma ThinStation Linux.

Com a exceção dos jogos e das aplicações gráficas que não encaixam muito bem neste paradigma é natural assistirmos à mudança de Desktop para Webktop. E quem mais rapidamente se adaptar, melhor ficará.

[29.12.2006] Criatividade à solta e os The Gift

Lawrence Lessig é professor de Direito na Universidade de Stanford e antigo assistente do Juíz Antonin Scalia do Supremo Tribunal americano.

Poderia ser um típico e “cinzento” professor de Direito não fosse a sua área de especialidade ser os direitos de autor e a protecção da propriedade intelectual na Internet.

Lessig foi o primeiro a compreender o dilema que os conteúdos digitais na Internet enfrentam.

Um livro ou um disco estão há muitos anos protegidos pelas leis de Direito de Autor. Estas conferem ao seu autor a capacidade de cobrar pela sua reprodução. Mas, simultaneamente, prevê a chamada “Utilização Livre”, ou “fair-use” em terminologia anglo-saxónica.

Sabia que um livro pode ser integralmente fotocopiado por uma biblioteca para utilização própria? Ou que pode copiar grande parte de uma obra para fins de ensino? E, claro, pode emprestar o livro a um amigo.

Aplicar este conceito a um livro digitalizado é mais complicado pela única razão que eu não “transfiro” o livro digital ou a música de mim para o meu amigo. Eu copio-a. E ambos podem gozar a mesma em simultâneo, em suas casas, ao contrário do disco de vinil.

Para contrariar esta facilidade do mundo dos Bits, optou-se por simplesmente proibir a transferência de parte ou totalidade de um conteúdo em formato digital para terceiros sem a permissão do autor. Ou seja, a “Utilização Livre” não se aplica a este mundo.

Por outro lado, como pode o autor de uma música ôôô por exemplo, o grupo The Gift - dar permissões para que a sua obra seja distribuída livremente? Tem de autorizar pessoa a pessoa?

Lessig é o pai do sistema que responde a esta questão: as licenças Creative Commons (<http://creativecommons.pt>). A licença Creative Commons, disponível em diferentes idiomas para diferentes países, permite ao autor disponibilizar de uma forma simples as condições de distribuição do seu trabalho, seja ele música, fotos, textos num Blog ou artigos científicos.

Permitindo que o seu trabalho possa ser copiado, ele continua a poder definir se pode ser utilizado para fins comerciais ou não, se permite modificações à obra ou se deseja que os créditos lhe sejam atribuídos obrigatoriamente.

No dia 15 de Dezembro, Lessig esteve entre nós para o lançamento oficial do 34º país a ter uma licença Creative Commons própria: Portugal.

A UMIC, a Universidade Católica e o Inteli são os responsáveis pela tradução da licença Creative Commons para português.

Este era um dos pontos do programa de Governo que a UMIC acaba de cumprir e com um impacto grande sobre produtores e consumidores de cultura.

O grupo de música The Gift é dos primeiros a usufruir desta hipótese. Um dos elementos da banda anunciou que planeiam disponibilizar metade do seu catálogo sob licença Creative Commons. Ou seja, permitindo que as mesmas sejam copiadas e editadas.

Se em Portugal estamos a dar passos seguros no sentido de adaptar-nos aos novos desafios que a Internet nos coloca, temos também alguns elementos preocupantes que deviam marcar a nossa reflexão sobre o ano que se aproxima.

Em Lisboa tiveram lugar no espaço de um mês três conferências de elevada importância: a Shift - já aqui referida, o evento “Software Livre na Administração Pública” e o lançamento da Creative Commons.

A presença de público foi variável mas sempre em menor número do que o esperado.

Lessig é um dos comunicadores mais reputados, autor de três dos mais importantes livros da sociedade de informação. Se isto não chegasse, o facto de ter sido retratado na série “Os homens do Presidente” (Left Wing) atesta bem o reconhecimento que goza.

Contudo, a sala não tinha mais de oitenta pessoas durante a sua intervenção.

O que andamos a fazer para não ter tempo para ouvir, discutir e conhecer o que se passa no (nosso) mundo? Certamente, andamos todos adormecidos.

Espero que em 2007 novos eventos nos ponham no mapa do Software Livre / Aberto (SL/A) e que, para todos os leitores e para a redacção do Bits & Bytes / 24 horas, este seja um ano de sucessos.

3 Ano de 2007

[12.1.2007] Nova geração de desktops: o momento dos 3D

Em termos noticiosos, o YouTube (<http://www.youtube.com>) está para a televisão, como os Blogs estão para os jornais ou os PodCasts para a Rádio.

Quando os consumidores de media se tornaram produtores, o “quarto poder” é partilhado entre os media tradicionais e aqueles que agregam conteúdos produzidos por não-jornalistas, como no YouTube, nos PodCasts e nos Blogs.

Para além dos casos flagrantes e actuais - como a morte de Saddam Hussein em versão não censurada, o lançamento do Vista e a resposta do mundo Linux também por lá passa.

Na altura do lançamento do Windows XP, em Outubro de 2001, o público conheceu as novidades através de revistas e das suas versões on-line na Internet. Hoje, o lançamento do Vista é precedido por inúmeros vídeos caseiros no YouTube que exibem as novas funcionalidades que transformam o nosso desktop num sistema a três dimensões.

As novas funcionalidades do “3D Desktop Windows Manager” da Microsoft permitem ter várias janelas em perspectiva de forma a facilitar a visão das aplicações abertas, permitem ver o verso das janelas, rodar as mesmas, etc...

Como os vídeos sobre estas funcionalidades são diversos e muito divulgados, as grandes questões sobre as novas versões de Windows e Linux têm passado quase exclusivamente pela disposição do ambiente de trabalho.

O mundo do Linux e do Software Livre / Aberto (SL/A) tomou a dianteira com o Compiz e o Beryl. O Beryl é uma cisão de uma parte da equipa do Compiz que enveredou por um projecto separado.

Estes gestores de ambiente gráfico levam ainda mais além as possibilidades 3D do ambiente gráfico permitindo, por exemplo, ver os vários desktops virtuais como faces de um cubo e rodar esse cubo com o rato.

O Compiz / Beryl são instaláveis nas diferentes distribuições de Linux (Caixa Mágica, Ubuntu, Mandriva,..) e funcionam tanto com Gnome e KDE.

Em termos de hardware, estes ambientes 3D requerem uma boa placa gráfica e um CPU com boa capacidade de processamento.

As placas NVIDIA são bem suportadas derivado do suporte em Linux dado pela própria marca. Os utilizadores donos de placas ATI já têm tido mais dificuldade em configurar estes ambientes gráficos.

Outra constante no ambiente de trabalho do novo Windows Vista e dos ambientes Linux é o aproveitamento de ideias do Mac. O Beryl clona o efeito Exposé e o Vista tem um conjunto de elementos gráficos copiados do sistema operativo da Apple. Sobre este assunto, o jornalista David Pogue do New York Times tem um interessante vídeo em que compara o Vista e o MacOS X.

Concluindo, apesar de graficamente apelativos, a produtividade não irá certamente sofrer uma mudança radical em consequência destes novos ambientes de trabalho. Então porque tanto frenesim com as novas funcionalidades 3D e não com as novas abordagens de segurança?

Claro. A segurança não se consegue gravar e colocar no YouTube.

E, finalmente para quem não gosta de jogos, vamos poder justificar os mais 200 euros da placa gráfica de classe topo de gama.

Onde é que você estava...?

Após assentar os efeitos dos excessos da quadra de festas, segue-se a fase nostálgica.

Recorda-se da primeira versão da sua página pessoal ou o sitio de Internet da sua empresa? Não há problema, consulte o Web Archive (<http://www.archive.org>).

O Web Archive armazena 85 mil milhões de páginas Web e permite consultar as várias versões porque um site foi passando desde que o mesmo tenha sido arquivado.

É assim interessante rever as páginas do Sapo há uns anos atrás e recordar-nos de quando era possível percorrer todos os apontadores. Conhecer todas as páginas da Internet portuguesa num par de horas.

O mais longe que consegui ir no Web Archive foi aceder a uma referência à minha página pessoal datada de Abril de 1997, fazendo agora 10 anos. Já nessa altura tinha o aspecto desactualizado que ainda hoje se mantém. É caso para dizer “Onde é que você estava no dia...?”

[26.1.2007] O nascimento da Fundação Linux

Sabe onde trabalha o Linus Torvalds, criador do Kernel Linux?

Em 2000, a HP, Intel, IBM e NEC juntaram-se e formaram uma organização sem fins lucrativos chamada de OSDL (Open Source Developer Labs) com sede em Portland.

O OSDL tinha como objectivo apoiar o desenvolvimento do Linux em ambiente empresarial. Entre outras actividades, levou a cabo o recrutamento de Linus Torvalds e Andrew Morton, seu braço direito.

Mas o OSDL era mais do que Linus. Os seus grupos técnicos dinamizaram diferentes áreas como o Linux nas Telecomunicações (“Carrier Grade Linux”), no DataCenter, no Desktop e, finalmente, Linux em dispositivos móveis.

A dinamização consistia em reunir virtualmente e em conferências com presença física, os principais actores dos diferentes mercados onde o Linux está e concertar estratégias técnicas para os mesmos.

Em paralelo, o Free Standards Group (FSG) vinha a desenvolver trabalho na normalização de diferentes áreas do Linux. O FSG é, por exemplo, conhecido por ser o responsável pelo desenvolvimento da norma LSB (Linux Standard Base) que pretende uniformizar o sistema de ficheiros e interfaces de um sistema Linux. Assim, quem conhecer e trabalhar numa distribuição de Linux sabe trabalhar noutra. Da mesma forma, quem desenvolve uma aplicação para Linux tem as garantias mínimas que compilando a mesma, consegue executá-la em diferentes distribuições. Isto é, em diferentes sabores de Linux como Red Hat, SuSE ou Caixa Mágica.

Soube-se esta semana, mais concretamente a 21 de Janeiro, que o OSDL e o FSG fundiram-se e criaram uma nova organização chamada de Linux Foundation.

A Linux Foundation - em português, Fundação Linux - desenvolverá trabalho em três áreas distintas: Protecção do Linux, Standardização e Promoção / Colaboração.

Por Protecção do Linux, entenda-se financiar os programadores-chave do Kernel do Linux para estes manterem a independência e poderem desenvolver o seu trabalho com o máximo de condições. Mas também significa proteger a marca Linux e a defesa a ataques de utilização indevida de alegadas patentes por parte do Kernel. Esta é uma tática que foi utilizada há alguns anos por parte de empresas como a SCO para descredibilizar o Linux.

Assim, em disputas de propriedade intelectual a Fundação Linux poderá centralizar a protecção do Linux e do seu desenvolvimento.

A Standardização, através da criação de normas, será uma área natural já que as duas organizações já eram responsáveis pela maioria do trabalho nesta área.

A promoção e incentivo à colaboração visará certamente dinamizar a actividade em áreas específicas da utilização de Linux.

Esta fusão, apesar de apanhar de surpresa a comunidade, faz algum sentido.

Os dois grupos já tinham desenvolvido um excelente trabalho com o projecto Portland. O projecto Portland pretende uniformizar os interfaces Gnome e KDE de forma a que as aplicações funcionem igualmente bem em ambos os ambientes de trabalho.

Também na área do Desktop, a FSG participava no esforço FreeDesktop.org que contribui noutras vertentes para o desenvolvimento de um Desktop em Linux mais intuitivo e normalizado.

A massa crítica destes grupos é essencial para que as grandes empresas e organizações lhes reconheçam idoneidade e se juntem no esforço de normalização.

Existem também alguns perigos. A fusão de duas organizações implica sempre um choque de culturas e, numa área tão crítica como o apoio ao desenvolvimento do Kernel, isso pode ser perigoso.

Iremos certamente ouvir falar bastante da Fundação Linux.

[9.2.2007] Você, Bill e o Vista

Bons artigos fazem boas revistas.

A escolha da revista Time para personalidade do ano de 2006 correu mundo. Após a escolha de 2005 - Bill Gates, Melinda Gates e Bono - a Time escolheu Você - sim, tu aí! - para personalidade do ano.

Tinha ficado por esta informação não fosse ter recebido de um amigo o "link" para o artigo completo. Apesar da inteligência não se transmitir por osmose, a sorte de ter amigos mais inteligentes que nós é contagiarem-nos com as suas leituras.

O artigo é imperdível. Explica porque você - utilizador da Internet - foi escolhido.

Foi escolhido por ter escrito um blog. Foi escolhido por mandar vídeos para o YouTube. Foi escolhido por ter escrito documentação num Wiki. Foi escolhido por ter desenvolvido o Linux ou outro SL/A (Software Livre / Aberto).

Enfim, foi escolhido e escolhida por estarem a mudar o mundo através da Web 2.0.

E só se muda uma coisa quando sentimos que algo está mal. E o que estará mal?

O poder do conhecimento estar nas mãos da capa da Time de 2005, ou seja, do ano anterior. E não. Não é ao Bono que me refiro.

Uns dizem que os sistemas operativos (SO) não são elementos críticos do nosso mundo. Mas esses utilizam, em média, um SO duas vezes por hora: telemóvel, multibanco, PC, centralina do automóvel e GPS, etc...

Uns dizem que os SO não são alvo de um monopólio. Mas esses não conhecem mais nenhum mercado em que uma única empresa, privada e estrangeira, tenha uma quota de mercado de 95%.

Uns dizem que mesmo dominando os SO, essa empresa fica-se por aí. Mas esses têm telemóveis, mouses, anti-vírus, software de produtividade e de gestão, consolas e enciclopédias dessa mesma empresa.

Uns dizem que dominar o software não é dominar o conhecimento. Mas esses não podem alterar o software para Mirandês. Não podem comprar um PC sem sistema operativo. Não podem ouvir música sem um sistema DRM. Não podem trabalhar colaborativamente sem o software no servidor e no cliente.

Uns dizem que o estado também depende em igual grau de outros. Mas esses não conhecem nenhuma outra empresa que assine contratos anuais com todos os ministérios, sem excepção, oscilando cada um entre 1 e 5 milhões de euros. E quem assina queixa-se que não tem alternativa.

O que está mal é que não foi isto que nos prometeram para o século XXI.

Foi a possibilidade de trabalharmos em conjunto. A possibilidade de comunicarmos. A possibilidade de termos acesso a tecnologia de forma acessível - barata e respeitadora da nossa condição.

E é isso que estamos a pedir de volta.

Estamos a desenvolver meios, como conteúdos e linhas de código, que nos permitam ter esperança de recuperar o sentido da tecnologia.

Uns fazem o que sabem - escrever. Outros filmar. Outros programar.

E ao fazermos isto na Web estamos a criar obras com uma dimensão que a humanidade nunca antes viu.

Estamos a criar a Wikipedia com milhões de artigos on-line. Estamos a criar o Linux, único sistema operativo que resiste ao Windows há mais de 15 anos com milhares de aplicações desenvolvidas colaborativamente.

Note-se, nem o Vista é um mau produto, nem a Microsoft é demoníaca.

O que se passa é que estão entre nós e a nossa necessidade de ter a tecnologia de forma acessível.

E, dizia Vitor Hugo, não há nada tão forte como uma ideia cujo tempo chegou.

Assim, temos a Europa a apostar em mecanismos de apoio à qualidade no SL/A. Os países em desenvolvimento a comprar PCs de baixo custo com Linux. O mundo a mudar.

Quando experimentar o Vista lembre-se que a decisão de o adoptar vai para além do que as janelas a 3 dimensões. Vai ser essa a tecnologia que o acompanhará nos próximos 5 anos.

A alternativa dá trabalho. Tem custos. Não é tão bonita. E não suporta tanto hardware nem tanto software.

Ser capa da Time tem destas coisas. Alguns minutos de fama e a responsabilidade de estar nas suas mãos o que faremos do século XXI.

[23.2.2007] O Dia do Swing... de Sistema Operativo

O fundamentalismo é hoje o alvo preferencial dos líderes politicamente correctos. Seja fundamentalismo religioso, político... ou informático.

Isto vem a propósito de uma conversa com um amigo, director de uma revista de negócios IT. Comentava a minha participação e do Paulo Querido no programa do João Paulo Meneses, na TSF, como “fundamentalista”. Fundamentalista no sentido de pretender impôr o Software Livre / Aberto (SL/A). Quem é leitor destas crónicas, ou ouviu o programa em causa, sabe que não é assim que as coisas se passam. Tendo a ser moderado apesar de achar que ter convicções fortes só se torna defeito quando as tentamos impôr ao próximo.

O comentário levou-me a reflectir e encontrar “fundamentalistas” de todos os lados da barricada. Fundamentalistas de Linux que pretendem impô-lo como panaceia para todos os males da sociedade. Fundamentalistas do Windows que acham que o VB é a linguagem de programação para todo o tipo de aplicações. Fundamentalistas do Mac que acham que com o aspecto gráfico certo, tudo são boas aplicações.

O fundamentalismo só vinga onde existe ignorância. Quando não se conhece o que está do outro “lado”.

Então, porque não se fazer o Dia do Swing do Sistema Operativo? Passo a explicar.

Num dia pré-determinado, todos teriam de, enquanto durarem essas 24 horas, trocar de sistema operativo. Seja no PC de casa ou na empresa.

Nem teriam de apagar o anterior, bastando arrancar através de um Live CD. Ou, quando não existir Live CD, através de dual-boot.

Assim, todos passaríamos a conhecer outros sistemas operativos e valorizar o que eles têm de bom.

Alguns de nós mudaríamos no final do dia e outros manter-se-iam com as suas opções. Mas na troca de argumentos seríamos certamente para racionais.

Migrações

Migrar um Sistema Operativo (SO), por exemplo de Windows para Linux ou vice-versa, é das tarefas informáticas mais desafiantes que podemos imaginar.

É o mesmo que se propôr a um engenheiro civil mudar as fundações e o 1º andar de uma casa mas deixar o 2º andar e o sótão.

O assunto foi capa da Linux Journal do mês passado, com a imagem de um macaco em frente de um monitor. Provavelmente, por ser essa a imagem que os informáticos têm do utilizador final.

Ao fim de alguns anos a fazer migrações de Linux para Windows em servidores e desktops, descobri quatro regras elementares aplicáveis a diferentes contextos.

A primeira regra é que não vale a pena mudar quando não existem problemas. Se a aplicação ainda corre em MS-DOS mas tem tudo o que precisa para o negócio, não mude. Se está contente com o SO e este não apresenta problemas de segurança, mantenha-o.

A segunda regra é que “querer não é poder” mas com “poder podemos querer”. Isto é, é necessária força interna para impôr na organização as mudanças. Seja numa PME com 10 desktops ou num Ministério com 10.000. Se não existe força interna para impôr a mudança então ela não vai acontecer.

Terceiro, a duração do projecto é directamente proporcional ao número de máquinas a migrar. Se migrar um datacenter com 5 servidores pode demorar uma semana, migrar 14.000 desktops pode e deve demorar 5 anos. As grandes migrações são projectos de longa duração em que o 1º e 2º ano são mais para se definirem políticas de “procurement” de aplicações multi-plataforma e desenvolvimento de competências internas do que para esgrimir números.

Quarta e última regra. Não existem migrações perfeitas. Existem particularidades que não funcionarão tão bem como anteriormente. Admita-o. Se a impressora não for suportada, troque-a. Se a aplicação não funcionar, mude-a. Utilizar um emulador, como o Wine, provavelmente resolverá um problema mas criará outro.

É importante que o utilizador sinta confiança no novo sistema pelo que, mesmo que o considere um símio, conquiste-o. Dê-lhe informação, faça-o sentir acompanhado. É ele que é a engrenagem delicada do processo de mudança.

[16.3.2007] FOSDEM: o micro-cosmos do SL/A

A FOSDEM (Free and Open Source Software Developers European Meeting), conferência de Software Livre / Aberto que decorreu em Bruxelas nos dias 24 e 25 de Fevereiro, não é apenas a maior. É também a melhor conferência europeia sobre esta temática.

Tradicionalmente, e não fosse decorrer na terra da boa cerveja, o evento começa na véspera com uma Beer Party. Se se estranha 200 programadores de SL/A no 2º andar de uma cervejaria da Grand Place, então o auditório que no dia seguinte acolheu 1.500 participantes é uma imagem única.

A primeira manhã dos dois dias foi ocupada com as apresentações mais mediáticas. Patentes de Software, OLPC e Java.

O OLPC (One Laptop Per Child) é um projecto desenvolvido por Nicholas Negroponte que pretende disponibilizar portáteis a 100 dólares para os países menos desenvolvidos.

Se o espírito filantrópico dos americanos coloca qualquer europeu céptico, o OLPC é certamente a excepção.

A filosofia é simples: coloque um portátil nas mãos de uma criança, por mais pobre que ela seja, e ela saber-lhe-á dar uma boa utilização. Mas não seria melhor dar-lhe(s) primeiro livros? Ou comida? Então e os pais não venderão o portátil? E nos muitos sítios em que não existe electricidade?

Se as questões acima lhe ensombraram o raciocínio é porque definitivamente é português. Nós somos assim. Teóricos que gostam de colocar os potenciais problemas à frente da potencial solução.

Um bom exemplo desta falta de pragmatismo são as sucessivas reformas do ministério da educação na área das TIC. Até simpatizo com a ministra, ex-presidente do conselho científico da minha universidade, mas é surpreendente a inépcia de liderança dos responsáveis desta área ôðo o CRIE. Inépcia. Foi exactamente esta a palavra que utilizei há 2 anos nesta coluna para os caracterizar noutra “excelente iniciativa”. Apenas três anos após a introdução da disciplina no 9º e 10º ano, já a planeiam retirar com a justificação de que os alunos precisam de TIC em todas as disciplinas de forma “transversal”. Desconfiem de quem usa a palavra “transversal”.

O OLPC comprova que os americanos são muito mais pragmáticos. Naturalmente que um portátil de 100 dólares irá ter alguns desafios.

Como carregar a bateria? Com investigação. Desenvolvendo um sistema que puxando durante 10 minutos uma corda de tracção (semelhante à ligação do motor do barco) consegue fornecer energia para uma hora de utilização do portátil.

Como ter Internet em todos eles? Com investigação. Desenvolvendo um novo tipo de rede WiFi em que cada computador terá uma placa de rede com 1 km de alcance, sendo ele próprio um Access Point para os restantes (mesh networking).

Como olhar para o monitor se a sala de aula for no exterior sob um sol escaldante? Com investigação. Desenvolvendo um novo tipo de display.

Jim Gettys foi à FOSDEM mostrar como o SL/A ôðo Linux, ambiente gráfico, etc... - está a ser utilizado na construção dessa visão. E o último slide dele foi “Obrigado”. Obrigado por nos dotarem do software que precisamos para que este projecto aconteça.

Mas o FOSDEM é mais do que estas apresentações. São as chamadas “developer rooms”. Durante os dois dias cada equipa de desenvolvimento de projectos, como Debian, KDE, Gnome, OpenSuse ou Fedora, ocupa uma

delas.

Quando tive algum tempo livre da sala de Research onde apresentei o trabalho da Caixa Mágica na área de meta-instaladores visitei algumas.

Cada uma era representativa da heterogeneidade dos programadores de SL/A. Diferentes nacionalidades. Diferentes aspectos físicos. E uma meritocracia baseado no real valor de cada um.

Sáímos de Bruxelas sentindo que tínhamos estado numa conferência imperdível, mas com algum sentimento de pena por termos sido os únicos portugueses presentes. A nossa localização geográfica periférica não pode ser desculpa. Temos de nos afirmar através da nossa qualidade.

Para além do 6º sentido informático com que a disciplina de TIC dotou os alunos de todas as áreas disciplinares, quantos programadores, quantos bons informáticos, não terão nascido nestes últimos três anos nessas aulas?

[30.3.2007] Web, da utopia aos dias de hoje

Nos seus primeiros tempos, a Web prometia ser a forma mais democrática de disponibilizar e consultar informação. Antes do aparecimento da Web, para se saber um contacto precisávamos de consultar as páginas amarelas.

Ou para conhecer novos restaurantes precisávamos de comprar um guia. Para nos informarmos precisávamos de comprar um jornal ou ouvir o rádio.

O aparecimento da Internet, e a Web em particular, fez-nos acreditar que não mais precisaríamos de intermediários ôô as páginas amarelas, o guia de restaurantes, o jornal ôô e poderíamos passar a ir directamente à “fonte” da informação.

Quer queiramos ou não, ser intermediário tem poder. O poder de divulgar melhor um contacto ou um restaurante. Poder esse que se pode converter em receitas, cativando publicidade de quem estiver disposto a investir para ser mais conhecido.

Esta lógica sempre foi contrária aos pequenos, sem capacidade para investir.

A Web prometia o contrário. Seja grande ou pequeno, basta ter um site na Web pois poderemos sempre ser encontrados.

Á medida que o número de conteúdos na Web foi crescendo, tornou-se impossível conhecer todos os sites existentes. Tornou-se então essencial utilizar ferramentas que nos ajudem a descobrir o que pretendemos: os motores de pesquisa.

Os motores de pesquisa, como o Google ou o MSN, tornaram-se então os intermediários das nossas consultas. E esse poder foi convertido em receitas de publicidade, permitindo novamente a quem tenha capacidade de investimento ser mais divulgado do que os restantes.

A situação tende ainda a ser mais complicada. Com o crescimento exponencial dos sites disponíveis, os motores de pesquisa têm de ter mecanismos para valorizar umas páginas em relação a outras. Esses mecanismos, como o page rank do Google, valorizam as páginas que têm mais links a apontar para elas. Ou seja, tipicamente as páginas / sites das organizações maiores.

Por outro lado, se mudar de URL, isto é, o nome do seu site, arrisca a que o Google não o divulgue dado não ter nenhuma forma de saber que o novo site substitui o antigo. Aconteceu isso comigo e durante alguns meses a minha página não aparecia sequer nas primeiras 20 respostas de quem procurasse no Google . Ou experimente procurar por “bitaites” e verifique se o novo URL aparece...

No futuro, o poder destes intermediários do século XXI continuará a crescer de tal forma que, em breve, eles poderão condicionar a própria viabilidade de uma empresa. Se por algum motivo não for indexado no Google ou a sua entrada de DNS expirar, o que será que muda no dia-a-dia da sua organização?

Se não está no Google, será mesmo que existe?

Linux 2007 - o evento do ano de SL/A em Portugal

Pelo quinto ano consecutivo, a Caixa Mágica, a ADETTI e a Sybase organizam o Evento Nacional de Tecnologias Abertas ôô Linux 2007 (<http://www.caixamagica.pt/Linux2007/>).

O evento deste ano acontecerá no dia 19 de Abril no Pólo Tecnológico do Lumiar, em Lisboa. Para além das apresentações nacionais, como a da Caixa Mágica 11 ou de casos nacionais de sucesso de SL/A, é sempre uma oportunidade de termos entre nós alguns dos grandes nomes internacionais desta área. Este ano, conseguimos trazer cá o responsável pela migração para Linux dos desktops da cidade de Munique que fará uma comunicação do estado do projecto e a descrição da fase actual. Recorde-se que o objectivo do projecto é migrar os 14.000 desktops da autarquia. E Dan Kohn, o Chief Operating Officer, da Linux Foundation numa das suas primeiras aparições públicas após a fusão do OSDL com a organização FreeStandards. E Zeev Suraski, um dos criados do PHP e co-fundador da Zend. E ainda, o regresso de Sérgio Amadeu, antigo governante brasileiro que vem apresentar o estado de utilização do SL/A no Brasil. É uma agenda preenchida que atrairá certamente muitos profissionais e interessados. A inscrição é gratuita mas obrigatória dado que, face ao interesse já demonstrado e limite do auditório, poderemos ter de fechar inscrições.

[13.4.2007] A morte do DRM

A EMI, uma das principais editoras mundiais de música, anunciou esta semana que começaria vender on-line música sem mecanismos de protecção, vulgarmente designados de DRM.

O que é o DRM?

Do inglês “Digital Rights Management” (DRM), consiste em mecanismos tecnológicos *ôôô* software - que controlam o acesso à música. Ou seja, sob determinadas condições a música toca. Sob outras condições, não toca. As condições podem ser, por exemplo, o facto do ouvinte ter pago ou não.

O DRM foi considerado há 8 anos a grande tecnologia do momento porque permitia às editoras definirem o seu modelo de negócio. Quer ouvir uma vez? Três vezes? Pague proporcionalmente.

O DRM até tem, do ponto de vista teórico, lógica porque é um árbitro entre a procura (os consumidores) e a oferta (as editoras). Só quando os dois estão de acordo sobre o preço e as condições é que a música é tocada.

Quando alguém pirateia música não existe acordo. A procura “finta” a oferta sem esta receber nada em troca.

Trabalhei, por breves meses, num projecto europeu de investigação em DRM há 8 anos e foi suficiente para perceber algumas questões. A primeira é que é um problema complexo. Só funciona se não houver “fuga” em nenhum ponto do sistema. Basta existir um programa que consiga aceder a uma música protegida e todo o catálogo estará em perigo pois essa música poderá entrar no circuito ilegal.

A segunda questão que aprendi é que é um negócio de silos, para usar a terminologia de Docs Searls. Isto é, se usamos uma tecnologia específica para proteger o produtor do consumidor, então essa tecnologia será provavelmente diferente entre produtores. Ou seja, as várias editoras terão sistemas diferentes e não interoperáveis entre si. Consequência: se comprar uma música na loja da Microsoft não consigo tocá-la no iPod.

Por fim, as implementações de Software Aberto / Livre tendem a não poder tocar conteúdos protegidos porque as produtoras não celebram acordos com elas.

Os três pontos anteriores somados significam que o DRM não resulta para os grandes canais de venda de música. Não resultam porque as massas utilizam diferentes sistemas e dão diferentes utilizações aos conteúdos. Uns ouvem nos MP3 players, outros no carro e outros na sala. É complicado obrigar a que uma música apenas seja tocada num dispositivo. Não vai de encontro aos hábitos de quem a ouve.

O que a EMI propõe é permitir acesso ilimitado à música. Claro, se o consumidor pagar um extra. No caso do iTunes, a loja de música da Apple, é que em vez de se pagar 0.99 euros pela música condicionada pagar 1.29 euros pela música desprotegida.

Curiosamente, nunca percebi porque é que uma música custa nos EUA 0.99 dólares e na Europa custa 0.99 euros. Será que as editoras americanas nunca ouviram falar em taxa de câmbio? Ou a conversão directa é apenas “para simplificar as contas”? Isto aplica-se a outras áreas como o licenciamento de software ou o preço das consolas de jogos. Objectivamente, porquê é que é mais caro na Europa?

Por fim, a Comissão Europeia pediu esclarecimentos à Apple em relação à limitação das compras ao respectivo país. Isto é, um português não pode comprar uma música na loja do U.K. do iTunes porque pelo número do cartão de crédito e morada de entrega controlam o país de origem da compra. A Apple diz que é uma imposição das editoras e a Comissão Europeia diz que vai contra as regras da livre circulação e comercialização de bens. Em conclusão, o DRM irá progressivamente ser reduzido no mercado “mainstream” mas manter-se-á em ni-

chos. O acesso a conteúdos cabo ou satélite através de uma box e respectivo cartão é DRM. Esse tipo de controlo persistirá porque é limitado e não carece de interoperabilidade.

Por outro lado, o sistema DRM do Vista tem sido altamente criticado porque já se aplica a uma grande diversidade de dispositivos e formas de consumo.

O início de retrocesso no processo de imposição no DRM deve-se em muito aos grupos de consumidores e à pressão on-line de campanhas e blogs. Exprimo-me on-line, logo existo.

[27.4.2007] Linux 2007, o nascimento de uma indústria

Organizar o Linux 2007 é igual a organizar qualquer outro evento que conte com seiscentos participantes: uma enorme dor de cabeça.

Mesmo partilhando a organização entre três entidades, Caixa Mágica, Sybase e ADETTI, significa preparar ao detalhe a agenda, material, local do evento, stands, etc...

O balanço da 5ª edição deste evento, que ocorreu no dia 19 de Abril, não podia ser mais positiva. Na 2ª feira anterior ao evento tivemos de fechar inscrições por limitações de espaço e no dia combinado marcaram presença seiscentos participantes que assistiram às conferências, cool sessions e zona de stands.

Em vez de destacar a apresentação do LiMux, o Linux da Cidade de Munique, da Linux Foundation ou da utilização de Thin Stations num banco sul-americano, destaco a maturidade a que se chegou enquanto indústria. Através do financiamento dos organizadores e parceiros, foi possível trazer cá um leque internacional de oradores de primeiro plano que complementaram os nacionais.

Este financiamento só acontece porque as empresas e organizações esperam que exista retorno do mesmo através da venda de produtos e serviços.

Ora se existe um conjunto de empresas que tem como actividade diferenciada comercializar soluções de Software Livre / Aberto (SL/A) e prestar serviços sobre os mesmos, temos uma indústria. E este é um factor novo que deve merecer a nossa reflexão.

Se o SL/A (também) é uma indústria, o que o distingue do Software Proprietário? E existe espaço para a Comunidade?

Quanto à primeira questão, existe uma grande e óbvia diferença para o Software Proprietário: a licença legal. Hoje produtos open source como o Scalix (servidor de email) ou Alfresco (gestão documental), estão quase totalmente disponíveis livremente sem custos excepto pela garantia de suporte e actualizações e, no caso do Scalix, para funcionalidades avançadas ou grande número de utilizadores.

Estão disponíveis porque na sua base dependem de componentes open-source, como o TomCat ou o Postfix, que não podem ser fechados.

Mas existem semelhanças. Por exemplo, no surgimento de soluções com “marca”.

A existência de marcas, quer queiramos ou não, é uma defesa do consumidor. Se não houvesse marcas, cada vez que fosse ao supermercado não sabia qual dos iogurtes é que aquele em que confiava por me terem recomendado ou ter lido na ProTeste sobre a sua qualidade.

Estamos a entrar na era em que os componentes de SL/A estão disponíveis para qualquer um mas começamos a procurar “marcas” para nos sentirmos confiantes que ali está a melhor da sua selecção. Para o guru, não são necessárias as marcas porque ele já as conhece mas para o cliente típico elas são bem-vindas.

É o nascimento da indústria mas a Comunidade tem espaço para continuar a crescer.

A Comunidade esteve no Linux 2007 através da presença de um grande número de elementos de foruns, associações e mailing lists portuguesas que acaloradamente nos corredores discutiam a última diábrice da Microsoft ou a última versão da sua distribuição de Linux preferida.

No dia anterior, tive oportunidade de jantar com o responsável da Linux Foundation e do LiMuX, entre outros.. Á frente de um peixe grelhado e de um copo de Douro, a troca de experiências do que tem corrido bem e mal

na penetração do Linux nas nossas esferas, ultrapassou a mera conversa de “fazer sala”. Tratou-se de uma conversa de “geeks” apaixonados pela tecnologia que sentem o caminho a trilhar difícil mas seguro.

O nascimento da indústria é inevitável quando o modelo de desenvolvimento de software bate certo com as leis de mercado. A procura e a oferta adaptam-se. Significa que a tecnologia atingiu um grau de maturidade que as organizações estão dispostas a absover e a pagar pela sua boa integração.

Mas neste caminho, não devemos esquecer os valores e diferenças intrínsecas ao modelo. E não tenhamos dúvidas que, por muita força que se tenha na indústria, se não se compreender a cultura do SL/A estaremos condenados ao fracasso.

[13.5.2007] Wireless Comunitário

O Portugal profundo tem aldeias que mantêm o forno comunitário.

A ideia é óbvia. Como só se coze pão uma vez por semana, porquê cada elemento da aldeia ter um forno que passa a maioria do tempo sem ser utilizado?

Estes costumes foram perdendo-se à medida que, por via da especialização das sociedades, se tornou mais barato comprar pão do que comprar o trigo, moer, fazer a massa e pôr no forno.

Outros meios mantêm o seu preço alto e muitas vezes precisam de ser partilhados. É o caso dos tractores.

A nossa sociedade tem se tornado cada vez mais individualista o que faz com que hoje os tractores não se partilham, alugam-se.

O acesso à Internet é um pouco como os tractores, alugamos. Por outro lado, se tivermos Internet em casa não a podemos utilizar em casa de outros.

Uma solução que foi surgindo em cidades americanas foi o surgimento de comunidades Wireless que partilhavam o acesso à Internet. Alguns faziam-no por filantropia, outros por economia. Neste caso, um grupo de pessoas que morem perto podem partilhar acesso e os custos respectivos.

Em Portugal também temos este conceito e a face mais visível é o Movimento Wireless Português (<http://wireless.com.pt/>) com 15.000 utilizadores e quase cem comunidades. No momento em que se democratiza cada vez mais o acesso, talvez fosse interessante pensar nesta alternativa e juntarmo-nos a uma comunidade Wireless.

Isto pode ser feito com garantias e segurança recorrendo a Software Livre / Aberto. De facto, existem várias aplicações SL/A que permitem controlar os acessos e disciplinar o consumo de banda. Estas aplicações funcionam principalmente sobre Linux.

Com comunidades locais fortes, será eventualmente possível um dia em Portugal fazer a inter-ligação virtual delas. Um cibernauta que dê acesso no Porto a outros utilizadores, quando se deslocar a Lisboa pode ligar-se a uma comunidade local, inserindo o login e a password.

Wireless Comunitário não é assim pendurar-me no router do vizinho sem o seu consentimento.

Como nos tempos do forno comunitário, a componente de confiança é essencial tal como o civismo na utilização. Vivendo no campo, a 1 km da casa mais perto, só conseguirei partilhar a minha ligação com a coruja-da-torre que vive na minha chaminé. Com o evoluir da tecnologia, os alcances das antenas (Access Points) vão sendo maiores e a esperança permanece. Comunidade da Azóia de Baixo / Santarém, aqui vamos nós.

Quinta-feiras pelo país

Por coincidência, ocorreram eventos que abordaram o SL/A e o Linux em três quinta-feiras consecutivas. O Linux 2007 já aqui referido, a conferência de Sistemas Operativos da Universidade Portucalense no Porto e o seminário de Alternativas de Software no ISCAP, também no Porto.

Todos correram excepcionalmente bem mas vou aprofundar o do ISCAP.

Antes de mais, o Linux tem mais encanto com pronúncia do Porto. A simpatia da Invicta é envolvente e potencia o espírito de partilha e colaboração caro ao SL/A..

Na conferência do ISCAP foram feitos três tipos de apresentação: introdução ao Linux e ao SL/A, programa-

dores e projectos (onde se enquadrava o Linux Caixa Mágica que representei) e, não tão vulgar, utilizadores. Como é que uma ideia tão eficaz não é mais utilizada nestes encontros? Deixar falar os utilizadores é a melhor forma de se mostrar que o Linux não é complicado e tem potencialidades que podem fazer a utilização do PC mais interessante.

Dos utilizadores, destacava a mãe de um dos organizadores, talvez com 60 anos de idade, que tinha começado a utilizar o Linux no seu computador de trabalho depois de perceber que a filha não a ia ajudar a formatar mais uma vez o computador por causa de vírus e malware. Decidiu-se e aceitou que lhe instalassem o Linux.

Se imaginam esta utilizador dedicada ao K-crochet (não, não existe, mas podia) desenganem-se. Explicou que utilizava a Web, Mail, Skype, home-banking, arquivo de fotografias digitais, etc.

Perguntei-lhe, em jeito de provocação, se em algum momento já tinha sentido vontade de voltar para o sistema operativo anterior. A resposta foi um rotundo “Não”.

[1.6.2007] Vida de Pacote

As distribuições de Linux incluem milhares de programas de Software Livre / Aberto (SL/A) diferentes. Ele é o Firefox para navegar na Internet, OpenOffice para produtividade, Gcompris com jogos pedagógicos, etc... É necessário gerir a ligação entre quem escreve o software, quem o disponibiliza em CD / servidores e quem o utiliza. A forma de o fazer é armazená-los num único ficheiro comprimido a que se chama “pacote”. Existem três tipos diferentes de pacotes mas que têm o mesmo objectivo: os tarball (extensão .tgz), os RPM (.rpm) e os .DEB.

Cada editor de Linux - isto é, quem junta o sistema operativo Linux e as aplicações num CD e a que vulgarmente chamados de “Distribuição Linux” - escolheu o seu tipo de pacote e disponibiliza todo o software nesse único formato.

A “vida” de um pacote RPM é dura e para prová-lo dou o exemplo de um deles: o sendmail.

O sendmail, software desconhecido para a maioria dos utilizadores, tem como missão transportar email e garantir a sua entrega entre servidores. Em cada 100 emails que recebe, 30 deles são provavelmente entregues por servidores com o sendmail instalado.

A primeira versão foi desenvolvida por Eric Allman no início da década de 80 e serviu de base à entrega de email entre os primeiros servidores da Internet, nessa altura chamada de ARPAnet.

Sendo SL/A, o seu código-fonte é distribuído livremente. Mas para se instalar na nossa distribuição de Linux preferida seria incómodo fazer o download, compilação e instalação manual de centenas de ficheiros.

O que acontece é que saído das mãos de Eric e dos seus colegas programadores, o sendmail é compilado e arquivado num único ficheiro comprimido, tal como um Zip de Windows auto-instalável, pela distribuição de Linux.

Esse ficheiro comprimido, um pacote no formato RPM no caso do Linux Caixa Mágica ou formato DEB no Linux Ubuntu, por exemplo, é mantido por alguém designado por maintainer. O maintainer é responsável por, cada vez que existe uma actualização do software, garantir que uma nova versão do ficheiro RPM é disponibilizada ao público em geral. Uma distribuição pode ter centenas de maintainers, alguns empregados pagos, outros voluntários da comunidade que passam por um escrutínio exigente.

A manutenção desses ficheiros RPM / DEB é uma tarefa complicada se pensarmos que uma versão de Linux pode ter de 5.000 a 15.000 desses ficheiros.

Antes de mais, é necessário de ter uma “fábrica” onde os pacotes são construídos. Falamos de poderosos conjuntos de servidores (“clusters”) que são capazes de construir 5.000 pacotes em poucas horas. O sendmail é, em conjunto com os outros, compilado e empacotado cada vez que existe uma alteração relevante.

Depois, é preciso garantir que não têm dependências quebradas. Isto é, que não precisam de outro software, outro RPM / DEB, que se encontra ausente do servidor. Para controlar esse aspecto, as distribuições correm durante a noite testes aos pacotes para verificar que não foi introduzido algum erro durante as actualizações feitas durante o dia.

Por fim, é preciso disponibilizar o pacote sendmail alterado aos utilizadores que dele precisam para o instalar ou fazer uma actualização.

Se fossem poucos utilizadores, bastava transferir para um servidor. Como falamos de dezenas ou centenas

de milhares, as distribuições de Linux fazem cópias em diferentes servidores espalhados pela Internet ôð os mirrors. Este processo de sincronização é realizado continuamente e dá-nos garantias de segurança porque os ficheiros são assinados digitalmente.

Finalmente, o utilizador que pretende montar um servidor de mail simplesmente define na instalação que pretende instalar o software sendmail. Este, pode estar no CD ou vir através da Internet para ter garantias de actualização.

Não nos apercebemos mas o nosso pacote RPM foi trabalhado pelos programadores, maintainers, fábrica de construção de RPMs, servidores de teste / QA e mirrors espalhados pela internet de forma segura e descentralizada.

A próxima vez que fizer uma instalação de SL/A, lembre-se. É uma vida de pacote...

[15.6.2007] Canivete suíço do século XXI

O canivete é um dos produtos mais emblemáticos da Suíça, a par dos relógios e do chocolate.

A história do canivete suíço tem início em 1891. O seu autor, Karl Elsener, era dono de uma empresa de material cirúrgico e ficou surpreendido por saber que o fornecimento de facas de bolso ao exército do seu país tinha origem na Alemanha. Com algum trabalho de engenharia e inovação, lembrou-se de integrar diversas ferramentas como uma lâmina, uma chave de fendas e um abre latas e propor a sua aquisição ao exército suíço. Apesar de ser um produto com uma imagem forte, esta indústria tem vindo a passar por uma crise com graves efeitos nas duas principais empresas que o produzem, a Victorinox e a Wenger.

Apesar de as justificações apresentadas serem relacionadas com as restrições de segurança derivadas do 11 de Setembro, a verdade é que hoje as verdadeiras ferramentas que precisamos no dia-a-dia são de outro tipo. São hardware e software.

O canivete suíço do século XXI é um misto de ferramentas que nos ajudam a ultrapassar as dificuldades do dia-a-dia nas TIC. Fugindo das óbvias (Google, Gmail, YouTube, Flickr,..) deixo aqui uma lista pessoal.

O primeiro problema a ultrapassar é o transporte de informação de um local para outro. Para este efeito, existem pen drives USB para todos os gostos, inclusive algumas integradas em canivetes suíços. O homem do século XXI não se contenta com uma pen drive e utiliza um servidor on-line para armazenar os seus ficheiros.

Apesar de existirem vários sites para este feito, a minha sugestão é utilizar um plugin do Firefox, browser de Software Livre / Aberto para esse efeito.

Os plugins para Firefoz são pequenas pérolas existentes para este software que melhoram a nossa utilização da Web.

O Gspace é um destes plugins que permite utilizar o espaço do Gmail para guardar ficheiros.

Outro plugin interessante é o corrector ortográfico. O corrector corrige-nos o português sempre que escrevemos numa página seja ela o Webmail, blog ou formulário de um site.

O Zotero é o plugin que faz as delicias de professores, alunos e investigadores. Este plugin permite transformar informação sobre livros presente em páginas Web que visitamos em entradas bibliográficas, facilitando posteriormente a escrita de artigos e relatórios.

Ainda na Web por vezes torna-se caótico armazenar os Favoritos (bookmarks) dos sítios Web por onde passamos. O Del.icio.us é um site fundamental que permite que armazenemos os nossos Favoritos através, e novamente, de um plugin que disponibiliza um botão no Firefox para esse efeito. Para além do URL, podemos inserir etiquetas (tags) que nos ajudam a uma mais fácil pesquisa. Com sabor a Web 2.0, o del.icio.us permite-nos partilhar as nossos bookmarks e tags com colegas.

Para comunicar, o Instante Messaging (texto) e o Skype (voz) são essenciais. Para o Skype destacava a necessidade de se comprar uns headphones com microfone integrado em vez do tradicional microfone que vem como o PC mas sem qualidade.

Outra ferramenta de hardware essencial é uma base para aquecer chávenas / canecas e que é alimentada via uma ligação USB ao PC, integrando ela própria um Hub USB para ligar outros dispositivos. Quando me ofereceram uma na conferência Software Libre 3.0, em Badajoz, achei piada mas pareceu-me apenas um gadget para geeks.. Hoje utilizo-a frequentemente enquanto de manhã leio o email e bebo café.

A história dos canivetes suíços e a sua crise dão-nos uma visão da rápida mudança do nosso mundo. Mas, recuando uns séculos, mostram-nos como a inovação e aposta num produto nacional podem tornar-se numa fonte de prosperidade para o futuro.

Esta semana foi divulgado que o Governo vai apoiar a aquisição a baixos preços de PCs. No lançamento assinou um protocolo com um único fornecedor de software e logo não nacional, a Microsoft . É positivo terem posteriormente divulgado que estão abertos a outros parceiros de hardware e software pois, quem sabe, se dentro deles não surgirá uma nova indústria nacional

[29.6.2007] Teste de conformidade com o Choque Tecnológico

Enquanto governante está dentro do espírito do Choque Tecnológico? Responda ao teste e saiba a resposta.

1- Se o fundador da Microsoft vier a Portugal, você promove um memorando...:

- a) Com 8 ministros ao mesmo tempo, batendo o recorde mundial anterior do Bangladesh onde 5 ministros estiveram presentes.
- b) Tática 4-4-2: 4 secretários de estado + 4 ministros + 2 chefes de gabinete
- c) Com 1 ministro / secretário de estado

2- Se tiver de montar um programa de Literacia Digital e os utilizadores de Firefox (25% dos internautas) não conseguirem aceder ao mesmo:

- a) Fire-quê?
- b) Apoio a mudança desses 25% para Internet Explorer
- c) Não aceito

3- Se no programa de Literacia Digital a pergunta “O que utilizaria para fazer uma página Web?” tiver como resposta certa e única “O MS Frontpage”:

- a) Foi a Microsoft que inventou a Web e foi o Tim Berners-Frontpage o primeiro autor de uma página HTML.
- b) Errado. O Microsoft Word também dá para fazer páginas Web
- c) A resposta leva ao possível engano de pensar que o HTML só pode ser escrito em Frontpage.

4- Se a FCCN assinar um protocolo “Live@Edu” que permite às universidades ter mail, blogs e IM gratuitos e suportados pela Microsoft quando isso já hoje é dado por todos os operadores do mercado:

- a) Pode incluir-se VOIP no acordo?
- b) Certo. O Sapo e o Google têm essa oferta... mas não é “Live”.
- c) Não aceito. Nem que seja porque o responsável da Microsoft que assinou o acordo saiu há 3 meses da administração da FCCN.

5.- O “Live@Edu” é gratuito para os alunos das universidades portuguesas mas o Office (e o Outlook) têm de ser pagos:

- a) Mas não é assim tão caro.
- b) Fecho o “olho” e a ASAE não vai à universidade até as tascas e roulottes estarem todas fechadas
- c) Em vez de mail e blogs fazia um protocolo para os estudantes terem acesso gratuito ao MS Office e suporte no OpenOffice.

5- Se uma empresa tiver 95% do mercado de sistemas operativos de desktop isso parece-lhe:

- a) Nada de especial. Se tivesse 110% era bem pior.

- b) É bastante, mas eles não abusam dessa posição.
- c) Monopólio. Tomo medidas para promover o surgimento de alternativas e tento garantir a qualidade das mesmas sem cair no fundamentalismo.

6- Uma pesquisa no site do Plano Tecnológico dá: 26 páginas com a palavra “Microsoft”, 6 com a palavra “Cisco”, 4 páginas com a palavra “Linux” (todas em inglês) e 2 páginas com a palavra “Sun”:

- a) Tomaria medidas para saber o que fazia o Linux no meio das outras páginas
- b) Se somarmos todas as outras, dá...bem é fazer as contas.
- c) Dar-me-ia que pensar

7.- Das 18 medidas do memorando, apenas se sabe a participação do estado em uma delas:

- a) Se não se sabe, é porque são “grátis”
- b) Cada ministério tem autonomia e eles é que decidem.
- c) Talvez inspirasse mais confiança haver transparência e saber em quanto o estado apoia cada uma.

Some 3 pontos por cada resposta a), 2 pontos por cada resposta b) e 1 ponto por cada resposta c).

Se teve 22 pontos ou superior: Parabéns! Mesmo não sendo matematicamente possível, provou estar à altura do memorando Governo-Microsoft.

Entre 15 e 21 pontos: Muito bem. Está alinhado com as directivas e tem potencial.

Entre 8 e 14 pontos: Médio. Pode contudo melhorar se frequentar o programa de Literacia Digital, utilizar um email Live@edu e comprar um portátil das Novas Oportunidades.

Até 7 pontos: você é um desses maluquinhos do Software Livre / Aberto ou tem a mania que é estadista? Ambos estão em vias de extinção em Portugal pelo que não auguramos grande futuro. Esqueça Milton Freedman e a teoria dos almoços de borla e aceite o que lhe oferecem.

[13.7.2007] Porque o Mac não vai ser líder...

Todas as frases contundentes sobre o futuro da informática arriscam-se a entrar para a história como piada.

Foi o caso da frase atribuída a Bill Gates que “640 KB de memória é suficiente” ou a pronunciada por um director da IBM que diria que “um dia haverá mercado para mais de que 5 computadores no mundo”.

Posto isto, arrisco e afirmo: o Mac não vai ser líder de mercado de desktops e portáteis. Nem amanhã, nem daqui a 10 anos se mantiver o actual modelo.

A Apple pode liderar o mercado de leitores de MP3 com o iPod mas dificilmente o fará no segmento desktop porque o modelo... não escala. Independentemente da qualidade do software e hardware.

Do que conheço do Mac da Apple, admito que hoje é o melhor sistema operativo de desktop para a grande maioria dos utilizadores. É sexy, é fácil de utilizar e está ao preço dos PCs.

Então porque não poderá conquistar 50% ou 60% do mercado?

O modelo da Apple consiste em esta produzir o hardware e software, garantindo assim a qualidade da interligação entre os dois.

O Mac conquistar 50% do mercado significaria que a Apple teria de produzir 4.000 milhões de Macs por ano, ou seja, semelhante ao produzido pela HP, Dell, Fujitsu Siemens, IBM Lenovo e Toshiba juntas.

E isto é difícil de conseguir quando falamos de hardware e do marketing para o comercializar.

Por outro lado, neste momento o Mac é sexy porque apenas 1 em cada 20 pessoas (5%) tem a “caixa branquinha”. Imagine que em cada dois utilizadores, um deles tem um PC igual ao seu. Já não é tão sexy...

A mudança dos processadores do Mac para Intel veio no sentido da massificação de vendas e já está a ter algumas consequências. Utilizadores mais antigos dizem que, apesar de bom, este sistema não tem a robustez de outros tempos.

Esta reflexão tem origem ao assistir à minha volta a vários amigos mudarem para Mac. Alguns deles abandonando o Windows e outros o Linux.

Não vejo esta passagem como negativa porque o próprio MacOS e aplicações principais incorporam vários componentes de Software Livre / Aberto. Por outro lado, força a existência de aplicações multi-plataforma, que é a única e verdadeira razão pela qual a Microsoft ainda mantém a quota de mercado em desktops.

Um amigo meu, fã de iPod, ao mudar de PC para Apple disse-me “comprei o Mac porque para mim é um belo acessório para o iPod”. De facto, é. Mas não escala.

Feiras & exposições

Vai decorrer esta semana na FIL, a feira POR TI- uma exposição de empresas portuguesas na área das TIC organizada pelo Governo no âmbito da Presidência portuguesa da UE.

Por outro lado, o SITIC - feira de Tecnologia e Comunicação sucessora da INFORPOR - vai decorrer de 20 a 23 de Setembro.

É pena que num período tão pequeno existam dois eventos tão semelhantes.

Convidado para coordenar a área de open source do SITIC, aceitei na perspectiva de conseguir desafiar os

players da indústria de Software Livre / Aberto (SL/A) a estarem presentes.

Uma feira é, em todo o mundo, uma oportunidade para se fazer negócios e promover as nossas marcas.

A fraca participação de algumas das grandes marcas, como a Microsoft, mostra como a concorrência é tão fraca que até se pode dar ao luxo de não estar presente. Ou pelo menos, é essa a percepção que têm.

Fica a perder a indústria e os frequentadores que querem conhecer de perto as novidades dos vários players.

Uma participação significativa de players SL/A, para além de gerar negócio, será um sinal de maturidade da indústria. Um sinal que vale a pena apostar na mudança de tecnologia.

A Caixa Mágica irá estar provavelmente nos dois eventos a mostrar as nossas soluções Linux porque sabemos que é isso que os utilizadores e clientes querem. E porque assim nos diferenciamos. Apareça.

[27.7.2007] A norma Office da Microsoft conseguirá o voto português?

A melhor explicação do conceito de “Norma” que conheço foi apresentada por António Coutinho, da Universidade do Minho.

Para explicar a necessidade de normas a uma audiência de alunos, o António levava um parafuso e um saco de porcas de tamanho aproximadamente igual. De seguida, pedia à Audiência que tentasse achar a porca certa. Tarefa difícil apesar de mesmo hoje existirem tamanhos standards para parafusos. Se não existirem normas exactas, é isso que que passa entre o software de diferentes fornecedores: não encaixam bem uns nos outros.

A necessidade de normas na indústria informática, isto é, directivas que indiquem qual o formato exacto em que a informação deve ser trocada entre aplicações, leva-nos para o cenário dos primórdios da informática. Nessa altura, os fornecedores criavam silos para prender os clientes. Dado as aplicações não comunicarem entre elas, tudo teria de ser comprado ao mesmo fornecedor para comunicar sem problemas.

O formato em que os documentos de Office (ficheiros com texto, folhas de cálculo, apresentações,...) são guardados é essencial para garantir que apesar de ser feito numa aplicação, ele pode ser utilizado noutras.

Com esse intuito, foi formado um consórcio de empresas e organizações designado por ODF (Open Document Format) Alliance e que visou desenvolver um standard internacional nessa área. Essa aliança integrou na sua origem os grandes da indústria informática como IBM, Sun e Microsoft.

O formato ODF foi em Maio de 2006 aprovado como standard internacional ISO/IEC 26300 para documentos Office.

Antes disso, a Microsoft tinha abandonado o consórcio para criar o seu próprio standard, o Office Open XML (OOXML). Pôs então uma máquina em andamento para que o seu formato fosse igualmente considerado standard. Para tal, tem de ser aprovado pela maioria dos comités locais ISO, tendo todos os comités o mesmo peso na votação final.

Em Portugal, a entidade acolhedora da Comissão Técnica que irá avaliar a norma é o Instituto de Informática. A primeira reunião desta comissão foi divulgada em circuito fechado por um grupo de parceiros Microsoft e pouco mais. O objectivo seria despachar o processo.

Para tal, o elemento da Microsoft presente propôs-se e foi aceite para presidente da Comissão e marcou-se uma segunda reunião para a aprovação da norma. Um ou outro presente divulgou externamente o que se estava a passar e na segunda reunião um conjunto alargado de empresas não-alinhadas (como a IBM, Sun, Caixa Mágica,...) propôs-se integrar a comissão. A IBM e a Sun foram impedidas com o argumento que a sala não tinha dimensão suficiente apesar de estarem presentes elementos observadores sem direito de voto.

Foi então marcado para dia 31 de Julho a votação final.

Não será o resultado da aprovação ou não pelo ISO/IEC que impedirá o MS OOXML de vingar como standard de facto. É inevitável pois a Microsoft detém uma quota de mercado muito elevada.

Contudo, a não aprovação da mesma seria utilizada pela Administração Pública de todo o mundo para suavemente introduzir o OpenOffice. Seria ainda um factor que pressionaria a Microsoft a procurar no futuro estabelecer normas com outros actores no mercado e não apenas por ele própria, o que conduz aos silos ine-

vitáveis. Por outro lado, dado já termos um standard, a aprovação de um segundo é redundante. Por fim, o OOXML sofre de vários defeitos técnicos que dificultam uma implementação aberta como a do OpenOffice. Por vezes, a geração espontânea de protocolos do Governo com a Microsoft e o poder desta levam a que tudo já nos pareça normal.

Mas não nos enganemos. Não é normal o presidente da comissão técnica ser um elemento da empresa que vai ser sujeita a avaliação. Não é normal recusar-se a presença à Sun e à IBM sob a desculpa da sala não ter cadeiras.

Se as quatro razões técnicas anteriores não forem suficientes, Portugal tem uma razão extra para votar contra.

A razão extra que temos é demonstrar que o nosso país não é a “república das bananas”.

E esta é uma razão muito forte . Espero que vença no dia 31.

[10.8.2007] A maravilhosa “Segunda Vida”

Ano após ano, surgem novas formas de comunicarmos e nos relacionarmos em sociedade. Umas com sucesso, como o Messenger ou o Skype. Outras sem sucesso apesar de promissoras, como o Wap ou o Minitel dos franceses.

Como saber quais as que vingam? Não sabemos até se experimentar a nova moda e sentir uma vontade de voltar a fazê-lo. De sentirmos que aquilo é diferente. Esse é um bom sintoma que a tecnologia veio para ficar. Esse é o sintoma de quem experimenta o “Second Life”.

Um ambiente virtual em que a nossa personagem pode passear por espaços com bonitos edifícios a três dimensões, entrar e cumprimentar as pessoas que neles estão presentes.

A Universidade de Aveiro foi das primeiras instituições portuguesas a estar presente, tem salas virtuais onde os estudantes estão presentes.

O Second Life é também uma oportunidade. A empresa portuguesa Beta Technologies desenvolve o seu modelo de negócio em redor de construir edifícios e serviços dentro deste ambiente. Para esta empresa, o seu mercado não é Portugal mas o mundo, tendo como clientes o Saxo Bank ou a Xerox. Está visto que a sede da empresa, entendido como local onde os empregados se encontram e onde expõe os seus serviços, é o próprio Second Life.

Após o registo no site do Second Life (SL), o interessado pode fazer o download do software necessário. A empresa responsável, Linden, não só disponibilizou uma versão Alpha para Linux (ainda bastante instável) como colocou este software como Software Livre / Aberto potenciando assim o aparecimento de uma comunidade de programadores que enriqueça o mesmo.

A nível mundial, o Ministério da Justiça português foi pioneiro na montagem de um centro de arbitragem de conflitos para utilizadores de SL. O e-Justice Centre, com um edifício a lembrar uma visão futurista da Torre de Belém, é realizado em parceria com a Univ. Aveiro e a Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa. Serão alunos e professores desta última que servirão como mediadores de eventuais conflitos.

Foi interessante analisar o enorme sucesso desta iniciativa e o destaque que teve a nível nacional e internacional (Bloomberg,...). Ouviram-se vozes discordantes dos Juízes e de um ou outro editorial defendendo que antes de se avançar para o virtual devíamos tratar da Justiça real.

Errado e míope. Os poucos milhares de euros gastos a montar o projecto e a estrutura 3D não resolveriam nada na pesada máquina dos tribunais. Em contraponto, o e-Centre projecta a imagem de Portugal, estreita a ligação da Adm. Pública às Universidades e permite dotar-nos de competências na própria área e em colaterais, como a gestão de conflitos trans-nacionais (já fez compras on-line?).

A iniciativa do e-Centre é verdadeiramente a primeira medida do Plano Tecnológico. É apostar em sermos globais. Em dinamizar o mercado para as nossas empresas, tornando-as pioneiras. É trazer as nossas universidades para a vanguarda da tecnologia.

OOXML passa em Portugal

Não é verdadeiramente uma notícia porque não foi o homem que mordeu o cão mas, como de costume cá no burgo, o cão que mordeu o homem. A proposta de standard da Microsoft para documentos Office, o OOXML, passou em Portugal na Comissão Técnica 173 - ao contrário do que aconteceu em Espanha - por 13 votos contra 7.

Isto significa que na votação internacional ISO vamos votar a favor.

Quem votou contra não o fez contra a Microsoft aderir a Standards mas contra a norma OOXML que, como se sabe, tem vários problemas técnicos nas suas 6.000 páginas de definição.

O Instituto de Informática, que acolheu a comissão, esclareceu o “Cadeirogate”. Afinal a IBM e Sun não foram afastadas por falta de cadeiras mas porque a partir de um determinado momento, e em função do elevado número de inscrições, foi necessário fechar as presenças para garantir uma discussão proveitosa.

[24.8.2007] Wikipedia, José Sócrates e a ciber-jornalistas

Que a Silly Season é adequada a notícias que não são notícias, já sabíamos. Mas a recente polémica relativamente à edição da página do primeiro-ministro na Wikipedia (enciclopédia on-line escrita pelos utilizadores) por parte de alguém na rede do CEGER leva-nos mais longe.

Recordando. O blog “Zero de conduta” citou a Wired relativamente à ferramenta WikiScanner e às polémicas internacionais derivadas da utilização dessa ferramenta. O WikiScanner, desenvolvido pelo estudante universitário Virgil Griffith, nos EUA, permite verificar as alterações efectuadas na Wikipedia por um determinado endereço IP ou rede informática. Ou seja, por exemplo, permite vermos que páginas na Wikipedia foram alteradas por uma determinada rede informática.

Esta simples - mas poderosa - ferramenta permitiu verificar que a empresa Exxon tinha modificado a entrada relativamente ao derrame de petróleo do Exxon Valdez. Ou que o FBI removeu imagens da baía de Guantamo. De forma pouco original mas eficaz, um blog descobriu que alguém na rede do governo tinha melhorado a biografia do primeiro-ministro José Sócrates e do ministro Luís Amado. Em tempo de Silly Season isto foi suficiente para os jornais noticiarem a questão com foros sensacionalistas. A justificação moral é que a Wikipedia adverte que a edição dos artigos deve ser feita de forma neutral e, vindo da rede do Governo então não é neutral, tal como o FBI ou a Exxon não o são em relação as matérias que editaram.

A referência à alteração da biografia do primeiro-ministro merece tratamento jornalístico?

Certamente que sim, tal como a Wired e meios de comunicação americanos noticiaram as alterações anteriormente referidas.

A forma como foi tratado, antes de mais no blog original, é que é imatura e feita por alguém provavelmente com pouca cultura informática e de Internet, apelidando de “censura” as alterações feitas.

Como opinião pública, traçamos uma ténue linha entre o que é corrigir uma informação errada e o que é “branquear” um dado histórico ou biográfico.

Um exemplo. Tenho uma entrada na Wikipedia, iniciada e completada por autores que desconheço, com uma breve biografia minha baseada em alguma informação pública. A 12 de Abril de 2007 essa entrada foi alterada com pretensas citações que eu nunca tinha feito e algo idiotas. Será que eu tinha autoridade para o corrigir? Sim, se me tivesse dado ao trabalho. Em vez disso, preferi as deixar tal como estavam, conhecendo dois aspectos da dinâmica Wikipedia. O primeiro é que quem lê a Wikipedia tem de ter sentido crítico para perceber o que é uma informação deturpada. Segundo, é que provavelmente alguém que o identifique poderá “desfazer” esse erro.

De facto, apenas dois dias depois, alguém o desfez e corrigiu a entrada removendo as citações.

As alterações à biografia de José Sócrates eram mais subjectivas e referiam-se ao escândalo da Universidade Independente. “Branqueamento” ou correcção?

É um pouco indiferente. Em última análise, aquela mudança foi a contribuição daquele utilizador. Se retirou informação válida à entrada, é de esperar que o sistema se auto-regularize e essa mudança seja removida.

É por essa razão que a notícia em torno da mudança biográfica não deixa de ser um fait-divers próprio da época. Não temos a certeza sobre a origem da mudança já que a rede do governo envolve milhares de PCs e até poderia ser feito com fins de posteriormente ser divulgado para fragilizar o governo. O impacto é reduzido pois é

facilmente identificado.

Ao invés de descredibilizar a Wikipedia, as recentes notícias demonstram a força mediática da mesma e os mecanismos de auto-controle.

O blog “Marketing de busca” pegou noutra interessante ponto da questão. As várias notícias on-line apesar de o citarem, não continham links para o blog original com a honrosa exceção do Tek Sapo. Porquê a importância do Link? Claro, para o blog subir no “page rank” da página de resposta das pesquisas no Google e no Sapo.

O jornalismo está a mudar. E, descontando o fenómeno Silly Season, o fosso entre “Ciber-jornalistas” e “jornalistas info-excluídos” está a ser cavado.

[5.9.2007] iPhone da Apple: uma outra experiência

Após o sucesso do iPod e da recuperação de vendas no segmento dos portáteis / desktops, Steve Jobs anunciou na MacWorld 2007 que a Apple iria produzir um telemóvel ôôô o iPhone.

Tinha bastantes dúvidas porque sendo os telemóveis uma área já muito saturada de inovação, um salto tecnológico significaria competências que a Apple não conseguiria reunir em tão pouco tempo.

Passados estes meses e apesar de não estarem disponíveis em Portugal, tive oportunidade de testar e “sentir” um iPhone.

Se já viu imagens ou vídeos do iPhone em utilização, esqueça-as. Não tem nada a ver: é muito melhor.

Não sendo um seguidor da Apple, reconheço a eficácia e facilidade de utilização dos seus produtos.

E o iPhone tem tudo isso e mais alguma coisa.

A Apple é uma criadora de experiências, não de tecnologia. Tal como o iPod dá-nos gozo utilizar, não só pela música mas pelo seu design, o iPhone leva a experiência a novos patamares.

O seu design é cuidadoso e o revestimento brilhante é agradável à vista e ao toque.

As suas funções principais são o telefone, o acesso à Internet, o leitor de MP3 e a máquina fotográfica.

Começando pelo fim. A manipulação e visualização de fotografias faz-nos saltar para dentro do filme “Minority Report”. Se deitar o telemóvel - de vertical para horizontal - a imagem que estiver a ser visualizada roda também. Sendo o ecrã multi-touch, para fazer zoom da imagem utilizam-se dois dedos sobre o display como se estivéssemos a fazer crescer a imagem, deslocando-os em direcções opostas. Para ver a imagem seguinte presente na galeria, deslocamos o dedo como se estivéssemos literalmente a mandar a imagem actual embora. E ao chegar a nova ela ressalta ligeiramente causando uma experiência mais relacionada com o mundo físico do que digital.

A utilização do teclado do telefone não é perfeita mas consegui escrever rapidamente um número.

Não tive oportunidade de testar o browser mas disseram-me que o tamanho do ecrã e a forma como as páginas são apresentadas é muito satisfatório.

Os 270.000 telefones vendidos, nos EUA, no primeiro fim-de-semana de vendas é um número que fala por si.

A base do iPhone é o sistema operativo Mac OS X, software baseado no Mach e no BSD (Software Livre / Aberto), integrando no seu software elementos abertos e outros proprietários.

Independentemente destes últimos, o crescimento da Apple nos vários mercados é sempre uma boa notícia para a indústria TI.

O que muita gente não consegue ver é que a crescente contestação contra a Microsoft não é uma disputa modelo livre Vs. modelo proprietário. É uma disputa entre abuso de situação dominante, impedindo através da força da posição que outros possam conquistar clientes.

O grupo insuspeito de empresas e indivíduos que se têm oposto à passagem do standard OOXML ôôô o formato do MS Office 2007 - tem alargado a sua base de apoio. Tem conseguindo votos “contra” de comités como o Brasil, UK, Canadá, China ou Nova Zelândia. O que está em causa é garantir standards que permitam a comunicação livre entre sistemas. A escolha entre a melhor tecnologia é feita então pelo mercado.

O comité português decidiu por 13 votos contra 7 propor a aceitação do standard OOXML. Foi esse o voto nacional, indiferentemente da maneira mais ou menos correcta em como se deu a constituição da Comissão

Técnica.

O meu voto foi um dos 7 dos vencidos mas sendo uma batalha perdida, não foi ingloria.

O trabalho, desgaste e custo que este processo está a ter para a Microsoft carrega uma mensagem muito clara: tentar normalizar sozinha com o objectivo de criar silos onde os clientes fiquem presos não tem a facilidade das décadas de 80 ou 90. E essa é uma mensagem que a Apple terá de absorver à medida que for ganhando mercado nos vários segmentos.

Se mantiver o ritmo de inovação e design dos produtos, mantendo ao mesmo tempo uma qualidade aceitável, essa é uma conquista que está ao seu alcance. O iPhone é um excelente telemóvel.

Índice

- Acer, 17
- Adaptative Path, 59
- ADETTI, 11, 16, 28, 32, 37, 58, 109, 113
- Administração Pública, 4, 6, 23, 26, 32, 36, 38, 48, 51, 57, 59, 67, 73, 98, 125
- Adsense, 57
- Airbus, 24
- Ajax, 59, 61, 69, 95
- Alan Cox, 69
- aLANtejo, 35
- Alinex, 31, 81
- Andrew Morton, 47, 57, 101
- ANSOL, 7
- anti-vírus, 103
- António Coutinho, 9, 30, 125
- APDSI, 31
- Apple, 1, 62, 63, 65, 77, 111, 123, 131
- apt-get, 2
- Arraiolos, 3
- ASAE, 85, 121
- ASP, 81, 95
- Assembleia da Republica, 5
- ASSOFT, 3, 45, 85
- Asus, 17
- ATI, 100
- Autoridade da Concorrência, 48

- Beagle, 79

- Beryl, 99
- Bill Clinton, 19
- Bill Gates, 8, 87, 95, 103, 123
- Bitaites, 49, 89, 109
- BitTorrent, 2
- Bloco de Esquerda, 5
- Blogs, 44, 59, 99, 121
- Blogspot, 49
- Bruno Dias, 5
- Bruxelas, 39, 107
- BSA, 25, 26
- BSD, 73, 131

- Caixa Mágica, 2, 3, 11, 13, 15–17, 19, 22, 31, 32, 37, 39, 45, 48, 54, 58, 64, 68, 75, 81, 92, 99, 108, 109, 113, 116, 117, 124, 125
- CALIBRE, 25
- canivete, 119
- Carlos Patrão, 5
- Carlos Zorrinho, 58, 88
- Carrier Grade Linux, 101
- cartel, 18
- CDS/PP, 5
- CEGER, 34, 46, 129
- certificado, 34
- certificação, 34, 45
- China, 25, 131
- Choque Tecnológico, 14, 41, 121

- Cisco, 59, 61, 122
 Cobrador de Fraque, 85
 CodeHaus, 83
 Comissão Europeia, 21, 39, 51, 111
 Compiz, 99
 Compière, 83
 Comunidade, 2, 3, 9, 12, 27, 30, 41, 49, 57, 65, 83, 93, 101, 113, 115, 117, 127
 conferência, 7, 25, 32, 45, 59, 73, 79, 87, 107, 115, 119
 Connectiva, 16
 Conselho Europeu, 21
 Copyleft, 8
 COSPA, 25
 Covilhã, 67
 Creative Commons, 9, 43, 49, 97
 cyber squatting, 30

 Dan Kohn, 110
 Debian, 3, 31, 73, 107
 Dell, 17, 81, 123
 Desktop Search, 79
 Desktop semântico, 79
 Diogo Vasconcelos, 4, 5, 28
 DOS, 1, 2, 4, 5, 7, 13, 16, 17, 19–21, 23, 25–27, 30, 32–35, 37, 39, 41, 43, 45, 47–49, 51, 53, 55, 57, 59, 61, 63–65, 68, 69, 71, 73–75, 77, 79, 81, 84, 85, 87, 89, 91–93, 95, 97, 99–101, 103, 105, 107, 109–111, 113, 115–117, 119, 121, 123–125, 127, 129, 131
 DRM, 77, 111
 Dário Teixeira, 30

 Efeito Bota Botilde, 65, 66
 EMI, 111
 Engenharia Informática, 67
 ensino secundário, 19, 26, 43
 ERP5, 83
 escola primária, 26
 Espanha, 25, 27, 71, 77, 128

 Estados Unidos, 5, 25, 36
 Estremadura, 3
 estágios de verão, 22, 32
 eurodeputados, 21, 23
 Europa, 16, 21, 23, 25, 81, 88, 104, 111
 Evolution, 76
 Exchange Server, 76
 Expresso, 35, 37

 FCCN, 5, 28, 121
 FCT, 81
 FCUL, 5
 FEUP, 35
 Firefox, 1, 3, 34, 43, 45, 48, 69, 79, 83, 89, 117, 119, 121
 FISL, 69
 FOSDEM, 107
 FP6, 25
 França, 25, 48, 69, 73, 77
 Free Standards Group, 101
 FreeDesktop.org, 75, 101

 Gary Hamel, 59
 GIASE, 41
 GIL, 30, 69
 GilDot, 30, 45
 Globus, 27, 28
 GLUA, 69
 Gmail, 53, 95, 119
 Gnome, 11, 47, 75, 79, 83, 99, 101, 107
 GNU, 7, 13, 41
 Google, 21, 33, 40, 49, 53, 54, 57, 59, 62, 69, 79, 95, 109, 119, 121, 130
 governo, 4, 6, 12, 14, 16, 20, 26, 34, 36, 38, 41, 46, 55, 57, 72, 74, 79, 88, 97, 120, 122, 123, 126, 129
 GPL, 7, 19, 37, 39
 Grid Computing, 27, 43, 45
 Grupos de Utilizadores, 69
 Gspace, 119

- guerra dos browsers, 43
- Guido Van Rossum, 53
- GUL-ISCTE, 69
- Gustavo Cardoso, 8

- HP, 17, 101, 123

- IBM, 18, 19, 35, 46, 58, 93, 101, 123, 125, 128
- IDEO, 59, 61
- IGIF, 32
- IKEA, 71
- INESC, 28
- inovação, 8, 14, 16, 19, 23, 41, 43, 45, 59, 61, 88, 89, 119, 131
- Instituto de Informática, 32, 128
- Intel, 28, 35, 37, 59, 65, 101, 123
- Inteli, 97
- Internet, 1, 5, 15, 20, 30, 32, 34, 48, 49, 55, 69, 77, 81, 89, 95, 97, 100, 103, 107, 109, 115, 117, 121, 129, 131
- Internet Explorer, 89
- iPhone, 131
- IPv6, 5
- IRC, 49
- ISCAP, 115
- ISCTE, 7, 28, 30, 32, 37, 68, 69
- ISO, 34, 67, 125, 128
- IST, 7, 28, 68
- iTunes, 63, 64, 111

- Jails, 73
- Jaime Fidalgo, 61
- Janice Frasier, 59
- Jim Gettys, 107
- John Kao, 59
- Jorge Sampaio, 7
- José Sócrates, 129
- João Caldas, 5
- João Correia de Freitas, 41
- João Paulo Meneses, 105
- João Tiago Silveira, 58

- Junta da Extremadura, 31

- KDE, 3, 9, 11, 13, 21, 41, 46, 47, 65, 75, 83, 101, 107
- Kernel, 5, 13, 41, 45, 47, 57, 65, 101
- Konqi, 75
- Kontakt, 76

- LAN Party, 35
- Lawrence Lessig, 8
- licenciamento, 3, 9, 13, 19, 21, 32, 51, 111
- LiMuX, 113
- Linden, 127
- Linex, 3, 12, 31, 82
- Linus, 37, 42, 58, 75
- Linus Torvalds, 7, 11, 47, 57, 101
- Linux, 2–5, 7, 11, 13, 15–17, 19, 20, 24, 27, 30–32, 34, 35, 37, 41, 43, 45
- Linux 2005, 11, 45
- Linux 2006, 58, 73
- Linux 2007, 109, 113, 115
- Linux Chix, 69
- Linux Foundation, 101, 110, 113
- Linux Journal, 55, 105
- Linux Standard Base, 101
- lobby, 25
- localização, 72, 75, 89, 108
- Luís Arriaga da Cunha, 31
- Luís Pedro Coelho, 41

- Mac, 15, 63, 65, 81, 87, 105, 123, 131
- Mac Os X, 65
- MacOS, 17, 100, 123
- Mainframe, 35, 37
- Mambo, 1, 21, 83
- Mandrake, 16
- Mandriva, 16, 39, 48, 81, 99
- Manuel Castells, 8, 49
- Marcelo Branco, 9
- Marcos Torres, 57
- maremoto, 1
- Mariano Gago, 5, 43, 56

- Mark Shuttleworth, 91
 Marketing, 1, 123, 130
 Massachusetts, 36
 matryoshkas, 87
 Media Center, 32, 45
 memorando, 122
 mesh networking, 107
 Microsoft, 9, 11, 12, 17, 20, 25, 33, 40, 48, 53, 57, 62, 65, 68, 70, 79, 88, 89, 93, 99, 103, 111, 113, 120, 121, 123–125, 128, 131
 middleware, 27
 Migrações, 14, 15, 19, 105
 Ministério da Economia, 87
 Ministério da Educação, 38, 41, 46, 107
 Ministério da Justiça, 16, 37, 45, 56, 127
 Ministério da Saúde, 32
 MIT, 35, 55
 MIT Open CourseWare, 56
 Mitchell Baker, 89
 Montalvão Machado, 37, 56
 Moodle, 83
 Mozilla, 1, 43, 89
 Munique, 3, 37, 45, 110, 113
 MySQL, 83
 MythTV, 32

 Netscape,, 1
 NetWare, 93
 New York Times, 45, 100
 NeXT, 62, 65
 NEXTSTEP, 65
 Nicholas Negroponte, 35, 107
 Nokia, 23, 35, 55
 Novell, 16, 19, 48, 93
 NVIDIA, 100

 OASIS, 11, 35, 46
 Octal, 92
 OLPC, 107
 Ontologias, 79

 OOXML, 125, 128, 131
 Open Document Format, 67, 125
 Open Source Maturity Model, 83
 OpenBRR, 83
 OpenOffice, 1, 3, 9, 11, 13, 34, 36, 40, 41, 43, 45, 48, 67, 69, 117
 Oracle, 35, 47, 93
 Orkut, 7, 53
 OS/2, 94
 OSDL, 101, 110
 OSS2005, 25
 Ourém Cyber Party, 35
 Oxigen, 41

 P2P, 48, 63
 Parlamento Europeu, 21, 23, 45
 Patente, 21, 39
 Paulo Moura Guedes, 41
 Paulo Querido, 35, 105
 PC Conectado, 20
 PCP, 4, 5
 Pedro Neves, 32
 Pedro Palhoto, 32
 Pedro Pinto, 57
 Pedro Roque, 5
 Pedro Veiga, 5
 Phil Clay, 55
 pirata, 77, 85
 PJ, 30
 PKCS, 34
 Plano Tecnológico, 7, 41, 43, 57, 58, 88, 122
 Plug, 69
 PodCasts, 99
 Polícia Judiciária, 3
 POR TI, 123
 Porto Cidade Tecnológica, 69
 Portugal, 5, 10, 11, 18, 20, 23, 24, 27, 28, 30, 32, 43, 46, 47, 49, 55, 57, 59, 69, 73, 77, 81, 86, 92, 97, 109, 115, 121, 125, 127, 128, 131
 portátil, 17, 45, 56, 107, 122

- Postfix, 113
- Postgres, 83
- Power5, 37
- Priberam, 89
- projecto Portland, 101
- PS, 4, 5, 74
- PSD, 4, 5, 37
- Python, 53

- Qatar Airways, 24
- Quatro SI, 24

- Red Hat, 48, 75, 93, 101
- REST, 93
- Richard Stallman, 7, 19, 56
- RMML, 69
- Rockfeller, 91
- RSA, 35
- Ruby on Rails, 59

- Sakai, 83
- salas TIC, 4, 41, 46
- Salvador Abreu, 31
- SAP, 23
- Sapo, 100, 121
- Second Life, 127
- Shift, 79, 80, 87, 98
- Siemens, 17, 23, 123
- Sillicon Valley, 59
- Simplinux, 69
- SITIC, 123
- Skype, 116, 119
- SlashDot, 30
- Software Libre, 119
- Sony, 17, 81
- Sourceforge, 4, 83
- Stanley Milgram, 7
- Steve Jobs, 62, 65, 131
- SUN, 11, 57, 58, 95, 122, 125, 128
- SuSE, 16, 48, 75, 93, 101
- Sybase, 11, 58, 109, 113

- Sérgio Amadeu, 12, 16, 20, 110
- Sérgio Rosa, 20

- Tablet PC, 55
- TAP, 24
- TCO, 35, 46
- TeraGrid, 27
- Thawtew, 91
- ThinStation, 96
- Thomas L. Friedman, 45
- Thunderbird, 34, 79
- TIC, 4, 41, 46, 87, 107, 123
- TMN, 92
- TomCat, 113
- Toscana, 26
- Toshiba, 17, 123

- Ubuntu, 48, 91, 92, 99, 117
- UMIC, 4, 6, 28, 38, 42, 43, 57, 97
- Uminho Campus Party, 35
- UML, 73, 87
- UNESCO, 20
- Universidade Aberta da Catalunha, 80
- Universidade Católica, 97
- Universidade de Aveiro, 127
- Universidade de Coimbra, 28, 57
- Universidade de Stanford, 62, 97
- Universidade de Évora, 31, 82
- Universidade do Porto, 28
- Universidade Portucalense, 115
- Usabilidade, 41, 47, 83, 95

- VeriSign, 91
- Viena, 3
- virtualização, 47, 73, 87, 93
- Vista, 9, 37, 47, 48, 90, 99, 103, 111, 131
- VM Ware, 87
- Vodafone, 92
- VOIP, 61, 121

- Web 2.0, 59, 61, 119

Web Archive, 100
Webktop, 95
Wienux, 3
WiKi, 42, 44
Wikipedia, 1, 49, 103, 129
WikiScanner, 129
Windows, 1, 3, 11, 17, 19, 20, 34, 55, 56, 79, 81, 85,
87, 93, 96, 99, 103, 105, 117, 123
Wired, 12, 129
Wireless, 32, 50, 75, 115
World of Warcraft, 50

X-Windows, 56
Xangai, 25
Xen, 47, 73, 87

YouTube, 99, 119

Zeev Suraski, 110
Zotero, 119